



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Silvana Mindua Vidal Veríssimo

Infância Guarani, travessia, brincadeira: *Kyringue onheovangaa*

Florianópolis

2024

Silvana Mindua Vidal Veríssimo

Infância Guarani, travessia, brincadeira: Kyringue onheovangaa

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Profa. Luciane Maria Schlindwein, Dra.
Coorientadora: Profa. Neiva de Assis, Dra.

Florianópolis

2024

Veríssimo, Silvana Mindua Vidal

Infância Guarani, travessia, brincadeira: Kyringue onheovangaa Silvana Mindua Vidal Veríssimo ; orientador, Luciane Maria Schlindwein, coorientador, Neiva de Assis, 2024.

98 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Educação. 2. infância guarani. 3. brincadeiras. 4. educação. 5. escola. I. Schlindwein, Luciane Maria . II. Assis, Neiva de. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

Silvana Mindua Vidal Veríssimo

Infância Guarani, travessia, brincadeira: *Kyringue onheovangaa*

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em dois de agosto de dois mil e vinte e quatro, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Geni Daniela Nunez Longhini, Dra.
Articulação Brasileira de Indígenas Psicólogos/ Comissão Guarani Yvyrupa

Prof. Elison Antonio Paim, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Diana Carvalho de Carvalho, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Educação

Prof. Ademir Valdir dos Santos, Dr.
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Luciane Maria Schlindwein, Dra.
Orientadora
Profa. Neiva de Assis, Dra
Co-orientadora

Florianópolis, 2024.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer muito Nhanderu que para mim é uma força maior, que me guia e ilumina a todo momento da minha vida.

Agradeço a todos que ajudaram durante todo esse tempo do meu percurso, muito aprendizado levo na minha vida.

Agradeço muito a minha família, meus filhos Enzo e Marcelo que vivem comigo.

Meu companheiro Adailton Moreira, minha sogra Fátima Moreira e assim, todos que convivem comigo diariamente e que me deram força nesta caminhada acadêmica.

A todos os seres humanos incríveis que conheci no grupo de estudo, assim como a todos os professores.

Anciões que pude estar, presenciar ou ouvir suas histórias e que fizeram parte do meu projeto, foi um prazer enorme conhecê-los;

Em memória do Ancião seu Alcindo Whera tupã, nos deixou esse ano, que partiu desse plano.

À orientadora, professora doutora Luciane Maria Schindwein e coorientadora professora doutora Neiva de Assis que tiveram uma grande importância de participação para elaboração deste trabalho, minha profunda **agyujete** pelo aprendizado que tive, força de vontade e confiança que tiveram comigo.

A todos professores das disciplinas que cursei.

A aldeia Yynn Moroti Wherá por me acolher, especialmente, a cacica Celita Antunes Hyral Moreira, por me dar a oportunidade de fazer esse trabalho que é um importante registro.

Dona Roseli Moreira, Dona Lurdinha e Dona Fátima, que sempre estiveram à disposição para conversar comigo, sempre colocando reza por todos, aprendi com elas a humildade e a compreensão sobre as coisas, sobretudo a como ter sentimentos sinceros.

AGYUJEVETE !!!!!!!

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem por objetivo central investigar as brincadeiras na infância das crianças Guarani Mbyá. Nossa terra indígena Yynn Moroti Wherá está localizada na Cidade de Biguaçu, no Estado de Santa Catarina. Nossa proposta pretende dar destaque para as brincadeiras, jogos e saberes dos nossos ancestrais, mantendo a tradição do Nhanderekó (modo ser e ensinar) Guarani. Manter a tradição na constituição física, mental, emocional, espiritual e social da criança Guarani (o ser criança Guarani), ao registrar na linguagem escrita a sabedoria oral e as práticas vivas Guarani. Os dados foram produzidos a partir de conversas com anciões e anciãs de sete aldeias Guarani na região da Grande Florianópolis. Estas conversas foram registradas em áudio, com o auxílio do celular e em fotografias. Ao mesmo tempo, uma proposta de um espaço para as crianças guaranis em nossa aldeia foi se materializando. Trata-se de uma ideia que vem sendo pensada por mim desde minha formação no ensino médio e que ganhou força com a graduação em licenciatura indígena. Com o apoio de muitas pessoas, entre elas não indígenas, este espaço para a infância foi construído e hoje se constitui em uma proposta de acolhimento das crianças, na aldeia. As pressões que os povos indígenas vêm sofrendo no Brasil, a necessidade de buscar meios de vida fora da aldeia e a diminuição de nossas terras, são fatores, entre outros, que vêm comprometendo nossas tradições e modos de vida comunitária. Esta dissertação pretende dar visibilidade a esta problemática, destacando a necessidade de sermos reconhecidos como brasileiros, sujeitos de direitos, assim como nossas crianças, que têm direito a infância na tradição guarani. A partir do conhecimento científico sistematizado neste relatório, espera-se contribuir na valorização da cosmologia Guarani, tradicionalmente oralizada.

Palavras-chave: infância guarani; brincadeiras; educação; escola.

ABSTRACT

The central aim of this research project is to investigate play in the childhood of Guarani Mbyá children. Our indigenous land, Yynn Moroti Wherá, is located in the city of Biguaçu, in the state of Santa Catarina. Our proposal aims to highlight the games, plays and knowledge of our ancestors, maintaining the tradition of the Guarani Nhanderekó (way of being and teaching). Maintaining tradition in the physical, mental, emotional, spiritual and social constitution of the Guarani child (the Guarani child being), by recording Guarani oral wisdom and living practices in written language. The data was produced from conversations with elders from seven Guarani villages in the Greater Florianópolis region. These conversations were recorded on audio, with the help of a cell phone and photographs. At the same time, a proposal for a space for Guarani children in our village was materializing. It's an idea that I've been thinking about since I graduated from high school and which gained momentum with my degree in indigenous studies. With the support of many people, including non-indigenous people, this space for children was built and today it is a proposal for welcoming children into the village. The pressures that indigenous peoples have been under in Brazil, the need to seek a livelihood outside the village and the shrinking of our lands are factors, among others, that have been compromising our traditions and ways of community life. This dissertation aims to give visibility to this problem, highlighting the need for us to be recognized as Brazilians, subjects of rights, just like our children, who have the right to childhood in the Guarani tradition. Based on the scientific knowledge systematized in this report, we hope to contribute to the appreciation of the traditionally oralized Guarani cosmology

Keywords: guarani childhood; play; education; school.

NHANDEAYVU PY

Kova'e mba'eapo ma oetchauka Kyringue nheovangaa mbya reko pygua. Ore rekoa yynn moroti whera tetã biguaçu-sc pygua kova'e mba'eapo ma nhevanga reko régua, nhande ramoi kuery arandua rupi . Nhande reko puma nhande nhe'e nhande akanpy nhande rete djareko há'egui kyringue oguereko arando Kova'ema kuatchia puma nhande ayvua onhemboparaa opyta vã. Kova'e ayvu ma tchamoi tcharyi kuery ayvu omboaxa va'ekue tekoa rupi. Florianópolis pygua kuery . Tchamoi kuery i'djayvu aguerupi ore apy tekoa py rodjapo petein nhembo'e aty kyringue'i kuery pe. Kova'e kuatchia ambopara retavaekuery pe amonbe'u avã mbaexapa nhande kuery djaiko tekoa py

Ñe'ẽ clave rehegua: kyringue reko; nheovangaa; nhemboéa; nhemboéaty

SUMÁRIO

| | | |
|----------|----------------------------------------------------------------------|-----------|
| | APRESENTAÇÃO | 10 |
| 1 | INTRODUÇÃO | 16 |
| 2 | BREVE CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA..... | 18 |
| 3 | A PESQUISA E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO | 23 |
| 3.1 | O PANORAMA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NÃO INDÍGENA SOBRE A INFÂNCIA..... | 23 |
| 3.2 | A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO GUARANI | 28 |
| 4 | O BRINCAR E O SISTEMA DE VIDA GUARANI..... | 39 |
| 5 | O CAMINHO DA PESQUISA | 44 |
| 5.1 | MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A INFÂNCIA GUARANI..... | 45 |
| 5.2 | SABEDORIA DAS ANCIÂS E ANCIÃOS | 64 |
| 6 | AS BRINCADEIRAS DA TRADIÇÃO GUARANI..... | 80 |
| 6.1 | DANÇA DOS XONDARO | 80 |
| 6.2 | BRINCADEIRA DAS ABELHAS | 80 |
| 6.3 | TAKURUXU (QUATRO DIREÇÕES)..... | 81 |
| 6.4 | ZARABATANA..... | 81 |
| 6.5 | BRIGA DE GALO | 82 |
| 6.6 | SOL E LUA (KUARAY JAXY)..... | 82 |
| 6.7 | TANGUARA MIRIM | 83 |
| 6.8 | JOGO DA ONÇA..... | 84 |
| 6.9 | BRINCADEIRA DE (MANDI'O) MANDIOCA | 84 |
| 6.10 | A ÁGUA..... | 85 |
| 6.11 | A TERRA | 85 |
| 6.12 | O FOGO | 86 |
| 6.13 | O AR..... | 86 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 89 |
| | REFERÊNCIAS..... | 92 |

APRESENTAÇÃO

As minhas memórias se encontram nesta pesquisa de mestrado! Identifico que existe, no meu ser, um querer de nunca deixar essa minha criança e as aprendizagens que me constituíram se perderem. Acredito que todos nós carregamos memórias de ser criança.

Eu lembro como nós brincávamos muito no quintal da casa de reza (Opy), na beira do rio, subindo nas árvores, inventávamos coisas para brincar, criávamos várias casinhas de barro na beira do rio, brincávamos com bonecas de palha de milho e até mesmo achávamos interessante inventar bonequinhas com folhas secas que encontrávamos. Recordo que sempre andávamos e brincávamos em várias meninas, vez e outra alguns meninos ficavam de longe olhando, às vezes participavam, outras não. Penso que agiam como vigias, com um cuidado que faziam para nós, porque às vezes, eles gritavam *kyringue*, “crianças voltem pra cá”, ou “não pode fazer assim, que pode machucar”. As borboletas também eram companheiras na brincadeira. Faz tempo que não as vejo, aliás.

Durante o meu percurso da graduação em Licenciatura em Gestão Ambiental, mais especificamente no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pude trazer um pouco da minha história e experiência, memórias da minha avó, como no trecho a seguir:

No tempo de minha avó e de meu pai, o modo de vida era bem diferente do que é hoje, muito ligado ao tempo da natureza. Assim que o sol se punha e escurecia, todos se recolhiam para as casas. Minha avó tinha costume de dormir cedo e acordar cedo, ela não usava relógio, como todos da família, meus tios e tias, meus pais, mas como a maior parte da minha infância foi com minha avó, eu também tinha costume de dormir cedo. Antes a minha avó gostava de contar um conto ou uma história, uma coisa interessante que, contudo, quando ela terminava de contar uma história sempre tinha alguma reflexão ou uma lição de moral no final da história. (Veríssimo, 2020, p.24)

A diversão já começa no simples fato de fazer o seu próprio brinquedo. É uma prática muito relevante, especialmente por não ter relação com o consumo. O Brasil possui culturas próprias sobre a infância, especialmente em comunidades indígenas. Entretanto, estas culturas, em grande parte, foram silenciadas. Tudo o que aprendi durante a minha infância está sendo importante para a aquisição e produção de conhecimento. Proporciona-me refletir sobre a educação na primeira infância e buscar com maior profundidade histórica e cultural a identidade do povo Guarani.

A terra indígena TI - Yynn Moroti Wherá, que significa, na língua Guarani, “reflexo das águas cristalinas”, conhecida também como Aldeia M’Biguaçu, foi delimitada em 1999 e homologada em 2003. A TI situa-se nas margens da BR 101, no km 190, no bairro São Miguel,

no município de Biguaçu, conta com 59 hectares e possui aproximadamente 180 habitantes¹. Ali vivem algumas famílias Guarani Nhandeva/Tchiripa e Guarani Mbya. A classificação dos subgrupos Guarani também leva em conta outros fatores, como as diferenças linguísticas e culturais. Por exemplo, os Guarani Mbyá que vivem no Paraná falam kyrin va'e – criança, enquanto os Guarani Nhandeva que vivem em Santa Catarina falam mitã – crianças. Sabe-se que existem vários subgrupos Guarani que vivem em outras regiões, que falam uma variante regional do Guarani, além do português.

A minha vida toda foi na tekoa, que é um território. Antes de ser luta é a nossa terra mãe ancestral. Ao longo do meu crescimento comecei a olhar mais atentamente para as crianças, e me chamou a atenção o jeito delas brincarem e aprenderem cotidianamente. Eu me sentia muito próxima às crianças e, ainda hoje, sempre que possível, estou com elas por perto, brincando e interagindo, o que me faz relembrar a minha época de infância. Sempre fui apegada a esses sentimentos, às sensações e a essas memórias, e os trato com certo cuidado. Essa ponderação está impregnada no meu pensar e fazer ao articular a infância, do ponto de vista de quem a viveu sendo uma criança Guarani, na travessia com a mulher adulta que, no presente, atua como professora na aldeia.

Entendo que a educação Guarani possui um papel de preservação e fortalecimento dos costumes da comunidade, permitindo que a criança aprenda desde a fase inicial do crescimento, por sua própria iniciativa a olhar, observar, interagir e acompanhar as outras pessoas no seu convívio diário, como forma de aprender o que farão no futuro como membro da família, ou seja, membro de seu povo e de sua comunidade. Conforme o antropólogo Guarani Davi Timóteo Martins (2015, p.53) explica:

Evidencia-se que a percepção e a vivência de tais conhecimentos se dão nas atividades cotidianas em que, em meio de brincadeiras e responsabilidades, as crianças encontram companhia de outras, e relação entre pai, mãe, avós e tios, descobrindo, compartilhando e retransmitindo uns aos outros. Logo se percebe que toda a consequência e acontecimento que vem a acontecer com a fase adulta têm relação direta com o respeitar das regras na infância. Constrói-se na infância toda a fase aprendizagem e compreensão com o mundo, assim como nos cuidados da gestação, e dos pais.

Não é novidade que ao falar da função social da criança na comunidade nos referimos ao brincar mas, ao desempenhar a minha tarefa como professora e com um olhar minimamente sensível, venho refletindo sobre o mundo digital e o uso das mídias por crianças da aldeia. Neste contexto, percebo mudanças na rotina, pois passaram a ficar mais tempo assistindo desenhos e

¹ Uma estimativa feita pela própria TI *Yynn Moroti Wherá* e a Escola Indígena de Educação Básica *Wherá Tupã Poty Djá*.

a jogar videogame, ao invés de brincarem entre elas nos espaços da TI. A comunidade vem passando por transformações muito grandes; os adultos que trabalham fora da TI usam celulares e assistem televisão em excesso. Estes comportamentos, que não eram comuns há 30 ou 40 anos, são reproduzidas pelas crianças.

Uma destas transformações na comunidade diz respeito à minha própria trajetória acadêmica, iniciada no ano de 2008. Eu morava na TI de Rio da Areia, no município de Inácio Martins- PR, e fiz magistério indígena no Colégio Estadual Visconde de Guarapuava – PR. Este curso era composto por uma turma com três grupos indígenas: Guarani, Kaingang e Xokleng/Laklãnõ. Nele, formei-me docente para a educação infantil, anos iniciais e ensino fundamental.

À época, fiz o estágio em duas escolas do município de Inácio Martins, e realmente foi ali, naquele processo de 4 anos de curso que me fez refletir, pensar, olhar mais para a família, os anciãos, as crianças e os adolescentes da TI. Passei a ter mais atenção para o modo como eu observava e o que sentia com tudo aquilo. Foram momentos de lembrar minha infância e atravessar, com outro olhar, o que eu vivenciei enquanto criança. Lembranças que eu precisei acessar para a escrita o TCC, que funcionou como uma espécie de iniciação ao mundo da pesquisa.

Desde o magistério indígena e mesmo depois do término desse curso, não parei mais de atentar ao meu próprio convívio na aldeia, que é algo que me faz bem, principalmente observar, sentir aquele ambiente, aquele espaço onde as crianças vivem e interagem entre as famílias e adultos, participando das cerimônias e atividades cotidianas da TI. Para a pesquisa de TCC mencionada, usei como referência dados da internet, mas naquela época não tinha um acesso fácil às tecnologias digitais como tenho agora.

Ao final da pesquisa realizada, todas as brincadeiras e jogos indígenas que encontrei, tais como peteca e suas regras básicas, jogo da onça, trilha e o futebol, já eram bem conhecidas na TI. Mas me ajudaram a pensar a brincadeira na docência e, assim, comecei a lecionar na escola estadual, cujo nome em Guarani era - Arandu Mirim. Atuei com as crianças desde a educação infantil até o ensino fundamental e as primeiras disciplinas que lecionei foram artes e educação física.

Essa é uma síntese de como começou a minha trajetória como professora e pesquisadora. Cheguei na TI M'Biguaçu em 2015, numa visita conhecendo Adailton Moreira, que hoje é o meu companheiro. Em 2016 ingressei na UFSC, no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, com ênfase em gestão ambiental e concluí a graduação em 2020.

Durante a pesquisa de campo, ainda na graduação, comecei a ficar mais atenta aos pequenos na TI, em aproximação com as famílias, principalmente com as mães, escutava sobre suas necessidades de se deslocarem para a faculdade ou para trabalhar fora da TI por necessidade de sustentar a família, pois contam somente com os recursos do bolsa família² somados às vendas do artesanato. Hoje, pagamos energia elétrica, e para ser empregado é preciso ter estudo e formação.

Com o trabalho de pesquisa do TCC durante percurso da graduação na Licenciatura Intercultural da Mata Atlântica – UFSC, nasceu um projeto para a criação do espaço de convivência para a primeira infância na TI, concretizado em 2023. Com o objetivo de acolher as crianças e as mães, toda a proposta é pensada para trabalhar com as crianças na natureza, com a criação de brinquedos feitos por elas e no fortalecimento das brincadeiras tradicionais Guarani, atreladas ao robustecimento dos vínculos com os mais velhos da aldeia.

Nesse meu percurso desde a graduação, continuei a pesquisa sobre infância Guarani com o foco nos usos da tecnologia na infância na Aldeia de M'Biguaçu – SC. O que me mobilizou foi entender estas transformações na vida das crianças, no modo como brincam e usam os espaços e tempos na infância, com sua ancestralidade, os conhecimentos de nossa história. Na minha época em que vivi minha infância não existia tanta facilidade de acesso a esse tipo de entretenimento. Nós apenas brincávamos nos espaços da TI, convivendo uns com os outros e inventando brincadeiras. Com as observações e lembranças que tenho feito, não lembro de um dia ter ganhado brinquedo, porque não era preciso, qualquer brincadeira que fazíamos era divertida.

Entendo que a criança é como uma exploradora corajosa, pronta para mapear o desconhecido e descobrir novos caminhos ao destemermos seguir em direções diferentes dos habituais, buscando desvendar as potencialidades ocultas nas aventuras que encontra. Poeticamente, essa descrição evoca a ideia de que a criança é uma artista da vida, criando um mundo próprio e repleto de possibilidades à medida que avança em sua jornada. As brincadeiras são uma parte importante da cultura de um povo e podem ajudar a fortalecer e valorizar essa cultura de diversas maneiras.

No que se refere à infância Guarani, é marcada por práticas culturais que enfatizam a vida comunitária, a conexão com a natureza, a transmissão de conhecimentos e valores por meio da oralidade e da vivência cotidiana. Nesse contexto, as crianças aprendem brincando e

² O Programa Bolsa Família é uma iniciativa do governo brasileiro que visa combater a pobreza e a desigualdade social. Ele oferece transferência de renda direta às famílias em situação de vulnerabilidade, condicionada ao cumprimento de requisitos, como frequência escolar e acompanhamento de saúde (Brasil, 2023).

participando das atividades da comunidade, pois são incentivadas a desenvolver habilidades sociais e emocionais, como empatia, cooperação e respeito aos mais velhos.

No entanto, com o aumento do uso das mídias, muitas crianças têm passado mais tempo em atividades individuais, como jogar videogames, assistir televisão ou navegar na internet, produzindo menos oportunidades de interagir e aprender com as outras crianças e os adultos da comunidade. Na infância Guarani, observo as mudanças que têm ocorrido no comportamento das crianças com quem trabalho, vejo um aumento do uso das mídias nas comunidades Guarani.

Muitas crianças Guarani que antes passavam grande parte do tempo ao ar livre, explorando a natureza e brincando com os amigos, agora passam mais tempo dentro de casa, em frente às telas. Além disso, o uso excessivo das mídias pode prejudicar a aquisição da língua materna e da cultura, já que essas crianças têm menos contato com a oralidade e com os saberes tradicionais transmitidos pela comunidade. E por isso o interesse em retomar, descrever, analisar e compreender as nossas brincadeiras tradicionais, suas mudanças e suas relações entre as crianças Guarani Mbyá.

Por outro lado, é importante ressaltar que o uso das mídias também pode trazer benefícios, como o acesso a informações e aos conhecimentos que antes eram inacessíveis aos povos indígenas, além de novas formas de expressão e de conexão com outras culturas e comunidades. O desafio, portanto, é encontrar um equilíbrio entre as práticas tradicionais e as novas tecnologias, de modo a promover o desenvolvimento integral das crianças Guarani.

Portanto, neste trabalho busco ainda acompanhar os elementos que influenciam os processos de aprendizagem das crianças, seus modos de ser e estar no cotidiano na comunidade e compreender a cosmovisão Guarani como essencial. Das qualidades e das dificuldades de diferentes pensamentos/dispositivos na experiência e dos saberes de aquisição e a construção do conhecimento por parte da criança.

Acredito que essa pesquisa de alguma forma possa contribuir para enfrentar um dos desafios que me anima como professora e pesquisadora: trazer a minha compreensão em relação às infâncias Guarani, como se dá a travessia e o seu significado maior, mais potente do que meras brincadeiras. A aproximação com os anciões e educadores indígenas, pesquisadores e crianças Guarani, refere-se ao desejo de criar conexões e diálogos significativos entre esses grupos, tanto no nível empírico (conhecimentos práticos e experiências cotidianas), quanto no nível das linguagens (formas de comunicação, expressão e compreensão do mundo).

A pesquisa, por sua vez, pode contribuir com as suas habilidades e os conhecimentos acadêmicos para fortalecer a educação indígena, trabalhando em parceria com os educadores

indígenas e respeitando suas perspectivas e abordagens pedagógicas. A pesquisa também pode ser uma ferramenta para documentar e valorizar os saberes indígenas, bem como para identificar os desafios e propor soluções para a melhoria da educação indígena.

É preciso reconhecer o quão fundamental é que sejam respeitados em sua cultura e língua materna, como afirma o artigo 231 da Constituição Federal de 1988- CF/1988:

Art.231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (Brasil, 1988, [n.p.].).

Então, apenas reafirmo aqui o que já é direito reconhecido na norma máxima do Brasil e em outras leis: de que os povos indígenas tenham acesso a uma educação de qualidade e que valorize as suas identidades, saberes e a sua língua materna. Neste sentido, conhecer a infância Guarani e refletir sobre como era vivenciada em tempos passados e interpretar, de forma articulada, com as vivências das infâncias contemporâneas no que se refere ao processo educativo, é uma forma de reiterar, no plano concreto, o direito posto.

Isso porque a inclusão da perspectiva Guarani no processo educativo contemporâneo é fundamental para preservar e fortalecer a riqueza cultural deste povo. Ao valorizar e respeitar o conhecimento ancestral, a língua, as práticas tradicionais e as formas de organização social Guarani, cultiva-se uma educação atenta às identidades e necessidades das crianças, permitindo-lhes desenvolver-se plenamente como indivíduos e membros ativos de suas comunidades.

Em síntese, o trabalho que aqui se apresenta vem sendo forjado desde 2008, quando eu tinha 16 anos e fui fazer o curso magistério nos anos finais do ensino médio. Em 2009 fui trabalhar na escola, como professora de educação infantil e artes. Naquela época e naquela escola, não havia professora não indígena dando aula na educação infantil. Fui percebendo o quanto as minhas memórias de infância não estavam presentes no cotidiano da escola

Comecei a investigar e fui percebendo que as crianças guarani precisavam sim aprender a ler e escrever, mas que não precisariam perder o contato com sua cultura ancestral. Minhas inquietações foram se ampliando, e pensei que deveria garantir atividades tradicionais guaranis no cotidiano da escola, tais como mexer na argila, tomar banho de rio, brincar na natureza e valorizar as tradições guarani.

Foi o primeiro grande entrave meu com as lideranças: me diziam que a escola deveria ser organizada de acordo com os modelos não indígenas. E eu não estava conformada com isso! E ensinava as brincadeiras que eu conhecia. E tinha o respaldo do magistério indígena, que eu

havia estudado. Fiz algumas consultas no GOOGLE e no YAHOO, sobre a cultura infantil guarani e não encontrei nada, na época. Até achei umas cantigas populares, mas que não retratavam a nossa cultura. Encontrei referências nas aldeias do norte do país.

A realização da Licenciatura intercultural indígena, na UFSC me permitiu manter meus princípios acerca da valorização da ancestralidade infantil guarani. Elaborei um TCC que resgatava as brincadeiras e me vali muito das minhas memórias para elaborar a pesquisa de final de curso de graduação.

Queria pensar um espaço de convivência nos modelos de bem viver guarani e não queria repetir o modelo de creche não indígena. Minha necessidade de vida me mobilizou a pensar uma escola para a educação indígena, na infância. Na época, o uso de celulares pelas crianças me preocupava. Assim como, também, me inquietava o fato de que as crianças não ouviam com a mesma alegria e atenção os mais velhos. Me perguntava: Como mobilizar as crianças a ouvirem as histórias dos avós? O que fazer para fortalecer a ancestralidade como parte essencial na nossa constituição? Eu sou do povo Guarani e, para mim, os anciões são os verdadeiros professores.

Com estas ideias, a proposta do espaço de convivência foi sendo gerada, ainda no TCC. E, para mim, a estrutura do espaço escolar para a infância deveria ser próxima da casa de reza, inclusive em seu formato oitavado. E, como falam nossos ancestrais, a casa de reza é o nosso espaço de conhecimento. É o lugar do pensamento, do silêncio, das histórias, dos cantos, das rezas. É um espaço coletivo! De viver o coletivo!

Precisou muita discussão com a cacica Celi, para que ela aceitasse o projeto.

E eu precisava argumentar que não se tratava de querer uma creche, como os não indígenas fazem. Reconheço a importância da minha formação acadêmica para garantir os argumentos sobre a necessidade de elaborar este espaço de vivência da infância guarani na aldeia. Muitas pessoas ajudaram e eu mesma fiz o protocolo para solicitar uma creche junto ao pró cidadão.

Fiz o projeto, contei minha história na rede social do Instagram. Cinco empresas participaram no apoio financeiro para a construção deste espaço. Ao final desta dissertação, junto com minha pesquisa sobre as lembranças de brincadeiras realizada com os anciões e anciãs das sete aldeias Guarani situadas na região da grande Florianópolis, posso afirmar que o espaço para a infância na nossa aldeia é hoje uma realidade! Um espaço de brincadeira, de conhecimento, de garantias de tradições principalmente da oralidade, porque as crianças estão aprendendo muito rápido o português por conta do celular.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se constitui como uma pesquisa de mestrado, sendo produzida como critério avaliativo para obtenção do título de mestra em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Trata-se da investigação sobre o conhecimento Mbyá Guarani, método de ensino e aprendizagem para a infância, saberes tradicionais no Nhanderekó, que se refere aos ensinamentos que o povo guarani segue, intervindo diretamente no desenvolvimento da criança. Sendo assim:

Nhandereko é como nós, Guarani Mbyá, chamamos o que o Juruá chama de cultura. Mas nhandereko para nós é mais do que isso. É todo o nosso modo de ser, o nosso modo de viver, o jeito como nós educamos nossos filhos e nossas filhas, como enxergamos o mundo, como nos relacionamos com a nossa espiritualidade. É impossível para o Juruá entender o que é o nhandereko, porque somente vivendo é que se compreende o que ele é (Guerra, 2021, p. 22 *apud* Comissão Guarani Yvyrupa, [s.d.], [n.p.]).

É a partir dessas bases que investigo a brincadeira na infância na perspectiva da visão Guarani e a relação dos saberes ancestrais com a constituição física, mental, emocional, espiritual e social da criança Guarani (o ser criança Guarani). Discuto, a partir da revisão de literatura, as contribuições dos autores não indígenas e dos autores indígenas para refletir sobre o desenvolvimento infantil, mas, sobretudo, para subsidiar a criação e a manutenção de um espaço para a educação da infância que garanta e privilegie as tradições culturais relacionadas à cosmovisão Guarani, fortemente atrelada à noção de ancestralidade e aos espaços sagrados de reza. Este pressuposto justifica o compartilhamento, neste registro escrito, da sabedoria oral experienciada nas práticas vivas Guarani, reforçadas com desenhos, ilustrações e fotos e, principalmente, pelas contribuições dos relatos memorialísticos dos anciões e anciãs guaranis, que guardam e subsidiam o fortalecimento da memória e da tradição das brincadeiras do povo Guarani.

Qual a concepção de infância na cultura Guarani? Quais são as principais práticas culturais relacionadas à infância na comunidade Guarani? Como a comunidade Guarani aborda a educação infantil? Quais brincadeiras, brinquedos e jogos estão presentes cotidianamente entre as crianças e nas memórias dos mais velhos?

Para justificar a escolha deste tema, é importante considerar a relevância social, histórica e cultural dos povos originários, bem como a possibilidade de contribuir para o fortalecimento do conhecimento sobre a cultura Guarani e promover uma reflexão crítica sobre as formas de relação entre as diferentes culturas. A infância Guarani é um tema relevante de

pesquisa, pois nos permite entender a cultura desse povo presente não apenas no território brasileiro. Além de contribuir para a valorização da diversidade cultural e o respeito às diferenças no contexto educativo.

O objetivo principal da pesquisa foi investigar as brincadeiras presentes na infância Guarani Mbyá e contribuir para o processo de valorização e fortalecimento da cultura Guarani. Os objetivos específicos foram: a) mapear a produção científica sobre a infância e brincadeiras sobre o povo Guarani; b) conhecer brincadeiras tradicionais do povo Guarani e c) estabelecer relações entre as brincadeiras tradicionais e a cultura guarani.

Busquei ir além do tema já pesquisado durante o percurso da graduação que visava debater a educação tradicional Guarani e o uso da tecnologia pelas crianças nos dias atuais (Verissimo, 2020), trazendo toda a experiência, as memórias da infância, da avó e as fases específico do desenvolvimento da Guarani Mbyá.

A ciência produziu conhecimentos que ora contribuíram para o desenvolvimento humano e ora produziram padrões de comportamento e de modos de vida, estereótipos que desconsideravam povos originários, como os Guarani. Nessa direção, as discussões sobre a infância na perspectiva Guarani podem problematizar e alargar o que já foi produzido sobre a infância.

Nessa direção, a pesquisa de mestrado consistiu na observação participante e registro de entrevistas com os pais e com os mais velhos, trazido em suas memórias, falando sobre sua infância, quais as perspectivas, preocupações hoje refletindo sobre a infância Guarani. Pude perceber como os anciões veem as crianças na atualidade. Busquei metodologias envolvendo diálogo com professores e os anciões (mais velhos) da comunidade para registrar os conhecimentos, experiências, histórias e memórias. Trazer à tona, conversar e registrar sobre como são educadas e como o povo Guarani compreende a infância, poderá contribuir para a desconstrução de uma concepção universal de infância ainda vigente na educação e nas teorias sobre desenvolvimento humano.

A ênfase deste estudo está em abordar a importância da oralidade para a formação e a educação das crianças Guarani. Com essa pesquisa, quero investigar, registrar e acompanhar o processo de valorização e fortalecimento da nossa cultura pelas brincadeiras, brinquedos e jogos presentes na primeira infância Guarani, em contraponto com os desafios crescentes, com o uso excessivo de mídias nas TI que tem sido rivalizado com a manutenção das nossas tradições.

2 BREVE CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

O povo Guarani tem uma visão de mundo que se baseia na relação harmoniosa entre todos os seres vivos, em equilíbrio entre o mundo espiritual e o mundo material. A educação tradicional³ Guarani enfatiza a importância da vida vivida na aldeia, da sabedoria ancestral e do aprendizado por meio da observação e da participação em práticas cotidianas e nas trocas de saberes. O conhecimento é compartilhado coletivamente pela oralidade e a função essencial dos mais velhos, pais e os anciões da aldeia é o de guiar e facilitar o processo de aprendizagem, ao invés de impor para ensinar as crianças.

A educação das crianças faz parte da vida, do cotidiano, das relações com a natureza. Entretanto, a escola na aldeia, guarda mais proximidade com as escolas de fora da comunidade, exigindo discussões recorrentes sobre calendário e organização escolar, com a secretaria de educação. Aliado a estes fatores e com o intuito de garantir um espaço para a infância em sintonia com os modos de vida da aldeia, foi se delineando, para mim, um desejo de construir uma escola de educação infantil na aldeia.

Tal desejo foi sendo gestado com enfrentamentos dentro e fora da aldeia, mas fomos construindo argumentos que pudessem transformar o sonho em realidade. Um lugar que valorizasse a infância, coerente com os princípios e valores do povo Guarani.

A escola na aldeia é hoje uma realidade. Além de uma estrutura física inspirada da casa de reza (Opy), temos a perspectiva de uma escola que valorize e fortaleça os valores da tradição Guarani. É uma escola que busca a superação de um modelo escolar não indígena. Este modelo é muitas vezes imposto pela rede de ensino e não leva em conta a interconexão que o povo Guarani cultiva entre os seres vivos e a importância da vida em comunidade.

A aldeia indígena Yynn Moroti Wherá (reflexo das águas cristalinas), também conhecida por M'Biguaçu, está situada próximo ao bairro São Miguel, no município de Biguaçu, na rodovia BR 101 – km 190. Possui 59 hectares onde vivem 32 famílias e aproximadamente 180 pessoas (Figura 1). As famílias se dividem em 35 casas, sendo a maioria de alvenaria. Na aldeia, além dos moradores locais, há alguns funcionários públicos, como professores, dois agentes de saúde e um agente de saneamento básico. Além disso, vários artesãos contribuem para a renda familiar por meio de suas práticas. No entanto, a necessidade de trabalhos assalariados para complementar a renda levou as pessoas a se tornarem cada vez

³ Considera-se educação tradicional aquela que se constituiu em uma trajetória secular, na qual os ensinamentos eram transmitidos de geração em geração, resguardando os valores e princípios do povo originário Guarani.

mais dependentes da temporalidade regida pelo relógio, em vez de seguir o ritmo natural do ambiente.

No interior da aldeia, estudam 75 alunos na Escola Indígena de Educação Básica Wherá Tupã Poty Djá (Senhor dos Raios e Senhora das Flores), do primeiro ano do ensino fundamental até o ensino médio e educação de jovens e adultos.

Figura 1: aldeia Yynn Moroti Whera



Fonte: Google Maps, 2023.

Na imagem acima (Figura 1) apresento um registro do espaço cerimonial durante um evento da aldeia entre 18 de agosto e 5 de setembro 2022, momento em que aconteceu um ritual que chamamos de ka'aguy nhembo'e – busca da visão – que acontece no mês de agosto. Toda a família e até os não indígenas participam deste cerimonial, que dura 13 dias, que está incluído no calendário escolar.

A busca da visão é um evento cultural Guarani. De acordo com calendário Guarani, os meses de julho e agosto são chamados de ara pyau – (tempo novo). É quando a direção do sol muda de lugar, momento em que os não indígenas entendem como o fim de inverno e início da primavera. É um ritual tipicamente Guarani e, até bem pouco tempo atrás, era restrito aos indígenas. Entretanto, a partir de um encontro entre o ancião Alcindo Whera Tupã Moreira com um não indígena (que usava medicina e que conduzia a busca da visão), o ancião abriu as portas para que os não indígenas pudessem participar das cerimônias Guarani, como o batismo e a busca da visão.

Um ano antes começa a preparação para a atividade cultural que dura 13 dias: a aldeia fica fechada para as visitas e entradas de pessoas não indígenas e também está incluída no calendário escolar, como já afirmamos acima.

Durante esses 13 dias as pessoas fazem um retiro espiritual e tem etapas para serem seguidas, até fechar o ciclo. No primeiro ano de busca, por exemplo, os “buscadores” ficam 4 dias na floresta em jejum. No segundo ano de busca são 7 dias; no terceiro, 9 dias e, no quarto e último ano de busca são 13 dias. Existe todos um processo para com as pessoas que queiram fazer a busca (especialmente os não indígenas). Então, primeiramente existe um propósito que cada um se propõe a fazer nessa aventura – que nada mais é do que um processo de autoconhecimento de si próprio. E tem toda a preparação, todas as rezas que cada um traz e leva consigo. A imagem abaixo é uma demonstração de como toda família está dando apoio com os cantos e danças. Durante o evento, todas as manhãs e todas as tardes todos são convidados para cantar. Pela manhã ocorre a apreciação do sol e, à tarde, os cantos para dar boa noite. É um modo de a comunidade indígena dar o seu apoio para cada “buscador” que está na floresta.

Não é um ritual originalmente do povo guarani, mas fruto de um intercâmbio mais recente e trocas com outros povos.

Figura 2: cantos e danças



Fonte: arquivo da autora

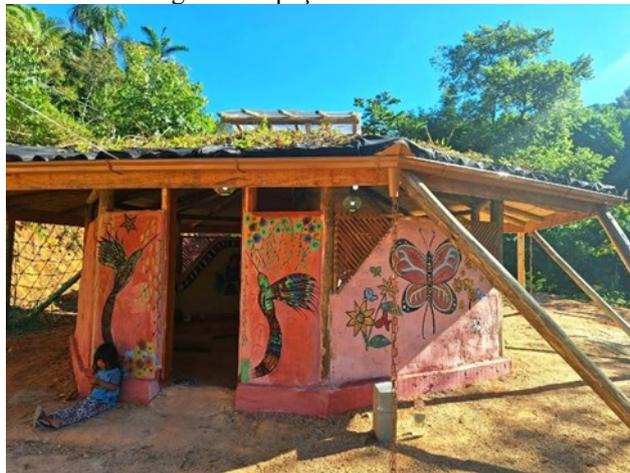
Como já descrito acima, a organização coletiva, o respeito ao coletivo é algo inerente à cultura do povo Guarani. E, conciliar esses dois modelos de educação – a educação escolar imposta pela secretaria de educação e a educação indígena – pode ser desafiador. Exige a compreensão e o respeito mútuo dos valores e práticas culturais de ambas as partes. É necessário

encontrar um equilíbrio entre a educação escolar regular e a educação Guarani, buscando integrar a sabedoria ancestral com as necessidades do mundo contemporâneo. Isso pode envolver a adaptação do currículo escolar aos valores e as práticas tradicionais Guarani, bem como o envolvimento da comunidade Guarani no processo educacional.

Pensar a criação de um espaço de convivência para a infância, com as crianças, para que elas possam ampliar seus conhecimentos do “mundo” (o mundo fora da aldeia) e, ao mesmo tempo, manter a conectividade com a ancestralidade (Figura 3).

Um bom começo foi pensar em um ambiente acolhedor, seguro e estimulante, com os elementos que permitam a interação com a natureza, como as plantas, os jardins verticais no espaço e ao ar livre, histórias, narrativas orais, cantos e danças. Espaços nos quais as crianças possam explorar e aprender sobre o meio ambiente de forma prática e sensorial. Com essas características, o espaço foi pensado para dar às crianças, a oportunidade de ampliarem seus conhecimentos sobre o "mundo novo" em que vivem. A fotografia⁴ abaixo (figura 3) retrata o espaço para a infância construído na aldeia, a partir do idealizado por mim, com inspiração na casa de reza (nosso espaço mais sagrado na aldeia).

Figura 3: espaço de convivência



Fonte: Arquivo pessoal

Ao mesmo tempo em que realizava o mestrado e pensava um espaço escolar para a infância, que estivesse em coerência com os nossos preceitos guaranis, assumi a elaboração de um livro. Tal projeto foi contemplado com financiamento do edital prêmio de Elisabete Anderle – SC. Para o projeto, escolhemos seis aldeias Guarani: Morro dos Cavalos “Tekoa Itaty, Morro

⁴ O registro fotográfico é algo que venho cultivando, já algum tempo. Tenho registrado as brincadeiras das crianças Guarani, as situações na aldeia. E, em 2022 fui convidada para expor minhas fotos em uma exposição na Reitoria da UFSC.

da Palha “Tekoa Itanhaém”, Biguaçu “Yynn Moroti Whera”, Amaral “Mymba Roka, Major Gercino, “Tekoa Vy’a”, Amâncio “Ygua Porã”.

Para a elaboração do livro foi necessário visitar as aldeias e estabelecer um diálogo com os Xamõi Kuery (os mais velhos), ouvi-los e através de suas histórias e memórias, falar sobre as suas infâncias, as brincadeiras e atividades no dia a dia. Este material será paralelamente analisado nesta pesquisa, como parte da investigação aqui proposta. Na imagem abaixo (Figura 4), pode-se observar o primeiro encontro do projeto, um registro da roda de conversa desses dias das conversas que tivemos com as três anciãs da comunidade.

Figura 4: Casa de reza - Opy



Fonte: Arquivo da autora

Portanto, esse trabalho vem sendo forjado em uma dupla batalha: por um lado, vem exigindo um enfrentamento interno, na aldeia, com o intuito de consolidar um espaço escolar que garanta a convivência desde a primeira infância. Esta discussão vem sendo promovida há quase oito anos, com o intuito de resguardar as tradições Guarani para as novas gerações, falo do um espaço de convivência para as crianças. E, por outro lado, uma batalha acadêmica, uma vez que os estudos já realizados sobre a temática são insuficientes ou escassos

Com essa pesquisa, espero construir subsídios para ampliar a participação da comunidade e dos pais indígenas na educação das crianças, ter um entendimento, uma conscientização dos modos de uso e da inclusão de novas tecnologias, além de apoiar a criação de um espaço de convivência na aldeia, onde se possa refletir sobre as novas estratégias ao olhar o modo de ensinar, e que seja também para valorizar a cultura e trazer os conhecimentos prévios de cada criança, agregando também com os conhecimentos científicos.

3 A PESQUISA E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Embora existam diferenças culturais na forma como as crianças são criadas e educadas, reconhecer e respeitar essa diversidade são passos fundamentais para a ampliação do repertório intelectual e para a formação humana emancipatória. Assim, compreender diferentes modos de ser e estar criança no mundo é uma forma de encurtar as distâncias sobre as múltiplas possibilidades de coexistir e experienciar a infância.

Partindo dessas noções, na tentativa de aprofundá-las, é que essa escrita segue articulada e organizada em três tópicos: no primeiro, descreve-se um panorama da produção científica sobre a infância, a partir de variadas abordagens e enfoques teóricos. O segundo tópico intitulado “A infância Guarani e brincadeira”, aborda o conhecimento tradicional Guarani, com enfoque nos processos de ensino e de aprendizagem, atentando ao fato de que cada aldeia Guarani tem suas particularidades e formas específicas de compreender o que seja ensinar e aprender, dado que a diversidade cultural é traço marcante nas sociedades indígenas. No terceiro tópico intitulado “Cosmologia Guarani: Brincar e o sistema de vida”, discutiremos parte dos conhecimentos que fundamentam a sabedoria guarani.

Ao longo dos anos, houve um crescente interesse pela infância e uma expansão significativa no campo da pesquisa científica nessa área. Mas, ainda assim, não se vê uma discussão que contextualize as concepções indígenas, nem das suas especificidades. Isso porque os estudos têm se concentrado em examinar a influência de diversos fatores no desenvolvimento infantil, incluindo os aspectos biológicos, cognitivos, sociais, emocionais e ambientais a partir de contribuições de autores não-indígenas, na sua maioria. Partindo deste panorama e suas lacunas é que, a seguir, traremos noções do que já foi sistematizado sobre o tema da infância e das brincadeiras.

3.1 O PANORAMA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NÃO INDÍGENA SOBRE A INFÂNCIA

Apesar de haver diferenças culturais na forma como as crianças são criadas e educadas, a infância é reconhecida como uma fase importante da vida e valorizada em diversas culturas. O "Desenvolvimento Humano" é um livro que aborda o desenvolvimento humano desde a infância até a idade adulta (Papalia; Olds; Fieldman, 2017). A obra se baseia em pesquisas e

teorias que explicam como os indivíduos crescem e mudam ao longo do tempo, considerando fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais.

No que se refere ao desenvolvimento infantil, o livro apresenta diversas teorias sobre como os bebês e as crianças aprendem, como se desenvolvem cognitivamente, emocionalmente e socialmente e como suas experiências influenciam o seu desenvolvimento. A obra também explora questões como a formação de vínculos afetivos, a aquisição de linguagem, o desenvolvimento moral e o papel da cultura na formação da identidade. (Papalia; Olds; Fieldman, 2017).

Piaget (1974) propôs que o desenvolvimento cognitivo das crianças ocorre em estágios e que o aprendizado é resultado da interação entre o indivíduo e o ambiente. De acordo com Piaget, a criança passa por quatro estágios de desenvolvimento cognitivo: o sensório motor, o pré-operacional, o operacional concreto e o operacional formal.

No que se refere à aprendizagem matemática, Lima (1984) argumenta que as crianças devem ser estimuladas a construir o seu próprio conhecimento, por meio da manipulação de objetos e materiais concretos. Segundo o autor, o professor deve atuar como mediador do processo de aprendizagem, proporcionando situações desafiadoras e oportunidades para a criança refletir sobre suas próprias ideias. Além disso, Lima (1984) destaca a importância do ensino da matemática como uma atividade significativa e prazerosa para as crianças, o que contribui para o desenvolvimento de uma atitude positiva em relação à disciplina. O autor discute a importância da resolução de problemas como uma estratégia para o desenvolvimento do pensamento matemático. No geral, o livro de Lima apresenta uma abordagem baseada na teoria de Piaget para a educação matemática, destacando a importância da construção ativa do conhecimento e da aprendizagem significativa para o desenvolvimento cognitivo das crianças.

Em outra publicação intitulada "Educação infantil: fundamentos e práticas" de Ana Lúcia Goulart de Faria e outros autores (2020), aborda diversos temas relacionados à educação de crianças de zero a cinco anos de idade. O livro é uma coletânea de textos que discutem aspectos teóricos e práticos da educação infantil, com ênfase nas perspectivas históricas, culturais, sociais e pedagógicas que permeiam essa área de atuação. Está organizado em três partes: a primeira apresenta reflexões sobre os fundamentos da educação infantil, destacando conceitos como infância, desenvolvimento infantil, aprendizagem e brincadeira. A segunda parte discute as políticas públicas para a educação infantil, abordando temas como a legislação, a organização das instituições e a formação dos profissionais. Já a terceira parte apresenta as práticas pedagógicas voltadas para o trabalho com as crianças, com exemplos de projetos e atividades que podem ser desenvolvidos em sala de aula.

Os autores destacam a importância de se considerar a criança como sujeito de direitos e de se respeitar sua singularidade e a diversidade. Também são abordadas questões como a inclusão de crianças com deficiência, o papel da família na educação infantil e a relação entre a escola e a comunidade. (Faria et al, 2020). Neste sentido, reúne diferentes perspectivas sobre a educação de crianças pequenas, oferecendo subsídios teóricos e práticos para os profissionais da área e para aqueles que se interessam pelo tema.

O livro: "Didática da educação infantil" de José Carlos Libâneo (2018), tem como objetivo apresentar aos educadores e estudantes de pedagogia as principais teorias e práticas da didática aplicada à educação infantil. O autor busca oferecer subsídios para que os professores possam planejar e desenvolver atividades pedagógicas adequadas às necessidades e características das crianças de zero a seis anos de idade. Está dividido em cinco partes: na primeira parte, o autor apresenta os fundamentos teóricos da educação infantil, discutindo conceitos como infância, desenvolvimento e aprendizagem. Na segunda parte, ele aborda a organização da escola e da sala de aula, destacando a importância do ambiente físico e das rotinas para o desenvolvimento das crianças. Na terceira parte, Libâneo discute as principais metodologias utilizadas na educação infantil, como o método Montessori e o método de projetos. Ele também aborda questões como a avaliação e a formação do professor de educação infantil. (Libâneo, 2018). Na quarta parte, o autor apresenta uma série de sugestões de atividades pedagógicas para trabalhar diferentes áreas do conhecimento com as crianças. Por fim, na quinta parte, Libâneo discute a relação entre a escola e a família, destacando a importância da parceria entre essas duas instâncias para o desenvolvimento integral das crianças.

Apresenta, portanto, uma visão abrangente e atualizada da didática aplicada à educação infantil, oferecendo subsídios teóricos e práticos para que os professores possam planejar e desenvolver atividades pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento integral das crianças. (Libâneo, 2018).

Sobre a Saúde infantil destaco o livro "Manual de orientação: aleitamento materno" do Ministério da Saúde (2018); "Saúde da criança: crescimento e desenvolvimento" do Ministério da Saúde (2015); "Cuidados com o recém-nascido" de Sociedade Brasileira de Pediatria (2019); "Cadernos de Atenção Básica: Saúde da Criança: Nutrição Infantil" de Ministério da Saúde (2018).

Diferentes estudos avaliam ainda o impacto de diferentes abordagens educacionais, currículos e ambientes de aprendizagem no desenvolvimento acadêmico e socioemocional das

crianças. Também são investigados os efeitos de fatores como a qualidade dos cuidados infantis, o papel dos pais na educação e as políticas públicas voltadas para a infância.

A produção científica sobre a infância também aborda questões relacionadas à saúde e ao bem-estar das crianças. Os pesquisadores examinam temas como: nutrição infantil, saúde física, vacinação, sono, atividade física e prevenção de doenças. Esses estudos visam fornecer informações essenciais para melhorar a saúde e o desenvolvimento saudável das crianças. É importante ressaltar que a produção científica sobre a infância é um campo em constante evolução, com novas abordagens e lacunas por serem investigadas.

Na área da psicologia infantil, o texto "O brincar e suas teorias" de Kátia de Souza Amorim e Fúlvia Maria de Souza e Silva (2020) tem como objetivo discutir a importância do brincar na vida das crianças e como ele se relaciona com as diferentes teorias psicológicas. O livro está organizado em cinco capítulos: no primeiro capítulo, as autoras apresentam uma introdução ao tema e discutem as principais teorias sobre o brincar, destacando sua importância para o desenvolvimento infantil. No segundo capítulo, as autoras apresentam a teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget e como o brincar se relaciona com essa teoria. No terceiro capítulo, é abordada a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson e como o brincar contribui para o desenvolvimento emocional das crianças. No quarto capítulo, as autoras discutem a teoria do desenvolvimento sócio-histórico de Lev Vigotski e como o brincar pode ser utilizado para promover a aprendizagem e o desenvolvimento da linguagem. Por fim, no quinto capítulo, as autoras apresentam a teoria do apego de John Bowlby e como o brincar pode ser utilizado para promover a segurança emocional das crianças. (Amorim; Silva, 2020). Ao longo do livro, as autoras destacam a importância do brincar para o desenvolvimento integral das crianças e como os profissionais da área da psicologia podem utilizar o brincar em suas práticas clínicas e educacionais. Então, "Psicologia Infantil: O Brincar e suas Teorias" é uma obra que apresenta diferentes teorias psicológicas e como elas se relacionam com o brincar na infância. As autoras oferecem subsídios teóricos e práticos para que profissionais da área possam utilizar o brincar de forma adequada em suas intervenções. (Amorim; Silva, 2020).

A importância da proteção e do cuidado com as crianças é reconhecida pela maioria das sociedades, pelas políticas públicas e pelos programas voltados para o bem-estar e o desenvolvimento infantil. A palavra "infância" parece universal no sentido de que se refere a uma fase específica do desenvolvimento humano que é comum a todas as culturas e sociedades.

A teoria de Piaget é dividida em quatro estágios: o Estágio Sensório-Motor (do nascimento aos 2 anos): neste estágio, a criança aprende a coordenar seus movimentos e perceber o mundo ao seu redor através dos sentidos. O Estágio Pré-Operacional (dos 2 aos 7

anos): neste estágio, a criança começa a desenvolver a capacidade de pensar simbolicamente e usar a linguagem, mas ainda não é capaz de entender conceitos abstratos. (Amorim; Silva, 2020; Piaget, 1974).

Lev Vigotski foi um psicólogo e teórico russo que em 1924, fundou o Instituto de Psicologia de Moscou, que se tornou um centro importante de pesquisa em psicologia na Rússia. Para Vigotski, a interação social e cultural é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança. Ele acreditava que o psiquismo humano se desenvolve em um contexto social e cultural específico, por meio da mediação simbólica. A teoria de Vigotski enfatiza também o papel da linguagem na construção do conhecimento, ele argumentou que a linguagem é um meio importante de comunicação e transmissão cultural, e que as palavras e os conceitos que as pessoas aprendem são fundamentais para a sua compreensão do mundo. Algumas das principais obras de Vigotski incluem: "Pensamento e Linguagem". "A Formação Social da Mente". "História do Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores". "Psicologia Pedagógica". "Obras Completas" (em 6 volumes). Essas obras apresentam algumas das principais ideias da teoria sociocultural de Vigotski.

O papel do professor na teoria de Vigotski é de guia e mediador, ajudando as crianças a alcançarem seu máximo potencial. Os professores devem fornecer o suporte necessário para que as crianças aprendam, mas também devem encorajá-las a se tornarem autônomas e a tomar iniciativa.

A brincadeira é vista como uma atividade central na vida da criança e é considerada um processo importante no desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Vigotski argumentou que a brincadeira é uma atividade significativa que ajuda as crianças a desenvolverem suas habilidades cognitivas e sociais. (Amorim; Silva, 2020; Vigotski; 1984). A abordagem lúdica oferece uma alternativa valiosa para enfrentar as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem em comparação com métodos mais tradicionais. Ela valoriza a participação ativa das crianças, estimula a curiosidade, a experimentação e a colaboração, tornando a aprendizagem mais prazerosa e efetiva. Ao tornar o processo de ensino-aprendizagem mais desafiador e significativo, o lúdico pode ajudar a superar as dificuldades encontradas pelos alunos. Isso ocorre porque a aprendizagem é mais efetiva quando as crianças estão envolvidas ativamente, motivadas e conectadas emocionalmente com a atividade proposta.

O lúdico torna-se foco em uma proposta educacional para o enfrentamento das dificuldades no processo de ensino-aprendizagem em relação às abordagens mais tradicionais

ocidentais por proporcionar uma experiência mais envolvente, motivadora e significativa para os alunos. (Rolim; Guerra; Tassigny, 2008).

Já a linguagem desempenha um papel central na teoria de Vigotski, pois é considerada uma ferramenta essencial para o pensamento e a comunicação. Através da interação social e da linguagem, as crianças desenvolvem seu pensamento e adquirem conhecimento sobre o mundo ao seu redor. Com tudo, Vigotski enfatiza a importância do ambiente social e da interação com os adultos e os pares na aprendizagem infantil. Seus principais conceitos, como o papel do professor como mediador, ainda são amplamente discutidos e utilizados na teoria e na prática educacional atual. (Amorim; Silva, 2020; Vigotski; 1984).

Vigotski pode ser um autor importante para a compreensão sobre o brincar, ao reconhecer que tem a sua origem na situação imaginária criada pela criança, em que os desejos irrealizáveis podem ser realizados, com a função de reduzir a tensão e, ao mesmo tempo para constituir uma maneira de acomodação a conflitos e as frustrações da vida real (Rolim; Guerra; Tassigny, 2008).

No entanto, é importante lembrar sobre a infância dos povos indígenas. O povo Guarani tem enfrentado muitas dificuldades e desafios ao longo da história, como a perda de suas terras, a violência e o racismo. Portanto, é fundamental que as pesquisas sobre a cultura e a infância Guarani sejam feitas com respeito e sensibilidade, e que busquem valorizar seus modos de educação e de vida. Em abordagens ocidentais, o ensino muitas vezes é baseado em aulas expositivas, onde o professor transmite o conhecimento de forma unidirecional e os alunos são espectadores passivos. Esse modelo pode levar à desmotivação, falta de interesse e dificuldades de aprendizagem (Rolim; Guerra; Tassigny, 2008).

3.2 A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO GUARANI

Em continuidade a essa escrita, neste tópico pretendo abordar o significado da palavra *kyringue*, apresentar o que é a infância Guarani. Para a construção dessa pesquisa dessa, utilizo-me de textos e trabalhos acadêmicos sobre infância Guarani, brincadeira, incluindo os textos de acadêmicos indígenas da Universidade Federal de Santa Catarina, que mais recentemente têm acessado o ensino superior e possibilitado a produção de conhecimento sobre os povos indígenas no sul da Mata Atlântica. Utilizo também trechos de conversas realizadas com as crianças, pais e anciãos Guarani, meus colaboradores neste estudo - fontes orais de acesso ao conhecimento sobre a infância. A resistência e transformações do povo Guarani.

Opto por denominar de pedagogia Guarani, pois considero que existem especificidades que orientam o modo Guarani de ser e ensinar e é isso que defendemos aqui. A pedagogia Guarani, entra-se na aprendizagem através da experiência e do contacto direto com a natureza, bem como na observação, experimentação e reflexão crítica sobre as situações cotidianas. Nessa direção, a abordagem educativa da criança se baseia nas práticas e conhecimentos da cultura Guarani para a educação em casa e na comunidade. Essa pedagogia é desenvolvida a partir da visão de mundo e dos valores da cultura Guarani, que têm como foco o cuidado com a natureza, a reciprocidade, a solidariedade e a valorização da comunidade, como aponta (Mongelo, 2013) em sua pesquisa de mestrado:

uma Pedagogia Indígena propõe considerar o espaço tempo partilhado pela educação indígena própria nas salas de aula. A Pedagogia Indígena propõe uma abordagem educacional que valoriza e respeita os saberes tradicionais e as práticas culturais dos povos indígenas. Ela reconhece a importância do espaço-tempo compartilhado, ou seja, leva em consideração o ambiente, o contexto histórico, a língua, a espiritualidade e os conhecimentos ancestrais presentes nas comunidades indígenas. Essa abordagem promove uma educação mais inclusiva, participativa e contextualizada, proporcionando às crianças indígenas a oportunidade de aprender de acordo com sua própria realidade e cultura (Mongelo, 2013, p.83).

Para os Guarani, a Terra não é apenas um local onde vivemos, mas um ser vivo que respira, transpira e nos nutre. É como nossa transpira e nos sustenta, ao longo da vida aprendemos que esse entendimento que não é apenas utilitária; é uma conexão espiritual profunda. Para os Guarani, a Terra não é apenas um lugar de habitação, mas sim um ser vivo, uma mãe que respira, Essa visão vai além da utilidade material; é uma conexão espiritual profunda, onde reconhecemos que a Terra nos dá tudo o que precisamos para prosperar.

Quando olho para a Terra, vejo nossa casa, a base de nossa existência. É onde encontramos não apenas alimento e abrigo, mas também significado e propósito. Temos a responsabilidade sagrada de cuidar dela, de preservar essa conexão sagrada entre nós e o resto da natureza. É uma obrigação que carregamos com reverência e amor.

Cada árvore, cada rio, cada criatura é parte desse vasto organismo vivo que é a Terra. Quando nos conectamos com ela, nos conectamos também uns com os outros, formando uma teia de vida interdependente e harmoniosa. É nossa missão honrar essa interconexão, protegendo e preservando a Terra para as gerações futuras. Penso eu que a nossa relação com a Terra não é apenas de tomar, mas de dar e cuidar. É um ciclo de gratidão e respeito mútuo que sustenta não apenas nossa sobrevivência física, mas também nosso espírito. Em Yvyrupa (terra), encontramos nossa verdadeira casa, nossa verdadeira família, e é nosso dever mantê-la saudável.

Nesse sentido, elencamos aspectos de uma pedagogia indígena, iniciando pela: valorização dos saberes tradicionais: reconhecendo e valorizando os conhecimentos acumulados ao longo de gerações pelas comunidades indígenas. Isso inclui não apenas conhecimentos práticos, como técnicas de agricultura ou medicina tradicional, mas também saberes espirituais, culturais e históricos.

Respeito às práticas culturais: Ela respeita as práticas culturais únicas de cada grupo indígena, incorporando essas práticas no processo educacional. Isso pode envolver o uso da língua indígena como meio de instrução, celebração de rituais tradicionais e envolvimento da comunidade na educação das crianças.

Consideração do espaço-tempo compartilhado: Essa abordagem reconhece a interconexão entre o espaço, o tempo e a cultura. Ela considera o ambiente natural como sala de aula, aproveitando os recursos locais para enriquecer a aprendizagem. Além disso, leva em conta a história do povo indígena, suas tradições e eventos significativos ao longo do tempo.

Promoção de uma educação inclusiva: A Pedagogia Indígena é um jeito de ensinar que se preocupa em fazer com que a educação seja boa para todos, não importa de onde eles são ou quais são suas Capacidades como Jeito, Talento, Competência, Conhecimento. É uma forma de ensinar que valoriza a diversidade e adapta o ensino para atender às necessidades e realidades das aldeias indígenas. O que inclui reconhecer e valorizar a diversidade dentro das próprias aldeias indígenas.

Participação de toda família da terra indígena: Ela enfatiza a importância da participação na aldeia no processo educacional. Pais, anciãos, líderes e toda família e outros membros são frequentemente envolvidos no planejamento e implementação do currículo, garantindo que os valores e as necessidades da aldeia sejam incorporados na educação das crianças.

A Pedagogia Indígena busca proporcionar uma educação que seja culturalmente relevante, contextualizada e inclusiva, capacitando as crianças indígenas a se engajarem plenamente em suas próprias aldeias e a preservarem suas identidades culturais enquanto adquirem conhecimento e habilidades para enfrentar os desafios contemporâneos.

Nessa direção, a abordagem educativa da criança se baseia nas práticas e conhecimentos da cultura Guarani. Essa pedagogia é desenvolvida a partir da visão de mundo e dos valores da cultura Guarani, repassado pelos os mais velhos/anciãos, para os mais novo que têm como foco o cuidado com a natureza, a reciprocidade, a solidariedade e a valorização da aldeia, como aponta (Mongelo, 2013) em sua pesquisa de mestrado:

Uma Pedagogia Indígena propõe considerar o espaço tempo partilhado pela educação indígena própria nas salas de aula. A Pedagogia Indígena propõe uma abordagem educacional que valoriza e respeita os saberes tradicionais e as práticas culturais dos povos indígenas. Ela reconhece a importância do espaço-tempo compartilhado, ou seja, leva em consideração o ambiente, o contexto histórico, a língua, a espiritualidade e os conhecimentos ancestrais presentes nas comunidades indígenas. Essa abordagem promove uma educação mais inclusiva, participativa e contextualizada, proporcionando às crianças indígenas a oportunidade de aprender de acordo com sua própria realidade e cultura (Mongelo, 2013, p.83).

Para os Guarani a Terra é vista como um organismo vivo, um corpo que respira, transpira e se alimenta. Como tal, é vista como um ponto de conexão entre os seres humanos e o resto da natureza. A Terra é a nossa casa, a base da nossa existência, e é nosso dever cuidar dela e manter essa conexão saudável.

Além disso, tem como foco a transmissão de conhecimentos tradicionais e conhecimentos da cultura Guarani, como o uso de plantas medicinais, produção de alimentos e artesanato, a família e a comunidade são os principais atores na educação de crianças e jovens. Procura fortalecer a relação entre a família e a comunidade para que possam trabalhar juntos na educação dos jovens e promover a participação ativa de crianças e jovens na vida na aldeia.

As brincadeiras tradicionais têm origem em culturas populares e são transmitidas de geração em geração e são reconhecidas no presente pelo povo Guarani como práticas importantes de serem preservadas e praticadas. Elas são, portanto, uma forma importante de promover as tradições culturais e promover a socialização entre as pessoas.

Um projeto interessante de educação Guarani, é a ideia de escolas vivas que busca garantir a continuidade da cultura e tradições indígenas, bem como de preparar as crianças e jovens para enfrentar os desafios do mundo atual sem perder a sua identidade e a sua conexão com a natureza e com suas raízes culturais. No vídeo “Educação Viva: Experiências Indígenas”, Cristine Takuá, filósofa, educadora e artesã indígena e de Dua Busã, pajé, professor da Escola Viva, apresentam experiências educativas vinculadas à cultura Guarani – histórias, medicina, música, espiritualidade etc, valorizando a ideia de escolas vivas (FLIP,2022)

Trata-se de uma perspectiva da educação indígena - abordagem educacional que busca valorizar e preservar a cultura, a língua e a sabedoria ancestral indígena, promovendo a participação ativa das comunidades indígenas na tomada de decisões relacionadas à educação e combatendo desigualdades e diferenças sociais e culturais enfrentadas pelas terras indígenas. Essa abordagem parece promover não apenas o desenvolvimento intelectual dos jovens, mas também o seu bem-estar emocional, físico e espiritual, ao reconhecer e honrar a sabedoria ancestral e a harmonia com a natureza. Assim comenta Cristine Takuá:

Na escola viva, tudo é vida, saberes que estão presentes no cotidiano. Esses jovens de hoje precisam da continuidade prática e aprender, para fazer a escola viva, com cantos e histórias, medicinas, Fazemos batismo para proteção, aprendendo nossa cura, entendo a força da natureza” (FLIP, 2022, [n.p.]). A gente enfrenta uma luta muito grande, para que a escola seja mais verdadeira (...) que faça sentido para nossas crianças, que nossas crianças cresçam seus objetivos, nesse mundo globalizado. Acredito que a escola é viva e o caminho para criarmos um espaço para além da escola, para nossas relações. (FLIP, 2022, [n.p.]).

Falam sobre a importância de garantir que a educação seja autêntica e relevante para as crianças, especialmente em um mundo cada vez mais globalizado. destaca a sabedoria dos anciãos da terra indígena como uma fonte fundamental de conhecimento que deve ser transmitida às gerações mais jovens, de modo a ajudá-las a encontrar significado e propósito em suas vidas.

Essa abordagem reconhece que a educação vai além das paredes da escola e envolve criar um ambiente que valorize as relações e a conexão com a comunidade. Ao incorporar os ensinamentos dos anciãos e os valores da terra indígena, as crianças podem desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmas, de suas culturas e do mundo ao seu redor.

Portanto, a escola é vista como um espaço vivo, onde o aprendizado vai além do currículo formal e abraça as lições da vida cotidiana e da tradição. Essa abordagem visa não apenas preparar as crianças para o futuro, mas também cultivar um senso de identidade, pertencimento e responsabilidade para com sua comunidade e o mundo em geral.

As atividades devem ser projetadas para explorar e aprender sobre o ambiente local, incluindo visitas a museus, parques, jardins e outras instituições locais. É importante que as crianças desenvolvam um senso de conexão com o mundo ao seu redor e entendam o impacto de suas ações no meio ambiente.

A cosmovisão Guarani Mbyá é baseada em tradições orais transmitidas ao longo de gerações e está intimamente ligada à relação dos povos indígenas com a natureza e com a terra. Ao contrário da concepção ocidental do universo, que muitas vezes é vista como mecanicista e separada da natureza, os povos indígenas valorizam a interconexão de todos os seres vivos e a interdependência entre os seres humanos e o meio ambiente. Essa concepção amplia nossa compreensão do mundo e nos ajuda a entender que somos parte de um todo maior, e não apenas indivíduos isolados em busca de benefício próprio.

Ao contrário de modelos educacionais tradicionais que tendem a ser ocidentais e assimilacionistas, as escolas vivas apresentadas por Cristine Takua buscam preservar e promover a sabedoria ancestral indígena, permitindo que as comunidades indígenas tenham controle sobre o conteúdo, o processo e o contexto da educação de suas crianças e jovens. As escolas vivas são centradas na cultura e na língua indígena, reconhecendo que a identidade e a

língua são elementos essenciais para a formação integral dos estudantes indígenas. Elas valorizam a conexão entre a comunidade indígena e o ambiente natural, promovendo uma educação contextualizada e relevante para a vida dos estudantes indígenas. Além disso, as escolas vivas também enfatizam a participação ativa das comunidades indígenas na tomada de decisões relacionadas à educação, permitindo que as vozes e necessidades indígenas sejam ouvidas e consideradas. (FLIP, 2022).

As escolas vivas também têm uma abordagem intergeracional, onde os mais velhos da terra indígena, muitas vezes chamados de anciãos, têm um papel importante na transmissão dos conhecimentos tradicionais aos mais jovens, fortalecendo assim a continuidade cultural e a sabedoria indígena. As atividades e práticas culturais são incorporadas ao currículo escolar, proporcionando aos estudantes indígenas a oportunidade de aprenderem sobre sua história, práticas de sustentabilidade, medicina tradicional, entre outros aspectos culturais relevantes. (FLIP, 2022).

A educação indígena Guarani, na minha concepção, é muito semelhante a ideia de escolas vivas, porque busca abordar as disparidades sociais, econômicas e culturais enfrentadas pelas comunidades indígenas, promovendo a equidade e a justiça social. Isso pode incluir a luta pelo acesso a recursos educacionais adequados, a valorização e respeito pela identidade indígena, o combate ao preconceito e à discriminação, e a promoção de parcerias colaborativas entre as comunidades indígenas e outras instituições educacionais.

O modo de vida dos povos indígenas contribui para uma concepção mais ampla e pluralista do mundo, e que valoriza a interconexão de todos os seres vivos e reconhece a existência de múltiplas maneiras de compreender o universo. Essa visão pluralista é essencial em uma sociedade cada vez mais diversa e globalizada, onde diferentes culturas e tradições podem coexistir pacificamente e aprender umas com as outras. Na visão indígena, os seres humanos não são vistos como separados ou superiores à natureza, mas como parte integrante dela. Há uma compreensão profunda da interligação entre os seres humanos, os animais, as plantas, os elementos naturais e até mesmo os espíritos.

Na cultura Guarani Mbyá, a transmissão da tradição, costumes e da cosmovisão são passados através de uma linhagem oral dos mais antigos para os mais novos, justamente por terem a sabedoria de ouvirem uns aos outros com respeito e confiança. Esses conhecimentos são preservados e transmitidos às crianças, que se tornam então os novos guardiões desses saberes.

Podemos acrescentar, que a infância Guarani é marcada por um profundo respeito à natureza e uma forte conexão com a terra indígena onde nasce onde vive e cresce, a brincadeira

na infância desempenha um papel fundamental no processo de aprendizado. Através de jogos, músicas, danças e histórias, as crianças aprendem sobre sua cultura, tradições e costumes e a relação harmoniosa com a natureza desde tenra idade. As brincadeiras são uma forma de transmitir conhecimentos e habilidades importantes para a vida cotidiana e para a perpetuação da identidade Guarani. Uma das características da infância Guarani é a participação ativa das crianças em atividades diárias da comunidade. Historicamente sabe-se que as crianças acompanhavam os adultos em suas tarefas; observam e imitam as práticas cotidianas. Assim se aprende sobre a caça, pesca, agricultura, artesanato e outros aspectos essenciais da cultura Guarani.

O desafio aqui é como auxiliar a criança a experimentar o mundo, fazer essa travessia com o brincar através de suas brincadeiras, jogos e brinquedos a traduzi-lo, tornando-as compreensíveis, e criar a oportunidade de ampliação dos seus conhecimentos e experiências, e a disponibilidade potencializando esses espaço-tempo, para elas usarem a inventividade, para criarem e transformarem, com suas produções e desejos, suas experiências e existências. A brincadeira é o fio que faz essa costura dos afetos, no mundo da infância, entre o invisível e o nosso corpo manifesto. A brincadeira abre espaços dentro de nós para que essa nova humanidade se expresse. A criança não precisa de estímulos, ela naturalmente vai procurar o que precisa. Cabe ao adulto a abertura e confiança de testemunhar afetivamente.

Precisamos conhecer profundamente o espaço que habitamos (o chão que pisamos) e o tempo no qual vivemos. A partir desses dois eixos (tempo e espaço), podemos refletir sobre a educação das nossas crianças. O tempo é uma criação do homem para se organizar no espaço, mas o tempo da criança está fora da pressa e da marcação do relógio. Em uma escola viva, reconhecemos que cada criança inaugura um novo tempo a cada instante. A educação é vida e o nosso compromisso não é com um currículo, com uma grade de horários ou até mesmo com a matemática. O nosso compromisso é com a vida. A educação é o movimento de combinação entre os três tempos: o que está chegando através das crianças no tempo do aqui e do agora, com os tempos dos nossos antepassados ancestrais, revelando o mistério e as probabilidades do vir a ser no tempo futuro.

Kyringue Onheovanga Arandua é o que chamamos de educação básica, ou seja, são os saberes das crianças- é o que entendemos que é importante "fazer com as crianças", não por eles, mas com elas. Enquanto o saber não indígena coloca as fases de desenvolvimento, nós, indígenas, vemos as crianças com suas diferentes fases de crescimento, ou seja, do seu desenvolvimento. Mas independentemente de suas condições físicas, psíquicas, sensoriais e cognitivas, ter esse olhar que a criança está fazendo suas primeiras descobertas com o mundo,

com o conhecimento, com a cultura, aprendendo sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. Mas na nossa visão do povo Guarani, o desenvolvimento das crianças é visto como um processo fundamental e sagrado. Nós acreditamos que as crianças são seres especiais, conectados de maneira profunda com a natureza e o mundo espiritual. O crescimento das crianças é visto como um processo de aprendizado constante, não apenas sobre o mundo ao seu redor, mas também sobre suas próprias identidades e a relação com os outros.

Nós Guarani, valorizamos muito a educação e a transmissão de conhecimento de geração em geração. Nós acreditamos que as crianças estão constantemente absorvendo conhecimento não apenas por meio da instrução direta, mas também por meio da observação e da relação com seu ambiente. Portanto, o processo de crescimento é visto como uma jornada de descobertas, onde as crianças estão constantemente aprendendo sobre si mesmas, sobre os outros e sobre o mundo que as rodeia. E sempre ressaltando que na cultura Guarani, é importante que as crianças desenvolvam um profundo respeito pela natureza e por todas as formas de vida. Isso faz parte do ensinamento espiritual e cultural dos Guarani, que enfatiza a harmonia e a interconexão entre todas as coisas. Portanto, as crianças são encorajadas a aprender sobre a natureza e a cuidar dela desde tenra idade.

Em síntese a visão povo Guarani, o crescimento e o desenvolvimento das crianças são vistos como um processo de aprendizado contínuo e espiritualmente significativo, onde as crianças estão constantemente descobrindo o mundo, o conhecimento e a cultura, ao mesmo tempo em que desenvolvem um profundo respeito pela natureza e pela vida em todas as suas formas. São pequenos ancestrais que chegam e revitalizam a comunidade. Quando entramos em contato com elas, estamos em um território sagrado de vida. O corpo da criança expressa em cada movimento uma necessidade profunda, uma pulsão rumo a algo que tem a ver com o desenvolvimento dela enquanto ser humano, uma pulsão interna, que nós, como adultos, precisamos estar abertos a ouvir, aprender e acolher.

Impossível entender o processo de aprendizagem da criança sem observar o processo de ensino durante a sua infância. Talvez essa ideia provoque uma nova oportunidade de repensar o seu saber e o seu fazer metodologias e ajustar seu olhar para enxergar a criança e suas necessidades durante seu processo de desenvolvimento enquanto sujeito.

Nessa direção, a linguagem da brincadeira é uma linguagem de vínculos, sendo assim, o brincar está ligado às nossas relações com os outros, com a natureza e com nós mesmos. A criança quando é ensinada de forma natural, não é disciplinada, a aprendizagem está relacionada ao sistema de vida e que tem a ver com o Nhandereko. A criança é compreendida e valorizada como protagonista da sua história e da produção do seu conhecimento enraizado na cultura de

seus ancestrais. O espaço dentro da terra indígena é um ambiente na qual elas podem aprender muito, com as interações entre si, com os anciões e os pais de maneira que seja valorizada a educação tradicional, ressaltando os modos de vivenciar a infância Guarani, refletindo sobre as fases de desenvolvimento e aprendizagem das crianças a partir do modo de ser Guarani, criando as relações sociais.

A infância Guarani é marcada por diversas práticas culturais, dentre elas a travessia e a brincadeira. Para os Guarani, a travessia representa o ato de ultrapassar limites, superar os desafios e crescer como indivíduo. Na infância, essa travessia pode ser simbolizada por rituais de passagem, onde as crianças passam por um período de isolamento e aprendem a enfrentar seus medos e limitações, profundamente e marcado pela experiência e pelo convívio que são carregados pelos adultos e que essa conexão é considerada sagrado para povo Guarani.

Como apontado anteriormente, a infância Guarani é marcada pela busca pela superação e o desenvolvimento pessoal através da travessia e pela valorização das brincadeiras como uma forma de aprendizado e diversão. A travessia, pode ser um tema interessante para estudar a relação dos Guarani com o meio ambiente, as práticas e rituais de passagem e as formas de transmissão de conhecimentos e valores entre as gerações. A brincadeira é uma expressão importante da infância em qualquer cultura, e no caso dos Guarani, pode ser uma forma de investigar as dinâmicas de socialização, a transmissão de valores e tradições, além de trazer informações sobre a organização da vida cotidiana e a relação com o meio ambiente.

A ‘travessia’ é um rito de passagem muito importante na cultura Guarani, que marca a transição da infância para a vida adulta. Durante esse período, as crianças são submetidas a diversas provas e desafios, que visam testar a sua coragem, resistência e sabedoria. A travessia é uma experiência que marca profundamente a vida dos jovens Guarani, preparando-os para os enfrentamentos ao longo da vida.

Sobre a infância Guarani e brincadeira, alguns estudos têm contribuído para a compreensão da temática, tais como: Bergamaschi (2005), Benites (2015), Tassinari (2001), Martins (2015, 2020) Kyringuei'Kuery, Mongelo (2013, 2015). Uma importante referência na temática da infância Guarani é Sandra Benites, liderança indígena da etnia Guarani Nhandeva. Ela nasceu em 1975, na Terra Indígena Porto Lindo, no Mato Grosso do Sul (MS) e desde a infância se envolveu em atividades ligadas à cultura e aos direitos dos povos indígenas. Sandra é formada em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), se especializou em Educação Escolar Indígena e mestrado em Antropologia Social no Museu Nacional. Em seu trabalho de pesquisa, ela aborda e discute a educação Guarani e a educação escolar indígena. Aborda a importância do nhe'ẽ (espírito) no nosso processo educacional, pois a nossa educação

começa com xara'u (sonho), no omoexakã (revelação do nhe'ẽ, ou seja, quando a mulher sabe que ficará grávida). O nhe'ẽ é o fundamento da pessoa Guarani, é o início da vida.

As crianças Guarani frequentemente se engajam em jogos tradicionais, como a peteca e o jogo da onça, além de outras brincadeiras regionais que envolvem movimento, estratégia e trabalho em equipe. Essas atividades não apenas promovem o aprendizado prático, mas também fortalecem os laços comunitários e a transmissão de conhecimentos culturais entre as gerações.

Daniel Munduruku é um escritor e educador indígena da etnia Munduruku, e tem se dedicado a falar e escrever sobre a pedagogia de seu povo. Em suas obras, ele destaca a importância da transmissão oral dos conhecimentos e tradições, a valorização da experiência e do saber coletivo, e a relação íntima entre a natureza e a cultura. A pedagogia indígena, assim denominada por Munduruku, é um conjunto de práticas educativas desenvolvidas por povos indígenas que buscam transmitir conhecimentos e valores próprios de suas culturas, línguas e tradições para as gerações mais jovens (Munduruku, 2014). É uma forma de educação que se baseia na sabedoria ancestral dos povos indígenas e que busca integrar as dimensões sociais, ambientais e espirituais da vida.

Os mais velhos são a memória viva da comunidade, a voz da experiência; sua missão dentro das sociedades indígenas consiste em explicar às crianças os conhecimentos do seu povo, a fim de que sua cultura continue a ser propagada de uma geração à outra, por isso os anciãos são bastante respeitados por todos dentro da comunidade. (Daniel Munduruku, 2014)

Segundo Munduruku, a pedagogia indígena reconhece que a educação não deve ser um processo de imposição de valores e conhecimentos, mas sim uma construção coletiva, na qual cada indivíduo é um sujeito ativo na busca do conhecimento e da sabedoria. Nesse sentido, a pedagogia indígena busca respeitar e valorizar as diferentes formas de aprendizado e de transmissão de conhecimentos que existem nas culturas indígenas.

Entre as principais características da pedagogia indígena, destacam-se a importância da oralidade na transmissão de conhecimentos, o respeito à natureza como fonte de vida e conhecimento, a valorização das tradições e do patrimônio cultural dos povos indígenas, a valorização da diversidade cultural, a valorização da participação comunitária e a valorização da espiritualidade e das relações sociais.

Para os Munduruku, a pedagogia é uma forma de transmitir saberes que estão intimamente ligados à experiência cotidiana, aos ritos e festas, e ao conhecimento da natureza e das relações sociais. A educação é um processo contínuo, que começa desde a infância e se estende por toda a vida, e que se baseia na aprendizagem pela experiência e pela observação.

O respeito à natureza é visto como um valor fundamental da cultura Munduruku, e é por meio desse respeito que se estabelecem as relações sociais e as práticas cotidianas. Munduruku destaca ainda, a importância da relação com o ambiente natural, e de como a natureza é considerada uma fonte de conhecimento e de inspiração para o seu povo. Para o Daniel Munduruku, a pedagogia de seu povo não é algo que se possa resumir em um conjunto de técnicas ou práticas educativas, mas sim um modo de vida que se baseia na interação com o ambiente natural, na valorização das tradições e do saber coletivo.

Por fim, podemos dizer que a educação indígena é construída diariamente, em coletividade, com a participação de todos os integrantes da comunidade, ou seja, povos indígenas partiram do princípio de que todos educam todos em qualquer situação do cotidiano em íntima conexão com a cosmologia.

4 O BRINCAR E O SISTEMA DE VIDA GUARANI

As crianças Guarani crescem em comunidade, cercadas pelos familiares e pelos membros da terra indígena. Elas aprendem desde cedo a valorizar a cooperação, a solidariedade e a responsabilidade coletiva. A transmissão de conhecimentos é feita principalmente pela oralidade, por meio de histórias, cantos e danças, assim como em outras etnias:

Os Munduruku mantêm algumas práticas culturais relacionadas à pesca, atividade de maior intensidade no verão, entre as quais estão as brincadeiras que antecedem a pescaria com timbó, uma raiz que após ser triturada é usada nos rios para facilitar a captura dos peixes¹. Daniel Munduruku aborda os costumes e o dia a dia de sua tribo, descrevendo tanto atividades, como a caça e os ritos, como também as brincadeiras feitas por meninos e meninas de seu povo. Mostramos a relação dos índios para com a natureza, com o olhar sensível a cada elemento² (Povos indígenas no Pará: Povos indígenas no Amazonas, 2003)

É importante destacar que a criança é vista como um ser social e integrante de um grupo maior, e é considerada uma continuação da família e da comunidade, e não como um indivíduo isolado. A infância Guarani é marcada pela convicção sobre a vida em comunidade e a coletiva e penso que as brincadeiras também têm um papel fundamental na infância Guarani, elas são vistas como um momento de aprendizado e de fortalecimento dos laços comunitários. As crianças brincam juntas, aprendendo a respeitar as regras e a conviver harmoniosamente com os outros membros da terra indígena. As brincadeiras Guarani trazem toda a sua essência que envolvem elementos da natureza, como folhas, sementes, água e terra todas as coisas da natureza.

Historicamente, a natureza sempre foi um dos aspectos mais importantes para o povo Guarani - essencial e muito sagrado. Onde há espaço que se possa viver sempre há uma conexão com a natureza, porque elas estimulam a criatividade, a imaginação e a habilidade manual das crianças, além de promoverem o respeito e a valorização da cultura indígena. Além disso, a natureza é vista como sagrada pelos Guarani e as crianças são incentivadas a respeitá-la e a se conectarem com ela de forma profunda. Por exemplo, os Guarani acreditam que as árvores são seres vivos dotados de espírito, e que devem ser tratados com respeito e gratidão.

A crença dos Guarani de que as árvores e todas as coisas que existem na natureza são seres vivos dotados de espírito se baseia em sua cosmovisão que considera todos os seres e elementos da natureza como interconectados e interdependentes. Para os Guarani, a natureza não é algo a ser dominado, mas sim algo a ser vivido em harmonia.

Essa visão de mundo enfatiza a importância de respeitar e cuidar da natureza, incluindo as árvores, que são vistas como seres sagrados e essenciais para a vida. As milhares de espécies

de árvores nativas fornecem sombra, abrigo, alimentos/ variados frutos e medicamentos/ chás para os Guarani não são apenas as árvores. Além de serem importantes para a preservação do solo, da água e do ar, representam um significado maior e profundo, do que uma simples árvore que está ali.

O ambientalista e escritor Ailton Krenak e o escritor e professor Daniel Munduruku compartilham seus pontos de vista sobre infância e cultura indígena “A criança indígena tem liberdade de ser criança integralmente” e “Uma das coisas que certamente faz parte da educação das crianças indígenas é a possibilidade de elas serem, sobretudo, crianças. Ela é incitada por meio de jogos e brincadeiras, contação de histórias ou jogos de roda. O jogo coletivo educa o corpo, as histórias educam o espírito. Esse tipo de atividade faz com que as crianças aprendam a ser um sujeito individual em uma comunidade” (Hoshino, 2017, [n.p.] apud Munduruku, 2017, [n.p.]).

Ao tratar as árvores ou todas as coisas da natureza que existem com respeito e gratidão, os Guarani acreditam que estão fortalecendo sua conexão com a natureza e com o mundo espiritual e realizam cerimônias e rituais para honrar as árvores e pedir sua proteção e bênção. Essa crença na espiritualidade das árvores também tem implicações práticas para os Guarani em relação à sua relação com a natureza. Eles praticam técnicas de manejo florestal sustentável, garantindo que as árvores sejam colhidas com respeito e responsabilidade, de modo a não prejudicar o equilíbrio ecológico e a capacidade das florestas de regeneração.

Uma pequena parte dos conhecimentos Guarani serão tratados nessa pesquisa, ao falar das terminologias de Tekó, Tekoá Nhandereko. Historicamente, esses termos foram se constituindo, através dos tempos passados, e vem sendo repassado para novas gerações, compondo nossa identidade étnica através das histórias, das memórias e dos costumes deixados pelos nossos ancestrais. Essa herança permanece até hoje, através das práticas das tradições e crenças, da cosmovisão e nas ramificações desses fundamentos que nos legitimam como detentores de uma cultura única e devida de preservação

O povo Guarani valoriza muito o conhecimento oral. As histórias são contadas pelos mais velhos para as crianças, transmitindo não apenas conhecimentos sobre a história ancestral, mas também ensinamentos morais e éticos. Através dessas narrativas, as crianças aprendem sobre o respeito aos mais velhos, aos espíritos da natureza e à importância de viver em harmonia com o meio ambiente. Importante é o papel dos "xamõi", que são os anciãos e líderes espirituais na terra indígena. Não só eles, mas a família também desempenha um papel fundamental no ensino e no direcionamento das crianças, compartilhando seu conhecimento e sabedoria acumulado ao longo dos anos. Os “xamõi e xaryi kuery” são considerados guardiões da cultura

Guarani e têm a responsabilidade de transmitir seus ensinamentos às gerações mais jovens nas atividades da terra indígena. Podemos assim, dizer que a transmissão oral do conhecimento e o papel dos anciãos são aspectos comuns que permeiam a infância Guarani e sua forma de ensinar e aprender.

Um termo central é Tekó - corpo coletivo, existem várias áreas de conhecimentos dentro ao mesmo tempo coletivo pois assim as pessoas (Guarani) ela nos faz compreender como funciona a comunidade em que convive, mas ainda assim ela carrega uma parte de seus saberes, como exemplo, uma aprende as técnicas de plantar (manuseio de terra, e aos cuidados da plantação, outro aprende como fazer chás caseiras, ervas medicinais etc. É um saber que está interligado, com outros conhecimentos, nunca separado, e são compartilhados através da prática da oralidade. Tekoá – é o espaço geográfico, que hoje chamamos de território. O Nhandereko de forma simples é o sistema vida, de ser ou estar, construção de socio cultural e histórico da nossa cultura, transformação de consciência e pensamento - a partir dessa compreensão nós trazemos esses preceitos sobre como se aprende, como ensina, assim consequentemente para compreender tanto o passado e a atualidade dos acontecimentos e, que ao mesmo tempo está constantemente em movimento, sua organização interna e externa no que se refere as relações da sociedades indígenas e sociedades ocidentais.

Assim, podemos dizer que, o modo de ensinar e aprender durante a infância, para o povo Guarani, está relacionado ao sistema de vida e que diz respeito ao Nhandereko - o modo tradicional de ser - criando vínculos sociais na comunidade e com todas as coisas que existem ao redor (pessoas, território, natureza, animais e o Grande Espírito etc.).

O povo Guarani acredita que o universo é composto por três níveis: o primeiro nível é o mundo terrestre, onde vivemos; o segundo nível é o mundo dos espíritos, onde vivem os ancestrais e as divindades; o terceiro nível é a terra sem mal, onde vivem os deuses e as forças cósmicas. E possui uma rica história em contos, com muitas histórias que contam a origem do universo, dos seres humanos e dos seres divinos. Muitas dessas histórias são transmitidas oralmente de geração em geração, e têm um papel importante na formação da identidade e da espiritualidade do povo Guarani.

A cultura Guarani é rica em simbolismo e rituais sagrados, como a cerimônia do Nhemongarai, que é realizada para agradecer aos espíritos da natureza e pedir sua proteção e orientação espiritual. A dança e a música são elementos importantes nesses rituais, que são realizados em comunidade e celebram a conexão entre os Guarani e o universo espiritual que os cerca. É uma compreensão complexa do mundo que se baseia na crença na interconexão entre os seres humanos, a natureza e o universo espiritual.

Na dissertação em antropologia social que pesquisou Kyringue'i Kuery Nhemongarai: A Criança Mbya Guarani e a Nomenclatura - Nome Espírito Nhe'e, Martins (2020) tratou com profundidade o que é ser uma criança Guarani, dando importância para os nomes sagrados de cada criança, não necessariamente se aprofundou na infância, mas trouxe uma parte também essencial que trata de dar o nome no batizado e que de certa forma está interligado com o ser criança como ser humano e cuidados que se tem com as crianças.

Para o povo Guarani, a vida é uma jornada espiritual que envolve a busca pela harmonia e equilíbrio entre esses elementos, em um esforço constante para manter a ordem cósmica e agradecer aos seres sobrenaturais por sua orientação e proteção. A visão Guarani destaca a importância da harmonia e do equilíbrio entre todos os elementos do sistema cósmico, incluindo a Terra e seus habitantes. Isso significa que os seres humanos são vistos como parte integrante desse sistema e não como superiores ou dominantes em relação aos outros seres.

De forma breve, a perspectiva Guarani nos lembra que a Terra é apenas um componente de um sistema cósmico maior, e que a conexão entre todos os seres vivos e não-vivos é crucial para a harmonia e o equilíbrio desse sistema. O território é o lugar onde vivemos e onde interagimos com outros seres vivos, tanto humanos quanto animais e vegetais. Ele abriga ecossistemas, paisagens naturais, patrimônios culturais e históricos, além de elementos urbanos e rurais. As conexões com a vida no território são muitas, pois ele é o ambiente onde construímos nossas relações sociais e econômicas, onde obtemos nossos recursos e onde deixamos nossa marca como sociedade. Essas conexões podem ser positivas ou negativas, dependendo da forma como utilizamos e cuidamos do território. Assim, o território é uma síntese das interações humanas com a natureza, e seu uso e cuidado são fundamentais para a sustentabilidade da vida no planeta.

O território pode ser entendido como um espaço físico que é ocupado e vivido por uma determinada comunidade, seja ela um país, uma cidade ou uma terra indígena. Esse espaço pode ter características únicas que o torna especial para as pessoas que o habitam, por exemplo, um território pode ser rico em recursos naturais, ter uma história rica em tradições culturais ou ser um lugar de grande beleza cênica.

A alma, por sua vez, pode ser entendida como a essência de uma pessoa, sua identidade e personalidade. A alma pode ser vista como a fonte de suas emoções, desejos, sonhos e paixões. Ao dizer que o território e a casa são expressões da alma, a frase sugere que a relação que as pessoas têm com o lugar onde vivem é muito mais profunda do que uma simples questão de localização geográfica. Essa relação pode ser entendida como uma extensão da própria

identidade e personalidade de cada indivíduo, influenciando profundamente sua forma de pensar e sentir.

5 O CAMINHO DA PESQUISA

Conforme relatado na introdução desse texto o estudo realiza um diálogo entre a infância guarani, as brincadeiras presentes na educação tradicional guarani e a educação escolar. Como mãe, professora e pesquisadora acadêmica Guarani Mbyá, também tratei do assunto escolhido para a pesquisa como escrita a partir de experiências vividas como indígena.

Esta pesquisa parte de uma abordagem qualitativa e exploratória. Consideramos que esta abordagem possa conciliar o saber que possuo sobre a minha própria cultura e identidade, para descrever, registrar e produzir dados significativos sobre a infância Guarani e as brincadeiras do meu povo.

Em um primeiro momento da pesquisa realizei uma revisão bibliográfica sobre o que vem sendo produzido sobre a infância Guarani. Penso que a revisão bibliográfica é um processo de pesquisa que busca encontrar e analisar a produção de textos e documentos oficiais, artigos e livros. E que me ajudou a identificar a produção sobre o meu tema da minha pesquisa sobre brincadeiras e infância Guarani. Então, o ponto de partida da investigação foi uma pesquisa bibliográfica.

Quando se trata da infância Guarani e brincadeira, a revisão bibliográfica foi uma ferramenta valiosa para melhor compreender meu objeto de pesquisa, como os aspectos culturais são percebidos, descritos e analisados em diferentes fontes. Optou-se por pesquisar na base de dados da CAPES: fiz a busca em outubro de 2022, usando os termos de “infância AND indígena; “infância guarani AND infância”; “Infância indígena AND brincadeira”, “infância AND brincadeira”. Esse material foi analisado, compondo a primeira parte do trabalho dessa investigação: o mapeamento da produção científica sobre a infância Guarani, mais especificamente sobre as brincadeiras - discussão que apresento no próximo tópico.

O segundo momento da pesquisa consistiu em conhecer e descrever as brincadeiras e jogos tradicionais guarani. Para este desafio, realizei procedimentos de pesquisa de campo, incluindo conversas com os pais, professores e os anciões e anciãs da comunidade onde moro e trabalho e, ampliei para conversas em outros territórios guarani. O contexto de investigação foi, portanto, a terra indígena Yynn Moroti Whera Biguaçu – SC e, outras terras indígenas para fazer diálogos entre os xamoi e xaryi kuery.

As histórias contadas pela voz dos anciões e anciãs para esta pesquisa, contribuíram igualmente para construir o mapeamento dos conhecimentos guarani. Portanto, a produção de conhecimento levou em conta não apenas textos de intelectuais acadêmicas, mas também as experiências pessoais vivenciadas pelos indígenas, os relatos orais de lideranças e anciões da

terra indígena e pesquisadores que vivem e convivem com os Guarani. De fato, é importante valorizar os saberes dos anciãos das comunidades, não escutados pelos livros de história brasileira, a fim de promover reflexões a partir da identificação das suas próprias vivências e por tratar-se de uma abordagem metodológica mais colaborativa e respeitosa entre os diferentes saberes. Foi um movimento empreendido, neste estudo, para a valorização da nossa cultura e para fortalecer as relações de ensino contextualizadas nas comunidades Guarani.

5.1 MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A INFÂNCIA GUARANI

A revisão bibliográfica consistiu em uma ferramenta valiosa para melhor compreender o objeto da presente pesquisa, como os aspectos culturais são percebidos, descritos e analisados em diferentes fontes. Isso pode incluir, por exemplo, estudos antropológicos e etnográficos que abordam a cultura e as práticas dos povos Guarani, pesquisas em psicologia do desenvolvimento infantil que examinam a importância do brincar para o aprendizado e o bem-estar das crianças, e publicações sobre educação e pedagogia que exploram formas de valorizar e respeitar as diversidades culturais nas práticas educacionais.

Para elaborar esta dissertação, buscou-se trabalhos publicados no banco de dados da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Essas fontes foram escolhidas para garantir uma cobertura ampla e acesso a estudos relevantes sobre o tema. O mapeamento e análise desses materiais contribuíram para fundamentar teoricamente a dissertação e sustentar as discussões apresentadas.

A busca de trabalhos priorizou estudos que apresentassem relações das brincadeiras na infância de diferentes gerações e etnias. O brincar é a principal atividade na infância e tem sido estudado pela ciência para entender suas características, suas relações com o desenvolvimento e a saúde, espiritualidades das crianças, e também para intervir nos processos de educação e aprendizagem de forma positiva. A brincadeira na infância guarani contém elementos essenciais focando aspectos de aprendizagem, interações que contribuem para o desenvolvimento de crianças, a memória como resgate histórico e transmissão de conhecimento entre as gerações, ou seja, o ato de brincar também forma de expressão e registro. Além disso, também foram exploradas abordagens de educação indígena, infância indígena e brincadeira para a reflexão sobre concepções do povo guarani, bem como a relação intergeracional entre crianças guarani e avós.

A intenção de mapear as produções referentes ao estudo da temática Infância guarani e brincadeira indígena serviram como referência teórica para o diálogo com os conhecimentos empíricos da pesquisa, identificando os avanços nos estudos nessa área. Para a busca em base de dados da CAPES foram elencados os seguintes descritores de pesquisa: infância guarani e brincadeira; infância indígena e brincadeira; infância guarani e infância infantil. A busca foi realizada em outubro de 2022 e foram usados os termos de “infancia AND indígena”; “infância guarani AND brincadeira”; “Infância indígena AND brincadeira”. Foram encontrados 17 artigos e esse material foi sistematizado em uma tabela, compondo a primeira parte do trabalho dessa investigação: o mapeamento da produção científica sobre a infância Guarani, mais especificamente sobre as brincadeiras.

O processo de análise priorizou os artigos e envolveu a leitura dos resumos em uma etapa inicial, e posteriormente foi realizada a leitura completa dos trabalhos selecionados. Esse levantamento permitiu estabelecer um diálogo com a literatura relevante para os objetivos do trabalho (Gil, 2008). Em uma primeira leitura do material encontrado por meio do levantamento bibliográfico com o objetivo de aproximar e explorar o campo de pesquisa, foram excluídos aqueles textos que tratavam de assuntos não pertinentes ao foco desta pesquisa.

Uma vez que o material foi localizado e reunido, passou-se para a fase de análise dos materiais. Isso envolveu a leitura crítica dos resumos, por vezes foi necessário ler o artigo integralmente, para identificar tendências, lacunas no conhecimento, discussões e principais áreas de interesse. Os resultados encontrados foram organizados em categorias: algumas delas definidas a priori e outras construídas posteriormente à leitura dos resumos. Inicialmente o foco esteve na coleta de informações objetivas e concretas, como datas, locais e áreas de produção. No segundo momento, me perguntei não apenas quem produziu as pesquisas, quando e onde, mas também o que foi pesquisado e como essas pesquisas foram realizadas.

A busca por pesquisas já realizadas foi crucial para avançar nos estudos e contribuir para o desenvolvimento de pesquisas, para pesquisadores indígenas e para o próprio fortalecimento da cultura guarani. Esse mapeamento beneficia tanto a produção acadêmica quanto as terras indígenas e a população de forma geral, que pode se beneficiar dos resultados para melhorar ações e políticas públicas. Durante a análise buscou-se identificar aqueles que poderiam dialogar com o estudo em andamento sobre a infância guarani e as brincadeiras, contribuindo para a fundamentação teórica e ampliação das pesquisas na área.

Uma das primeiras perguntas ao olhar os materiais sistematizados foi se havia algum texto produzido por autor/autora indígena. Encontrei apenas dois textos onde os autores são indígenas, todos os outros textos são de autores/pesquisadores não indígenas. As duas autoras

são de diferentes povos indígenas como podem observar a seguir. No primeiro artigo escrito por Célia Rosângela Faustino e Lúcio Tadeu Mota (2016), a primeira autora é pertencente à etnia Kaingang, localizada no Paraná, e no segundo artigo de autoria de Arawaje Wayana Apalai, Angela do Céu Ubaiara Brito e Elivaldo Serrão Custódio (2022), a primeira autora é pertencente ao povo Wayana.

O texto “Crianças Indígenas: o papel dos jogos, das brincadeiras e da imitação na aprendizagem e no desenvolvimento” de Faustino e Mota (2016) destaca que desde o século XIX, os etnólogos que estudaram os povos indígenas observaram a infância como parte das relações sociais e culturais desses grupos. Com o avanço dos estudos em áreas como cultura, antropologia, história dos povos indígenas, educação e linguística, as pesquisas sobre a infância indígena se expandiram, revelando diferentes formas de aprendizagem. A partir dos anos 1990, políticas de ação afirmativa no Brasil abriram caminho para que indígenas tivessem acesso ao ensino superior. Isso possibilitou a formação de intelectuais desses grupos étnicos, que passaram a refletir sobre a educação tradicional indígena e a educação escolar, explorando suas semelhanças, diferenças e possibilidades. Esses intelectuais têm contribuído para a produção de conhecimento sobre esses temas e outros relacionados. Como base teórica utilizou-se a teoria Histórico-Cultural, desenvolvida por pesquisadores russos, que visa criar uma nova abordagem educacional que se opõe à educação tradicional. Em resumo, essa teoria destaca que o contexto cultural é fundamental para compreender e promover o desenvolvimento humano por meio da educação. Ao analisar o texto consigo identificar que os autores apresentam diferentes pesquisas anteriores que narram experiências de campo com diferentes indígenas no território brasileiro. Posso citar três povos indígenas que chamam a atenção: kaingang, guarani mbya, guarani Nhandewa. De certa forma, o texto discute infância e brincadeira, mas não especificamente sobre o povo Guarani, embora apareçam citações de professores e anciãos, não são descritas as brincadeiras envolvidas. Fica evidente que a infância é um período importante.

O segundo artigo citado (Apalai; Brito E Custódio, 2022) intitulado “O brincar das crianças indígenas no Pará: um olhar para as narrativas e vivências do Povo Aparai” investiga o papel das brincadeiras na infância das crianças da etnia Aparai na localidade Bona-PA, destacando sua conexão com elementos naturais e o cotidiano dos adultos. As perguntas norteadoras abordam diferenças entre o brincar atual e tradicional, os elementos presentes nas brincadeiras e considera o auxílio em atividades dos adultos é considerado brincadeira. Dividido em três seções principais, o artigo contextualiza a pesquisa, detalha os métodos utilizados (história oral, análise bibliográfica, entrevistas) e destaca a relação entre brincadeiras, natureza e cotidiano para o povo Aparai. Observou-se que algumas brincadeiras tradicionais

estão sendo esquecidas, levando os pesquisadores a investigarem as brincadeiras das crianças com base nas narrativas dos mais velhos - exatamente a preocupação que venho trazendo na minha dissertação e também a importância de registrar e escutar os mais velhos.

Com relação à área de conhecimento dos estudos analisados, 7 artigos são no campo da Educação, 2 artigos em Antropologia, 2 em história, 1 artigo na área interdisciplinar, 1 em Psicologia, 1 em educação especial, 1 saúde pública, 1 enfermagem, 1 educação musical.

Com relação à localização geográfica de produção, dos 17 textos encontrados, 7 dizem respeito a Mato Grosso do Sul, 3 no Rio Grande do Sul, 2 no Paraná e em São Paulo, 1 em Alagoas, 1 em Fortaleza, 1 em Porto Alegre, 2 textos aparecem no estado do Pará.

Foi possível ainda identificar autores que têm sido mencionados nos trabalhos sobre o tema da educação e povos indígenas. As contribuições de Vigotski foram mencionadas em alguns estudos, como por exemplo o livro “A construção do pensamento e da linguagem”, bem como o livro “Imaginação e criação na infância” e “Desenvolvimento psicológico na infância”. Assim como Bartolomeu Meliá, (1979) e sobre educação indígena e alfabetização, Florestan Fernandes (1979).

Embora não tenham sido citados nos estudos, destaco o trabalho de Sandra Benites (2015), que em seu trabalho de conclusão de curso, traz à tona a crucial questão da interculturalidade no contexto da escola indígena. A análise realizada por ela destaca as relações entre a educação tradicional guarani e o sistema de ensino estatal brasileiro. Em sua pesquisa, Benites ressalta a necessidade premente de reavaliar as práticas pedagógicas nas escolas interculturais indígenas e de reconceituar a noção de interculturalidade por meio do diálogo com a diferença. Graduada em Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Benites é uma voz ativa no ativismo e pesquisa relacionados ao processo de ensino-aprendizagem das crianças guarani. Além disso, ela se concentra no papel das mulheres na cultura e na educação guarani, aspecto fundamental para compreender a dinâmica e os valores intrínsecos a sua aldeia. O trabalho de Benites não apenas destaca as lacunas e desafios existentes na interação entre a educação guarani e na gestão da educação pública, como propõe soluções e abordagens alternativas que podem promover uma educação mais inclusiva, respeitosa e eficaz para os povos indígenas. Sua pesquisa é uma contribuição valiosa para o campo da educação intercultural e para a promoção da diversidade e do respeito às diferentes formas de conhecimento e cultura.

Outra referência importante é Davi Timóteo Martins, professor e antropólogo com formação em Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestre em Antropologia Social pela mesma instituição. Sua pesquisa se concentra

nas noções nativas de infância, aprendizagem e desenvolvimento pessoal na cultura Mbyá Guarani. Residindo na aldeia guarani Itanhaém, no litoral de Santa Catarina, que tem apenas oito anos de existência, Martins é reconhecido por seu trabalho sobre a relação entre pais e filhos, cuidados maternos e a importância da fase dos Xeramõi para as crianças Mbyá Guarani. Sua atuação é crucial para promover uma educação diferenciada para as crianças indígenas, valorizando as tradições e saberes da cultura Mbyá Guarani. Seu trabalho contribui significativamente para uma compreensão mais profunda das perspectivas indígenas sobre infância, aprendizado e desenvolvimento pessoal.

Da mesma forma, Rosângela Célia Faustino e Lúcio Tadeu Mota (2016) no trabalho "Crianças Indígenas: O papel dos Jogos, das Brincadeiras e da Imitação na Aprendizagem e no desenvolvimento é resultado de pesquisas realizadas pelo projeto Observatório da Educação Escolar Indígena/UEM-PR. O trabalho aborda a infância e a educação indígena, destacando aspectos históricos e ressaltando a importância das brincadeiras e dos jogos como elementos de aprendizagem e desenvolvimento nas famílias e aldeias indígenas. O texto também faz referência a relatos de etnógrafos que observaram a infância indígena no sul do Brasil nos séculos XIX e XX, bem como a estudos recentes sobre a infância indígena, com foco nas etnias Kaingang, Guarani e Xetá.

Por último, gostaria de destacar a dissertação intitulada "Okotêvê Ja Vy'a: Educação Escolar Indígena e Educação Indígena: Contrastes, Conflitos e Necessidades" elaborada por Joana Evangelista Mongelo, como parte de seu mestrado em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis, 2013, em que explora a relação entre a educação escolar e a educação indígena, com foco nas relações entre a educação fornecida por agências governamentais aos indígenas brasileiros e a educação própria desses povos, consagrada por sua história e tradição, com ênfase nas especificidades do grupo étnico guarani. Um dos resultados observados é a proposta de uma pedagogia indígena, que busca compreender melhor a identidade desses sujeitos sociais nas aldeias indígenas. A tradição oral também desempenha um papel significativo na qualidade das ações, considerando os conflitos entre a educação escolar e a educação indígena. Esses resultados sugerem a necessidade de uma abordagem educacional que respeite e integre as práticas e valores culturais dos povos indígenas, ao mesmo tempo em que reconheça e incorpore as exigências e oportunidades da sociedade contemporânea.

Outro aspecto observado nos 17 artigos encontrados na base de dados da CAPES foi o fato de que apenas oito dos estudos falam da infância Guarani, incluindo crianças Guarani Mbya e Kaiowa presentes na região do Mato Grosso e Rio Grande do Sul. O texto intitulado

‘O que está destinado a reunir’: cuidado infantil entre os Guarani Mbyá” de autoria de (Stofel, Teixeira e Völz, 2019), teve como objetivo principal compreender as diferentes maneiras como o cuidado infantil é compreendido e praticado entre os Guarani Mbya do Rio Grande do Sul. Para isso, foi utilizada uma abordagem qualitativa de pesquisa, que incluiu a participação dos pesquisadores na aldeia estudada, bem como a observação direta das interações entre adultos e crianças ao longo de um período de um ano. Durante essa pesquisa, os pesquisadores registraram suas observações em diários de campo, nos quais descreveram as práticas cotidianas de cuidado infantil e as interações entre adultos e crianças na aldeia Guarani Mbya. Os resultados da análise revelaram que as práticas de cuidado infantil entre os Guarani Mbya são profundamente influenciadas pela sua concepção de infância e pelo papel das crianças na comunidade. As crianças são vistas como agentes sociais ativos e fundamentais na construção e manutenção do tecido social. Elas não apenas recebem cuidado, mas também contribuem ativamente para ele, ensinando, aprendendo e cuidando através das brincadeiras e interações sociais. Para os Guarani Mbyá, o cuidado infantil está intrinsecamente ligado às relações de troca e aos laços de parentesco, pois cuidar das crianças é uma forma essencial de estabelecer e manter conexões dentro da aldeia. Essa compreensão ressalta a importância do cuidado como um princípio central da vida social e reforça a necessidade de sua valorização e reconhecimento dentro da sociedade Guarani Mbya. O cuidado infantil pode ser compartilhado entre diversos membros da comunidade, incluindo adultos e outras crianças. Isso reflete uma abordagem coletiva ao cuidado infantil. A pesquisa indica que a conexão com a natureza desempenha um papel significativo no cuidado infantil Mbya. Isso pode incluir o ensino de conhecimentos sobre plantas medicinais, técnicas de caça e pesca, ou a importância espiritual da natureza. As crianças Guarani Mbyá aprendem através da participação ativa nas atividades cotidianas das aldeias, em vez de um ensino formal. Isso pode refletir a transmissão de conhecimento de geração em geração.

O próximo artigo também destaca a escola diferenciada e sobre os cuidados das crianças Guarani. Intitulado “Escola diferencia Guarani: entre o viver seminal e o viver ocidental” de autoria de Raquel Maria de Oliveira Viçosa e Ana Luisa Teixeira de Menezes (2015). O texto aborda a busca dos Guarani por autonomia cultural e educacional, enfrentando desafios externos e mantendo sua identidade e espiritualidade como pilares fundamentais. A construção das escolas diferenciadas da tradição Guarani tem representado um desafio para suas aldeias no interior do Rio Grande do Sul, bem como para as escolas rurais que acompanham esse processo e as universidades envolvidas. Partindo da observação e convivência com duas aldeias indígenas, a importância do caos para a aprendizagem, sugerindo que é na interação que

ocorre a construção do conhecimento e da identidade do outro. Isso indica uma abordagem mais dinâmica e participativa da educação, onde o processo de ensino-aprendizagem é moldado pela interação e pela experiência compartilhada. A escola diferenciada nas aldeias é um espaço importante onde ocorre uma troca de conhecimentos e uma educação intercultural entre professores indígenas e não indígenas. Desde a Constituição de 1988, há um desafio educacional em garantir às comunidades indígenas brasileiras uma educação escolar que seja específica para suas necessidades, intercultural, bilíngue e que respeite suas diferentes formas de viver e pensar. Isso requer uma abordagem que reconheça e valorize as diferenças culturais e cosmológicas indígenas, além de promover aprendizados que reflitam essas realidades. O pensamento seminal, é uma maneira de compreender o mundo que se baseia na observação da natureza com a profundidades de saberes tradicionais e ancestrais das aldeias indígenas. É uma abordagem que valoriza a conexão com a terra e com as formas de conhecimento transmitidas ao longo de gerações. Reconhecer que há diversas formas válidas de compreender o mundo além do paradigma ocidental dominante é fundamental para uma educação mais inclusiva e respeitosa da diversidade de perspectivas e saberes.

No artigo “Infância e Educação Guarani e Dimensão poética das linguagens na educação da infância”, Zinn, Richter e Menezes (2015), estabelecem interlocução entre pesquisadores, acadêmicos e escolas indígenas para pesquisar a educação das crianças Guarani em duas aldeias no interior do Rio Grande do Sul. O objetivo é promover abertura a outros modos de interrogar a educação das crianças em contextos coletivos a partir da interlocução entre princípio biocêntrico, pensamento ameríndio e as fenomenologias da imaginação poética, do corpo operante no mundo e da ação narrativa. Para problematizar a submissão das crianças pequenas à forma escolar dominante e avançar no processo dialógico de formação das escolas diferenciadas Guarani, a abordagem metodológica sustenta-se na etnografia e na pesquisa-ação com os indígenas Guarani nas aldeias de Estrela Velha e Salto do Jacuí. Os encontros entre adultos e crianças mostram diferentes maneiras de entender a infância, indo além dos modelos comuns da sociedade.

Revelam a falta de estudos sobre essas diversas formas de ser criança. Mostra que há uma falta de estudos sobre diferentes formas de ser criança que não se encaixam nos modelos urbanos convencionais, onde a criança é vista principalmente como assistida ou escolarizada. Isso significa que existem diferentes maneiras de pensar sobre como ensinar as crianças e como guiar os professores para fazê-lo. Cada abordagem tem suas próprias ideias sobre o que é melhor para as crianças e como ensinar. É importante respeitar essas diferenças, mas também é crucial ter conversas para entender melhor todas as perspectivas. Ter essas conversas pode nos ajudar

a compreender melhor a sociedade brasileira e os desafios políticos enfrentados pelos responsáveis pelas políticas educacionais para crianças pequenas.

O interesse científico aqui é reunir pesquisas para buscar uma nova concepção de infância e novas abordagens para educar crianças em contextos coletivos. Isso inclui uma racionalidade mais sensível e poética, que valoriza outras formas de linguagem, narrativas, conhecimentos e práticas que fortaleçam a educação baseada no cuidado, na escuta das crianças e suas famílias, e que também reconheça nossas heranças culturais. É uma ética de resistência, lembrando que existem outras maneiras de ser criança.

Em um outro artigo de Rubens de Camargo Ferreira Adorno e Renata Palópoli Pícoli (2008), intitulado “Cuidado à Saúde de Crianças Kaiowá e Guarani: notas de observação de campo, encontrei uma discussão sobre as práticas de saúde e cuidado utilizadas pelos Kaiowá e Guarani da Terra Indígena de Caarapó no enfrentamento das doenças diarreicas na infância, uma pesquisa etnográfica realizada com os Kaiowá e Guarani da Terra Indígena de Caarapó, focada nas práticas de saúde e cuidado relacionadas ao enfrentamento das doenças diarreicas na infância. Os pesquisadores utilizaram a observação participante e entrevistas abertas com membros da aldeia para entender como essa sociedade lida com a diarreia infantil. O texto destaca que essa comunidade indígena enfrenta constantes transformações sociais devido às interações com outras culturas e à presença contínua dos serviços de saúde. Como resultado, as percepções sobre a diarreia infantil, assim como as decisões sobre como preveni-la e tratá-la, são complexas e variam. A diarreia é definida de acordo com sinais que, de certa forma, se assemelham aos critérios biomédicos, mas as explicações para sua causa e as abordagens de tratamento não seguem exclusivamente o modelo biomédico. As famílias das crianças indígenas podem procurar especialistas tradicionais, usar chás e infusões ou recorrer aos serviços de saúde para tratamento. Essas diferentes abordagens refletem uma negociação cultural entre pessoas da mesma cultura e de culturas distintas. O texto ressalta a importância de os serviços de saúde considerarem não apenas a perspectiva biomédica, mas também as percepções e práticas indígenas na identificação da causa, diagnóstico e tratamento da diarreia infantil. Isso é crucial devido à coexistência dessas práticas no contexto local e à necessidade de um diálogo intercultural para garantir a saúde das crianças indígenas. O texto enfatiza a importância da compreensão das práticas de saúde e cuidado específicas das aldeias indígenas e a necessidade de uma abordagem intercultural na prestação de serviços de saúde para garantir um atendimento mais eficaz e culturalmente sensível às necessidades desses do povo.

Assim, enfatiza-se a interculturalidade na abordagem seja de um olhar de cuidado pela infância, em todos os aspectos, como também no artigo a seguir que traz um registro sobre a

infância guarani, trazendo a realidade de uma criança guarani. Trata-se do artigo “Cordilheira de Amora II: detritos de infância Guarani-Kaiowá Poética infantil-indígena”. (Soeiro, 2015). Cordilheira de Amora II é um documentário/curta-metragem produzido pela cineasta Jamille Fortunato, no ano de 2015 e gravado na aldeia Amambai, no Mato Grosso do Sul. O curta acompanha a garotinha Guarani Kaiowá Cariane Martins, de nove anos de idade. Em meio às ruínas de tijolos, barro seco, madeira velha e eletrodomésticos abandonados, Cariane cria a sua realidade imaginária, refletindo sobre a criatividade das crianças ao explorarem e interagirem com o mundo ao seu redor, especialmente com objetos cotidianos e descartados. Ele destaca como as crianças têm uma capacidade única de encontrar beleza e potencial em coisas que os adultos muitas vezes consideram insignificantes ou descartáveis. Elas não apenas imitam os adultos, mas criam novas relações e significados a partir dos materiais disponíveis, construindo seu próprio "pequeno mundo" dentro do mundo adulto. A referência ao "pequeno mundo dentro do grande" sugere que as crianças constroem seu próprio universo simbólico e imaginativo, usando sua criatividade para transformar objetos comuns em algo novo e único. A menção à Cariane Martins exemplifica esse conceito, descrevendo como ela recria objetos descartados e os transforma em novas formas de expressão, como uma caixa de sabão em pó transformada em uma televisão, ou um galinheiro vazio visto como um ônibus. Essas criações podem passar despercebidas pelos adultos, que muitas vezes veem apenas lixo onde as crianças veem possibilidades infinitas.

A brincadeira é vista como uma forma de estar plenamente presente no mundo, onde as crianças se envolvem ativamente com o ambiente ao seu redor, sem preocupações com o passado ou o futuro. É uma imersão total na experiência presente. Elas podem incorporar histórias, mitos e tradições antigas em suas brincadeiras, ao mesmo tempo em que imaginam e antecipam possíveis futuros. Da mesma forma, a brincadeira pode transcender as fronteiras físicas e geográficas, permitindo que as crianças explorem espaços distantes ou imaginários. Elas podem criar mundos alternativos, conectar-se com diferentes culturas ou até mesmo interagir com espaços virtuais através da imaginação. Essa visão de mundo valoriza a liberdade das crianças para explorar e aprender de maneiras diversas, respeitando suas individualidades e habilidades únicas. A diversidade é celebrada como uma fonte de riqueza cultural e sabedoria compartilhada, e a espiritualidade permeia todas as dimensões da vida, nutrindo um profundo senso de pertencimento e significado de acordo com citação em baixo.

“Nhande mitã ramo, opa rupi ñande jaiko”, um antigo provérbio Guarani, diz-nos sobre a plasticidade do ser-criança, em tradução: “quando somos crianças vivemos por todas as partes”. Longe de pretendermos aqui exaurir toda a significação destas palavras, podemos lê-las, todavia,

pensando a respeito das temporalidades e espacialidades singulares à criança indígena no exercício de sua brincadeira e fabulação. (Soeiro, 2015, p. 42)

Em resumo, o texto convida a uma reflexão sobre a profundidade e a riqueza da experiência infantil na brincadeira, destacando sua capacidade de transcender as limitações do tempo, espaço e cultura. Portanto, nas aldeias indígenas, a plasticidade se manifesta através de uma variedade de expressões culturais que transcendem as barreiras do tempo e do espaço, conectando as crianças a suas raízes ancestrais, à natureza e à espiritualidade de maneira profunda e significativa.

No sexto artigo, “Sonhos e nomes: as crianças Guarani” de Paulo Humberto Porto Borges (2002) discutiu-se como os grupos indígenas Guarani internalizam seu teko porã (que significa bom modo de proceder) entre crianças e constroem seus conceitos de infância e trabalho, no intuito de formarem o chamado guarani ete, ou seja, o(a) guarani verdadeiro. (Borges, 2002). Borges aborda a importância da reconstrução da memória indígena, especificamente a dos Guarani-Mbya, e discute as possibilidades de ensino desse processo. Ele reconhece o valor das fontes históricas, incluindo documentação imagética como fotografias, gravuras e iconografias, mesmo que tenham sido produzidas por não-indígenas. O trabalho do Borges é resgatar a história guarani, considerando que muitas vezes a história indígena foi distorcida ou negligenciada nos registros históricos convencionais. Ao utilizar essas fontes, Borges busca reinterpretar e recontar a história dos Guarani-Mbya de uma perspectiva mais autêntica e inclusiva, que reflita sua própria narrativa e visão de mundo. Ao reconstruir a memória indígena, Borges não apenas busca corrigir distorções históricas, mas também valorizar a riqueza cultural e a sabedoria dos Guarani-Mbya, contribuindo para fortalecer sua identidade e resgatar seu lugar na história do Brasil e da humanidade como um todo.

A socialização cultural entre os guaranis envolve a internalização dessas crenças desde a infância, destacando a importância do sagrado na persistência cultural do povo. Os pais podem dialogar com a alma do filho para escolher o nome, e a experiência religiosa é compartilhada em sua aldeia. Portanto, o nome não é apenas uma identificação, mas também uma previsão do percurso futuro da criança, incluindo seus gostos, personalidade e possíveis caminhos a seguir. Outro aspecto interessante que identifiquei: ao mesmo tempo que o autor passou a conviver com os guaranis, realizou análises mais aprofundadas dos trabalhos feitos por outros pesquisadores como Bartolomeu Meliá (1979) e Leon Cadogan (1992).

No próximo artigo há uma semelhança sobre infância guarani, a importância sobre o processo de aprendizagem e os cuidados no que se refere a infância. Intitulado “A infância e o

processo de ensino aprendizagem entre os Guarani Mbya: jogo, música e educação" de Daisy Fragoso (2018). O processo de ensino e aprendizagem entre os Guarani é profundamente enraizado em sua concepção de infância, que difere significativamente das abordagens ocidentais mais comuns. Para os Guarani, a infância não é vista como um período de preparação para a vida adulta, mas sim como uma fase de pleno desenvolvimento e participação na vida da aldeia. Essa concepção de infância entre os Guarani abrange a liberdade e o brincar livre, reconhecendo o jogo como uma atividade fundamental para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças. Dentro das comunidades Guarani, as crianças são incentivadas a explorar e experimentar o mundo ao seu redor através do brincar, em vez de serem submetidas a estruturas rígidas de aprendizagem formal. O brincar livre e o jogo ideal são vistos como essenciais para o desenvolvimento das habilidades necessárias para a vida na aldeia e na sociedade Guarani como um todo. Durante essas atividades, as crianças aprendem habilidades práticas, como técnicas de caça, pesca, agricultura, além de desenvolverem habilidades sociais, como cooperação, resolução de conflitos e comunicação. Ao participar livremente da vida na aldeia desde a infância, as crianças Guarani se tornam parte integrante da aldeia e adquirem um profundo conhecimento de suas tradições, valores e práticas culturais. Eles não estão simplesmente sendo preparados para assumir responsabilidades na vida adulta; eles estão imersos desde cedo em sua cultura e modo de vida.

Essa abordagem permite que as crianças Guarani sejam protagonistas em seu próprio aprendizado e crescimento, em vez de apenas receberem conhecimento de forma passiva. Quando se tornam adultos, eles já possuem um sólido entendimento de sua identidade cultural e um forte senso de pertencimento à sua comunidade, porque cresceram participando plenamente dela desde tenra idade. Em suma, o mundo Guarani não está à espera das crianças quando se tornam adultas, porque elas já se apropriaram dele durante a infância.

A repetição é uma técnica de aprendizado comum em muitas culturas ao redor do mundo. Cantar a mesma canção várias vezes permite que o aprendiz internalize a melodia, as palavras e o ritmo, facilitando a aprendizagem gradual. Em resumo, ilustra um processo de ensino e aprendizado que valoriza a participação ativa do aprendiz, a repetição gradual, a inclusão e a integralidade da experiência de aprendizado. Esses elementos criam um ambiente propício para a aquisição de novos conhecimentos e habilidades.

No último artigo que trata sobre o povo Guarani, "A Pedagogia Cultural da Infância Indígena Guarani e Kaiowá", João Carlos Gomes e Adir Casaro Nascimento, (2017) trazem um olhar do pesquisador voltado para a compreensão da infância indígena, com base na cosmologia e espiritualidade Kaiowá e Guarani - uma pauta importante que sempre está sendo discutida na

área da educação e escola diferenciada nas aldeias Guarani. Ainda que o meu tema de pesquisa não dê ênfase para esse assunto, penso que deve ser sempre discutido no espaço escolar e nas comunidades. Trata-se de um olhar que remete aos estudos e pesquisas realizados pelos intelectuais indígenas voltados para territorialidade, processos próprios de ensino-aprendizagem e educação escolar diferenciada praticada pelos Guarani e Kaiowá.’ A cosmovisão do Povo Guarani e Kaiowá é utilizada como uma lente para examinar as concepções sobre o universo, a vida e os espaços. O estudo destaca que esses conhecimentos são transmitidos às crianças como parte de processos próprios de ensino e aprendizagem, representando elementos cosmológicos da espiritualidade.

No meu entendimento, é através desses saberes que as crianças indígenas são inseridas desde cedo em uma compreensão profunda e abrangente do mundo ao seu redor. Esses ensinamentos não apenas contribuem para a formação da identidade cultural, mas também servem como fundamentos para a compreensão da vida, do cosmos e do papel da espiritualidade na existência. A pesquisa destaca a importância de reconhecer e valorizar essas práticas educacionais específicas, que diferem das abordagens convencionais. Ela sugere que a transmissão de conhecimentos cosmológicos e espirituais desempenha um papel vital no desenvolvimento integral das crianças indígenas, proporcionando-lhes uma base sólida para compreenderem e navegarem em seu mundo cultural e espiritual. Também é uma maneira de garantir que as tradições e o conhecimento de seus ancestrais sejam passados para as gerações futuras. Ao valorizarmos essas formas de educação, mostramos respeito pela diversidade cultural e ajudamos a fortalecer as identidades das aldeias indígenas.

Além dos 8 textos que tratam da infância Guarani, outros 9 mencionam temas como a infância indígena, infância indígena brasileira, direitos das crianças assegurados pelas leis, algumas mencionam as brincadeiras indígenas e brinquedos, porém, de outras etnias que não são do povo Guarani. Dois textos já foram mencionados no início do capítulo, aqueles que tratavam de textos analisados de autoria indígena. Dos outros 7 textos ainda não mencionados, destaca-se a autora Clarice Cohn (2013), que no seu artigo traz a história e experiência de outros povos indígenas do Amazonas bastante interessantes. Intitulado “Concepções de infância e infâncias: Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil”, a proposta defende que os pesquisadores devem prestar atenção tanto às suas próprias ideias sobre a infância quanto às das crianças que estão sendo estudadas. As crianças não são apenas objetos de estudo, mas também participantes ativos em suas vidas e na sociedade. Elas têm suas próprias perspectivas sobre o que é ser criança e como devem interagir com o mundo. Essas perspectivas podem ser diferentes das crianças e dos adultos e até entrar em conflito com as normas sociais

estabelecidas. Portanto, ao fazer pesquisas sobre a infância, é importante considerar não apenas as ideias dos adultos, mas também as das próprias crianças. Isso significa entender como as crianças veem seu lugar no mundo, suas relações com outras pessoas e instituições, e como suas próprias experiências adaptam suas visões sobre a infância e o mundo ao seu redor. Por exemplo, no estudo, quando a autora conviveu com o povo Xikrin, ela passou a entender o que eles consideram uma criança, ou seja, a sua ideia de infância. Descobriu que para eles, a infância está relacionada à forma como as crianças percebem o mundo através dos sentidos, como aprendem e entendem as coisas ao seu redor. Além disso, a infância também está ligada à noção de como seus corpos são moldados e fabricados.

Em outro texto, a autora Beleni Salete Grandó (2014) no texto “Infância, brincadeira e brinquedo em comunidades indígenas brasileira, aponta que antropologia da Criança busca compreender como as sociedades indígenas encaram a infância e como o brincar e os brinquedos desempenham um papel importante na educação e no desenvolvimento de crianças saudáveis. O bem-estar da criança nessas sociedades resulta de uma série de práticas que envolvem a alimentação, a ornamentação e técnicas corporais, centrando-se no corpo como o núcleo da vida individual e coletiva. No processo de ensinar e aprender, o ato de brincar e o uso de brinquedos desempenham um papel vital. Isso reconhece a autonomia da criança e está relacionado com o papel que ela desempenha na sociedade e nas relações sociais de seu grupo. Embora o brincar possa parecer algo simples e lúdico, ele desempenha um papel fundamental na forma como a criança dá sentido e significado à sua própria existência, enquadrando-a dentro da cosmologia única de sua sociedade indígena.

Beleni Salete Grandó, Eglén Silva Pipi Rodrigues e Vilma Aparecida de Pinho (2019), em outro trabalho feito “Crianças e infâncias indígenas: questões pertinentes para a educação infantil e a escola”, problematizam a educação da criança pequena nestas sociedades e possíveis contradições da imposição da educação infantil nestes contextos sociais atuais em Mato Grosso. O texto aborda a importância da educação para os povos indígenas em Mato Grosso, ressaltando a complexidade da dinâmica educacional. Variedade de estruturas educacionais: O texto menciona que a organização e o funcionamento das escolas indígenas variam muito, o que indica que não há um modelo único. Contexto socioeconômico e cultural: A forma como a educação é implementada na aldeia indígena é influenciada pelo contexto socioeconômico e cultural específico desse grupo. Isso significa que as práticas educacionais podem diferir amplamente entre diferentes povos indígenas, levando em conta suas tradições, línguas, práticas de subsistência e valores culturais e destaca que a educação para os povos indígenas vai além do ensino acadêmico convencional. Em vez disso, ela é concebida como um processo de nutrir

todas as dimensões do ser humano, incluindo a orgânica (física), afetiva e social, cognitiva e espiritual. A educação indígena é vista como crucial para garantir a continuidade e preservação da identidade cultural de cada povo tradicional. Isso significa que o processo educacional deve estar enraizado nas crenças, valores e visões de mundo específicos de cada comunidade, fortalecendo assim sua identidade cultural e conexão com suas tradições ancestrais. O texto sugere também que desde o nascimento, os corpos das crianças indígenas estão sendo aos poucos familiarizados pelas concepções de mundo de suas comunidades. Isso destaca a importância da educação desde tenra idade na transmissão de conhecimentos, valores e práticas culturais que são fundamentais para a identidade e o bem-estar das gerações futuras. Em resumo, a educação para os povos indígenas em Mato Grosso é um reflexo da rica diversidade cultural e da história desses grupos, buscando transmitir conhecimento acadêmico, fortalecer a identidade cultural e garantir a continuidade das tradições ancestrais em um contexto de desafios e resistência. Essa abordagem ressalta a importância da prática, da participação ativa e da conexão com a comunidade na formação do conhecimento e da sabedoria. Quando falamos sobre a infância indígena e como as crianças aprendem, é importante entender que existem diferentes formas de ser criança. Cada cultura tem suas próprias maneiras de criar e ensinar as crianças. Por isso, não ressalta que as escolas reconheçam e respeitem as particularidades das crianças indígenas. As crianças indígenas têm suas próprias maneiras de aprender e entender o mundo, que são diferentes das crianças de outras culturas. Portanto, as escolas precisam se adaptar para atender às necessidades específicas dessas crianças, respeitando suas tradições, línguas e formas de aprendizado. Isso ajuda a garantir que todas as crianças tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver plenamente.

Em outro texto, o autor Antônio Marcos Chaves (2000) em seu artigo publicado “Os significados das crianças indígenas brasileiras (século XVI e XVII)” analisa cartas jesuítas, documentos históricos e crônicas de viajantes estrangeiros referentes aos séculos XVI e XVII e revela diferentes significados atribuídos às crianças indígenas brasileiras por diversos grupos. Os relatos sugerem que as crianças indígenas eram bem cuidadas pelas famílias. Elas eram ensinadas desde cedo preparadas para quando forem adultos nos padrões culturais e sociais do seu povo específico. Os jesuítas tinham uma visão particular das crianças indígenas. Reconheciam suas particularidades e os consideravam mais maleáveis do que os adultos. Eles entendiam o período de desenvolvimento como crucial, pois moldariam o futuro adulto. Apesar de não ser completamente claro, havia entre os jesuítas um reconhecimento do estado de infância. Os colonizadores portugueses, que não faziam parte da ordem jesuíta, viam as crianças indígenas como potenciais escravos. Para eles, a explicação era simples: as crianças poderiam

ser utilizadas como mão de obra escrava para benefício próprio. Esses diferentes significados refletem as complexidades das interações entre os diversos grupos envolvidos na colonização do Brasil durante os séculos XVI e XVII e evidenciam as diferentes visões e interesses em relação às crianças indígenas.

O artigo de Suzana Santos Libardi e Alana Gabriela Barros Doia da Silva (2021) intitulado "Crianças Indígenas no Brasil: Qual a contribuição das pesquisas em Psicologia?" indica que existe uma reflexão em andamento sobre a inclusão das crianças indígenas em estudos de psicologia que abordam crianças em geral. A equipe reconhece que as crianças indígenas podem estar sendo consideradas em pesquisas gerais sobre crianças, mas há a necessidade de investigar mais profundamente essa questão. Inicialmente, a análise se concentrou nos dados quantitativos relacionados à ocorrência desses artigos, com prioridade para os periódicos de psicologia. Depois, os pesquisadores realizaram uma análise qualitativa dos artigos da psicologia, examinando os temas abordados, o embasamento teórico utilizado, a metodologia empregada (se envolveu crianças diretamente ou foi apenas sobre crianças) e as principais conclusões apresentadas. Essa abordagem combinada permitiu uma compreensão mais ampla e detalhada da produção acadêmica sobre crianças indígenas, destacando tanto aspectos quantitativos quanto qualitativos dos estudos realizados nessas áreas específicas. Além disso, o texto aponta para a necessidade de repensar a ideia de "crianças em geral" e reconhecer a diversidade e especificidades das infâncias indígenas. Isso implica em desconstruir a noção de uma abordagem generalizante e considerar a importância de usar descritores específicos ao estudar essas populações. Essa escolha não é apenas técnica, mas também tem implicações teóricas e conceituais importantes para uma compreensão mais precisa e inclusiva das crianças indígenas em pesquisas de psicologia.

No artigo, "A educação especial em contexto indígena e as brincadeiras da etnia Jiripancó" de autoria de Denilson Diniz Pereira, Tailde Correia Silva, Rosejane Da Mota Farias e Mariana Veríssimo Soares de Aguiar e Silva (2020), observei o enfoque na importância das ações pedagógicas que utilizam atividades lúdicas para fornecer estímulos significativos na aprendizagem, destacando como as brincadeiras podem ser uma ferramenta eficaz para a educação inclusiva. Além disso, a pesquisa também se propõe a refletir sobre a prática educativa em contextos indígenas, considerando os desafios e oportunidades de ensinar de maneira sensível às especificidades culturais e às necessidades das crianças indígenas com deficiência. Essa pesquisa busca entender o papel das brincadeiras na educação especial em uma terra indígena específica, destacando como elas desempenham um papel importante na

aprendizagem, no desenvolvimento e na formação pessoal e profissional das crianças indígenas, especialmente aquelas com deficiência.

Já no artigo sobre o povo Terena, das autoras Marta Regina Brostolin e Evelyn Aline da Costa de Oliveira (2013) intitulado "Os Sentidos Do Aprender a ser indígena e o Viver a Infância da Criança Terena" o objetivo foi investigar o processo de aprendizagem das crianças Terena na Aldeia Buriti, localizada no Estado de Mato Grosso do Sul, com foco no aprendizado por meio do brincar e da interação com os adultos, cultura e comunidade. A pesquisa adotou uma abordagem etnográfica, permitindo o entendimento da história do povo Terena, da educação das crianças e de como suas experiências cotidianas contribuem para a construção de suas identidades na infância. Foram conduzidas entrevistas com pais, avós, crianças e acadêmicos indígenas residentes na Aldeia Buriti, além de uma oficina de desenho livre para compreender a importância do brincar na visão das crianças Terena. Os resultados destacaram o orgulho que as crianças sentem por sua identidade indígena e por participarem ativamente dos eventos significativos da Aldeia.

Dos resultados encontrados nos 17 artigos, gostaria de destacar alguns aspectos que se evidenciaram na abordagem sobre a infância indígena: a) a falta de estudos sobre as diversas formas de ser criança; b) a ideia de que as crianças têm uma capacidade única de encontrar beleza e potencial em coisas que os adultos muitas vezes consideram insignificantes ou descartáveis; e por fim, c) as crianças não são apenas objetos de estudo, mas também participantes ativos em suas vidas e na sociedade.

Sobre a falta de estudos apostando em uma perspectiva plural de infância, impõe-se a necessidade de repensar a ideia de "crianças em geral" e reconhecer a diversidade e especificidades das infâncias indígenas. Nos diferentes textos se sobressai a necessidade de repensar a ideia de "crianças em geral" e reconhecer a diversidade e especificidades das infâncias indígenas. Isso implica em desconstruir a noção de uma abordagem generalizante. Reconhecer e respeitar as infâncias indígenas e infância guarani significa entender que essas crianças crescem em ambientes culturais, sociais e ambientais diferentes das crianças não indígenas e destacar que de outros povos indígenas. Isso significa que políticas e programas que funcionam para outras crianças podem não ser adequados para elas. Então, é importante trabalhar nas aldeias indígenas para entender suas necessidades e perspectivas. Isso envolve respeitar suas tradições, línguas, valores e relação com a terra e o meio ambiente. Também significa garantir acesso a serviços como saúde e educação, mas de uma forma que respeite e preserve suas culturas. Em suma, reconhecer a diversidade das infâncias indígenas significa adotar uma abordagem sensível e inclusiva que valorize suas culturas e identidades únicas.

Com relação à compreensão de que as crianças têm uma capacidade única de encontrar beleza e potencial diz respeito ao fato de que as crianças têm uma habilidade de ver o mundo com olhos frescos e uma mente aberta. Enquanto os adultos muitas vezes estão imersos em suas responsabilidades e preocupações, as crianças tendem a experimentar o mundo de uma maneira mais pura e descomplicada. Isso significa que elas frequentemente encontram beleza e potencial em coisas que os adultos podem descartar como insignificantes. Por exemplo, uma criança pode ver uma simples pedra no chão e imediatamente transformá-la em um tesouro precioso, dando-lhe vida como um personagem em uma história imaginativa. Ou podem ficar maravilhadas com as nuances de cor em uma flor selvagem que um adulto poderia passar despercebido. Essa capacidade das crianças de encontrar beleza nas pequenas coisas muitas vezes reflete sua curiosidade natural e sua imaginação vibrante. Eles não estão preocupados com o valor monetário ou a utilidade prática de algo; em vez disso, eles estão mais interessados na experiência sensorial e emocional que isso proporciona. Além disso, as crianças muitas vezes têm uma habilidade única de ver o potencial em situações que os adultos podem considerar desafiadoras. Elas abordam novas experiências com entusiasmo e uma mentalidade de "tentar e ver o que acontece", sem medo do fracasso ou do desconhecido. Isso lhes permite explorar e aprender de maneiras que os adultos muitas vezes acham difícil. Portanto, ao observar as crianças, os adultos podem ser lembrados da importância de manter uma mente aberta e apreciar as pequenas coisas da vida. Essa capacidade de encontrar beleza e potencial em tudo ao nosso redor pode nos ajudar a cultivar uma perspectiva mais positiva e gratidão pelas maravilhas simples do mundo. Portanto, ao envolver as crianças em atividades e decisões, estamos construindo um futuro mais justo e inclusivo para todos.

Outro aspecto importante na pesquisa com as crianças é que não são apenas objetos de estudo, mas também participantes ativos em suas vidas e na sociedade. Reconhecer as crianças como participantes ativas em suas vidas e na sociedade implica em considerar suas perspectivas, experiências e conhecimentos e experiências únicas. Isso significa não apenas ouvir suas vozes e opiniões, mas também garantir que elas tenham oportunidades reais de contribuir e influenciar as decisões que as afetam. Ao envolver as crianças em processos de tomada de decisão, seja em nível familiar, escolar ou comunitário, destacar que os saberes e educacionais do cotidiano e a cosmovisão do povo guarani estão promovendo não apenas a inclusão, mas também as capacitando a desenvolver habilidades importantes como pensamento crítico, resolução de problemas e trabalho na coletividade da aldeia. Além disso, ao respeitar o direito das crianças de serem ouvidas e levarem suas opiniões em consideração, que através da cultura guarani

possam ser valorizada a participação das crianças, estamos construindo um futuro mais inclusivo e equitativo para todos.

A análise dos 17 artigos permite indicar alguns achados. Todos os trabalhos abordam a infância, ainda que em contextos históricos em diferentes áreas de conhecimentos, análises e de experiência vividas nas aldeias. São estudos que trazem, portanto, conhecimentos sobre educação intercultural e diferenciada. Os trabalhos que investigam a educação formal, de modo geral, apresentam discussões pautada na LDB, nas políticas educacionais e em documentos sobre a educação escolar indígena. Mas meu interesse direcionou-se para aqueles estudos que falavam sobre a educação da infância, mais especificamente sobre as brincadeiras Guarani ou mesmo de outros povos ancestrais.

Com relação aos textos que abordam a infância Guarani, ao longo das pesquisas percebe-se que as crianças Guarani têm um modo próprio de ser e experimentar o mundo. O desenvolvimento das crianças Guarani não é algo individual, mas um processo cultural e coletivo. Elas acompanham a vida dos mais velhos, observam, imitam e descobrem coisas acerca da natureza, das relações sociais e culturais, da vida em aldeias. Nesse sentido, os conhecimentos não são vistos como sobreposições, mas sim como redes de trocas e colaborações de saberes, inseparáveis da vida e do modo de ser Mbya.

Muitos estudos são baseados em métodos de pesquisa tradicionais como roda de conversa ou conversa informal. Dentre os estudos em análise, muitos fornecem informações fragmentadas e limitadas sobre a infância Guarani, e existem poucos estudos que abordam especificamente as experiências e perspectivas das crianças Guarani e ainda mais restrito sobre as brincadeiras. Por isso, realizei uma pesquisa participativa e colaborativa que envolveu de forma ativa a própria comunidade Guarani.

Ressalto que os nossos mais velhos têm muito o que contar para nós e temos que aprender muito com eles. Por isso, a metodologia de contação de histórias de vida pelos mais velhos para toda a comunidade – incluindo as crianças, pode ser uma forma de produzir conhecimento no contexto da pesquisa e, ao mesmo tempo, estimular o aprendizado e a expressão das crianças de maneira mais efetiva. O que se aproxima da pesquisa-ação:

A contação de histórias pelos mais velhos da comunidade permitiu que as crianças conhecessem e pudessem valorizar a cultura e as tradições locais, enquanto aprendiam com as experiências e perspectivas de vida dos mais velhos. Isso pode ajudar no fortalecimento e ao mesmo tempo na construção de uma conexão mais forte entre as gerações e a promover um senso de comunidade e pertencimento. Possibilita, ainda, que as crianças expressem suas próprias perspectivas e experiências de maneira mais efetiva, seja através de atividades de

contação de histórias ou outras formas de expressão criativa. Ali, elas podem se sentir mais confiantes e engajadas em seu próprio processo de aprendizagem.

A produção de conhecimento ocorreu por meio de conversas com as famílias das crianças, da terra indígena onde moro e trabalho, via observação participante para pensar na possibilidade da participação de pessoas da comunidade e trazer algumas das brincadeiras e jogos tradicionais Guarani. As brincadeiras e jogos populares nos tempos atuais foram, em grande parte, criados a partir das lembranças dos mais velhos e dos pais da comunidade. Foi pensando na importância do conhecimento de transmissão oral que consideramos a importância de conversarmos com os anciões, com o intuito de conhecermos outras e mais brincadeiras e jogos a partir de seus depoimentos. Também se dará a partir das memórias dos mais velhos e dos pais da comunidade, com apresentação dessas brincadeiras entre as crianças e os mais velhos, usando memórias e imagens. Os mais velhos e os anciões da comunidade podem ser uma rica fonte de informações sobre as brincadeiras tradicionais que eram praticadas em suas épocas de infância. Eles podem compartilhar suas memórias, histórias e detalhes, informações sobre as regras, os requisitos e as estratégias de cada jogo.

Essas experiências serão descritas e algumas dessas brincadeiras tradicionais serão registradas de forma escrita – podem dar boas pistas para as crianças de hoje.

Elaboramos um roteiro semiestruturado para a realização das conversas e coleta de depoimentos. Consideramos que este foi um momento que nos exigiu o estreitamento de laços com outras aldeias próximas, ampliando nosso escopo de pesquisa e produção de dados.

Precisamos realizar algumas visitas em aldeias, buscando conhecer quem eram os anciões e anciãs. Nosso intuito foi provocar a retomarem a própria infância e contarem as brincadeiras de sua infância (e que poderia ser feita com crianças de diferentes idades).

Destaco que esta aproximação com comunidades próximas, sete no total, foi um momento especial para nós e para eles, os anciões e anciãs, que se envolveram e contaram emocionantes histórias de vida, com muitas lembranças sobre brincadeiras e jogos. Puderam lembrar da sua própria infância! Cabe lembrar que realizamos estas conversas no modo guarani, com uma roda e o envolvimento das pessoas que ali vivem, incluindo as crianças, que participaram atentamente: aprenderam brincadeiras novas e vivenciaram o passado (no contexto das contações realizadas pelos anciões e anciãs).

Em coerência com o princípio da vida coletiva do povo Guarani, os conhecimentos são construídos por meio de diálogo com as diferentes gerações. Embora o interesse seja a brincadeira na infância Guarani, não foram as crianças o foco do estudo, mas toda a família da

terra indígena. Para nós, povo Guarani, a transmissão do conhecimento é um processo contínuo e dinâmico, que envolve a participação ativa de todas as famílias da comunidade.

A diálogo acontece com os mais velhos que compartilham suas experiências e conhecimentos com as gerações mais novas, enquanto os jovens trazem novas perspectivas e ideias para enriquecer o conhecimento da comunidade. Este processo de diálogo constante permite que os conhecimentos sejam adaptados e atualizados para atender às necessidades e desafios de cada época.

A construção do conhecimento coletivo, construído por diferentes gerações fortalece os laços entre outras terras indígenas próximas, promovendo a solidariedade e a cooperação entre eles. Dessa forma, o diálogo é uma forma essencial de preservação e promoção da cultura Guarani, garantindo a continuidade e a evolução dos conhecimentos tradicionais.

Os diálogos foram registrados em gravador de celular e, posteriormente transcritos e analisados.

5.2 SABEDORIA DAS ANCIÂS E ANCIÃOS

Ao longo do trabalho de investigação fomos percebendo a necessidade de conversarmos com os mais velhos. Pretendíamos saber de suas memórias, de suas vivências, de suas brincadeiras e sabedoria. Com o intuito de valorizar a cultura, podemos pensar nos conhecimentos que nossas crianças vêm construindo, em suas vivências neste mundo tão transformado, com uso de celulares, televisão entre outros equipamentos que seduzem e capturam nossas crianças e adultos. Foi assim que conversamos com lideranças de sete aldeias, com o intuito de compreendermos e nos aproximarmos mais de nossa ancestralidade.

No ano de 2023, no começo do ano letivo, eu ainda trabalhava como professora na escola EIEB WHERÁ TUPÃ POTY DJÁ na Aldeia de Terra Indígena M'Biguaçu, no município de Biguaçu. Lembro que esta escola (primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio) situa-se na Aldeia TI M'Biguaçu.

Trabalhar com anciões da comunidade sempre foi um objetivo na minha atuação como professora. O objetivo é estabelecer uma ponte ou, de alguma maneira, reaproximar o tempo passado, presente e futuro e, ainda, de valorizar a sabedoria e os conhecimentos trazidos pelos mais velhos, como a oralidade e outras práticas que até hoje resistem.

Os anciões guardam a memória, a vida passada, a nossa história. Foi este respeito e consideração que me mobilizaram a entrevistá-los para esta pesquisa. Uma das primeiras

entrevistas com os anciões foi realizada com três mulheres anciãs da comunidade onde eu resido atualmente: Dona Roseli Moreira, Dona Lurdinha e Dona Fátima.

Organizei a conversa com as três mulheres anciãs e mais 30 crianças, que participaram da entrevista. Nossa conversa, registrada em fotografias e áudio, durou aproximadamente uma hora e trinta minutos e aconteceu em fevereiro de 2023. A conversa aconteceu em uma roda, na Opy⁵, da Aldeia Yynn Moroti Wherá⁶. O fogo sagrado e a presença das crianças, jovens e professores da comunidade estavam como testemunhas! Na imagem fotográfica abaixo (Foto 1), elas estão sentadas no Opy, na frente do altar e nós, ao redor do fogo. Elas estavam em silêncio no momento quando foi registrada a fotografia, aguardando para começar a conversa. Dona Roseli, à esquerda, estava de saia preta e comprida, camisa branca; Dona Lurdinha estava de vestido, no centro e, Dona Fátima, estava de camisa azul e saia colorida. Elas são reconhecidas por serem mais velhas, por serem conhecedoras de ervas medicinais e chás caseiros. Dona Fátima também faz chás caseiros para pessoas não indígenas e, também, faz benzimentos.

Figura 5: Anciãs na casa de reza (2023)



Fonte: acervo particular da pesquisadora.

Um dos aspectos que admiro muito nessas mulheres é o fato de estarem sempre cheias de energias: não tem hora ruim: elas sempre estão plantando algo nos seus quintais ou na pequena roça. Sempre vou em suas casas, sempre levo algo para presentear (ovos, batata doce

⁵ Opy, em língua Guarani significa casa de reza. Um espaço sagrado

⁶ Em língua portuguesa, reflexo das águas cristalinas.

assada, mandioca, entre outros). Considero esta tradição um gesto bonito, uma atitude simples de demonstração da importância que elas têm para todos.

Para mim a realização desta entrevista foi uma experiência única. Tive a oportunidade de fazer um trabalho de grande importância para o fortalecimento da nossa cultura, principalmente para os mais jovens e também para as crianças. Ouvimos cada uma delas falando sobre suas lembranças e histórias de infância. Em especial, com relação a um aspecto muito interessante, que deixo em destaque: são as palavras antigas que elas usaram durante a conversa e as crianças perguntaram os seus significados. Por exemplo, a palavra *Inhe'e pyau va'e*⁷, que significa criança e que praticamente não é mais utilizada em nosso dia a dia na aldeia. Atualmente usamos a palavra *kyringue* para designar as crianças.

Outro ponto que deixo sublinhado é que algumas palavras além de serem palavras antigas, não têm tradução. Mas, simplesmente ouvi-las, senti-las, como belas palavras que tocam o coração, profundamente. São palavras muito profundas, raras e pouco usadas. As crianças ficaram muito atentas. “Cada *nhe'ẽ* é um processo que possui vários ritos de passagem, sendo direcionado a cada etapa em que se encontra cada Guarani. É um caminho (*tape*) para a construção de todos os passos do indivíduo no grupo, lembrando-o sempre do coletivo” (Benites, 2014, p. 20).

A realização da roda de conversa foi um momento bem bonito. Uma história contada pelas mulheres foi, também, um conselho para todos nós, que estávamos presentes naquele momento: preces pela vida, pela saúde de todos. As anciãs falaram, também, de suas preocupações, de como estamos em momentos atuais. Essas mulheres anciãs sempre ficam animadas, sempre que convidamos para fazermos algo. Eu sempre falo com toda humildade, que quero sempre aprender e entendo que a melhor forma de ensinar e aprender é estarmos juntos: falando, mostrando como fazer. Foi muito gratificante.

Dentre tantas histórias que escutei, neste primeiro encontro com as anciãs, destaco alguns relatos que abordaram mais diretamente as brincadeiras e a infância guarani. *Xaryi*. Dona Lurdinha, que na imagem 2, abaixo, aparece comendo milho assado.

⁷ Esta palavra tem uma conotação sagrada, se refere à alma das crianças. É uma palavra que é pronunciada na casa de reza, não no cotidiano. E, ainda assim, é cada vez mais raro ouvir esta palavra na aldeia. Para maior aprofundamento, conferir a dissertação de Benites (2015).

Figura 6: Dona Lurdinha (2023)



Fonte: acervo particular da pesquisadora.

Dona Lurdinha tem 79 anos e mora na Aldeia Yynn Moroti Wherá – Biguaçu. Pude conversar com ela, também, no dia da semana cultural da comunidade que acontece todos os anos, no mês de abril. Ela falou:

A minha avó era quem mostrava tudo para nós e também brincava muito com a gente. Agora está tudo diferente. Quando eu era criança, lembro que vivíamos ao redor da Opy. Aliás, vivíamos na Opy, todo dia estávamos na Opy. Meu finado pai me levava lá todas as tardes. Me lembro que nós chamávamos as outras crianças para brincarmos de peteca. A gente se divertia muito. Quando a peteca caía, a criança precisava sair da brincadeira. Então, um ajudava o outro, para não derrubar no chão. Assim a brincadeira não acabava, era outro tempo. Os mais velhos gostavam muito de brincar junto com as crianças. Hoje já estou velha para brincar de peteca. Não nos esquecemos do nosso Nhandereko⁸. Meu pai sempre nos contava muitas coisas. Ele me levava para acompanhá-lo nos plantios e me ensinava a plantar e colher e ali eu também brincava. Outra brincadeira que me lembro é o amandau kyvy kyvy'i (brincadeira da mandioca). Era muita risada e alegria. Brinquem com as crianças!⁹Hoje em dia escuto muito menos o barulho das crianças brincando na aldeia e os seus cantos ao redor da Opy.

Na mesma tarde passamos conversando na Opy também com Xaryi – Dona Fátima, de 56 anos. Ela também mora na Aldeia Yynn Moroti Wherá – Biguaçu e comentou:

Eu nasci em Joaçaba - SC. Hoje tenho 56 anos. Não sei falar muitas coisas, mas vou tentar. Eu me lembro que nós brincávamos de amandau kyvy kyvy'i (brincadeira da mandioca); fazíamos rodas com as outras meninas para cantar e, quando nos cansávamos dessas brincadeiras, íamos nos balançar nos cipós, tentávamos subir neles. Lá perto dos cipós, brincávamos de pega-

⁸ Jeito de ser ou de viver na aldeia. O modo de ser de cada um.

⁹ Sábio conselho da dona Lurdinha!

pega e de quem conseguia pular mais longe. Me lembro que a minha mãe fazia bonecas de pano para nós. Brincávamos também de roda cotia, brincadeira da abelha e brincadeira de takua ruxu (quatro direções). Era a minha avó que nos ensinava e brincava com a gente. Os meninos faziam carrinhos com pedaços de espiga de milho, colhiam enquanto os pais trabalhavam. Cortavam e colocavam um pauzinho de eixo e outro para empurrar. Assim eles brincavam. Hoje eu vejo que os adolescentes não têm mais tanto interesse em aprender, pois estão todos com celular, nem veem mais o dia do amanhecer. É complicado... Que adolescente de hoje em dia poderia me responder se eu perguntasse que mês é uma boa época de plantar? Quem ainda sabe?

Na fotografia abaixo, podemos ver a Dona Fátima sentada utilizando o pilão, fazendo piche – alimento que é feito de milho – avaxi hete’i – socado e pode ser misturado com amendoim e comida típica guarani.

Figura 7: Dona Fátima (2023)



Fonte: acervo particular da pesquisadora.

Xaryi Dona Roseli Moreira, que aparece na imagem 4, abaixo, vestindo um avental e próxima do fogo, tem 67 anos e é moradora da Aldeia Yynn Moroti Wherá, também em Biguaçu.

Figura 8: Dona Roseli (2023)



Fonte: acervo particular da pesquisadora.

Dona Roseli nos contou que, antigamente, quando o tempo velho Ara gyje (solstício de verão) chegava e era o final do inverno, os mais velhos se preparavam para celebrar a vinda do tempo novo Ara Pyau (solstício de inverno). Neste momento, todas as crianças entravam na casa de reza, pedindo as bênçãos de renovação para cada pessoa da aldeia e para iniciar um novo ciclo de plantio. O nosso povo sempre caminhou, pois acreditamos que além do oceano está a terra sem males, Yvy Marae’y. Plantar e colher faz parte da nossa cultura terrestre e espiritual, mas os nossos plantios possuem um sistema diferenciado, pois estão relacionados ao tempo e ao ciclo do nosso calendário.

O calendário Guarani se divide em quatro tempos. O ano começa no mês de agosto em Ara Pyau (tempo novo). E continua: “Todos os passarinhos cantam e celebram a vida ao amanhecer do dia, eles fazem isso todos os dias. Nós achamos bonito ouvir os cantos dos pássaros, mas não entendemos. Eles cantam o nosso Nhanderu Kuery (Deus Sol). Hoje as

crianças cantam no coral e devem cantar com todo coração para agradecer e celebrar o dia, assim como os passarinhos”.

Depois desse momento, na minha aldeia, com as 3 mulheres Guarani, visitei outras aldeias: Tekoa mymba roka/Amaral¹⁰; Tekoa Morro dos Cavalos¹¹; Tekoa Pindoty Morro da Palha¹²; Tekoa Vy’a – Aldeia Major Gercino¹³ e, Tekoa Ygua Porã – Amâncio¹⁴.

Na aldeia Tekoa Mymba Roka – Amaral, em Biguaçu onde mora seu Alcindo Wherá Tupã, de 116 anos. Foi uma viagem foi bem bonita e também marcante! Antes da conversa com ele, assim de sentar e ouvir, tive de ir umas três vezes na aldeia. Ele nunca estava na casa dele, sempre estava na roça.

Para conseguir ter a atenção dele, na primeira vez, falei um pouco do meu trabalho, o que estava fazendo, meus objetivos, com aquela conversa. Ele era muito imprevisível, muito incerto. Entretanto, depois de nos conhecer melhor, me parabenizou, o que me deixou bem feliz. Mas, em seguida, ele pediu pra irmos de novo lá, depois de um mês. Foi nesta segunda visita que ele começou a falar: “Minha filha, nós não sabemos de nada, mas o que eu sei é que aprendi as coisas vivendo. Vocês têm que estar presentes no corpo e na sua mente para prestar atenção no que está sendo contado, falado”.

Considerarei que estas palavras trazem uma sabedoria da tradição. Nos dias atuais nós não conseguimos nos sentar e conversarmos com os nossos mais velhos. Ele é uma liderança espiritual; é conhecedor de ervas, benzeduras e curas. Detentor dos saberes de plantio, cultivo e colheita dos alimentos tradicionais, além de ser condutor de cerimônias tradicionais como o Nhemongarai (cerimônia de colheita, plantio e “batismo” das crianças Guarani).

¹⁰ Aldeia localizada em Sorocaba, município de Biguaçu, onde moram dona Teresa e Seu Alcindo.

¹¹ Localizada na Aldeia Morro dos Cavalos, município de Palhoça.

¹² Município de Tijucas.

¹³ Aldeia localizada em Major Gercino.

¹⁴ Localizada no município de Biguaçu.

Figura 9: Seu Alcindo (2023)



Fonte: acervo particular da pesquisadora.

Na imagem acima, apresento o registro fotográfico do dia em que conseguimos sentar e conversar com seu Alcindo. Como mencionei, um mês antes tinha ido na casa dele para perguntar se podia me conceder uma conversa. Disse a ele que gostaria de ouvir suas lembranças de quando era criança.

Durante a conversa estávamos sentados ao redor do fogo, ele contou primeiro a história do avaxi hete'i – milho verdadeiro e milho tradicional guarani. Ele falou que quando era criança, tinha casa de reza, não tinha delimitação de aldeia. Eles moravam em um lugar em que a família dele podia plantar e colher e andava por todos os lugares em Santa Catarina. Contou que conhece quase toda a comunidade, já morou em várias aldeias Guaranis. Antes mesmo de Florianópolis se tornar cidade grande, eles vieram para cá. Ele era jovem, não tinha nem a ponte de entrada na ilha. O que tinha era um porto de navios grandes. Era apenas a ilha, e ele não falava em português.

Ele só começou a falar em português quando os pais deles começaram a trabalhar em uma fazenda nas proximidades. Viviam sempre ao redor da casa de reza e faziam a dança (como

por exemplo a dança do Xondaro)¹⁵. E todas as tardes, eles entravam no Opy para cantar e rezar. Aprendeu a caçar, usava arco flecha, aprendeu a pescar, foi aprendendo tudo o precisava aprender olhando e fazendo. E continuou: “você sempre devem aprender a fazer, para ensinar e contar o que viveram e repassar para seus filhos, não esquecer de quem nos criou e que nos cuida no dia-a-dia, Ele (nhanderu tenonde – grande espírito). É por isso que até hoje faço minha parte de rezar por todos nós.” Seu Alcindo acorda todos os dias às cinco da manhã para rezar com seus cantos.

Figura 10: Dona Teresa (2023)



Fonte: acervo particular da pesquisadora.

Nas conversas realizadas, encontrei também Xaryi Dona Tereza Ortega, de 75 anos, que mora na Tekoa Mymba Roka, Aldeia do Amaral, em Biguaçu. Ela é uma grande artesã e durante toda a nossa conversa estava rodeada por seus filhos e netos. Foi bem acolhedora, já estava me esperando quando cheguei. Ela estava fazendo artesanato, junto de sua filha com um recém-nascido e o genro. Na verdade, para mim, foi mais que uma entrevista porque não tinha nenhum roteiro.

Depois de cumprimentar a todos, sentamos uns minutos. Eu a observava, via o que ela estava fazendo. Em seguida, falei um pouco de mim, um pouquinho da minha história, o porquê de todo esse trabalho que estava fazendo. Enfim, falei da importância para nós, para aqueles

¹⁵ É a dança dos guerreiros.

que virão depois de nós. Ela retomou sua história, falando seu nome em guarani e o lugar onde nasceu. Ela fala que hoje está tudo diferente mudou tanta coisa, e disse:

Lembro que vivíamos sempre perto do opy com meus pais, eu não cresci com a minha mãe, eu cresci com minha avó. Lembro que todas as tardes brincava, na verdade, o que a gente via era os cantos dos xeramoí, a dança do xondaro, os adultos sempre iam pro mato, traziam comida para nós comermos, mas sempre plantava milho, feijão, mandioca. óleo que conhecia, era a gordura que era guardada quando tinha caça. Tinha as crianças mais pequenas que nós cuidávamos para não chorar e não cair. No opy, às vezes, era só ouvir os rezos, os cantos, só dava sono então, mas era bom, sempre todo mundo junto também brincava de faz de conta, de dança do xondaro. Não lembro como eu aprendi, gostava de brincar de arrancar mandioca, de esconde esconde - só entendia que fazíamos também para os yvy po ou Jurua kuery se refere aos não indígenas. No quintal do opy a gente conseguia se esconder, falo sempre para os meus filhos para eles ensinarem seus filhos, como plantar, como colher - algumas vezes chamo todo mundo para falar com as crianças e adolescentes. Vejo que eles assistem televisão e jogam muito no celular, já não tem tanto interesse em nos ouvir, me parece que nem vontade eles têm para brincar hoje só querem ficar no quarto mexendo no celular.

Por fim, ela agradeceu a visita na casa dela. Ficou feliz de ver que sempre tem alguém valorizando, se preocupando com aquilo que vai acontecer ou o que virá daqui para frente. Não precisei fazer perguntas. Respeitei o tempo dela e ela foi falando das coisas que lembrava, ainda quando era criança. Falou sobre cuidados das mulheres e meninas, principalmente quando a menina tem a primeira menstruação. Com humildade e bem-humorada. Ela contou as suas lembranças e experiências que teve na vida e até hoje.

Xaryi Dona Rosa, 84 anos, moradora na Tekoa Ygua Porã – Aldeia Amâncio, que apresento na imagem fotográfica 7 está sentada com sua bisneta Para’i Emanuelle. Ela relata: “Daquilo que eu sei, nunca dou conselhos em qualquer lugar. Costumo falar sobre tudo na casa de reza, pois eu falo o que eu sinto e Nhanderu Tenonde está vendo e escutando.” A conversa com Xaryi Rosa foi no mesmo dia em que fui conversar com seu Alcindo Wherá Tupã, na aldeia do Amaral - Mymba Roka.

Era uma manhã, em uma quinta-feira de março de 2023. Primeiro cheguei na casa do seu Alcindo e à tarde fui para Ygua Porã- Amâncio ver e conversar com Rosa. Uma semana antes eu tinha conversado com seu filho Santiago Kuaray de Oliveira, que é cacique, para ver se conseguiria conversar com ela.

Apresentei meu projeto de pesquisa e, como combinado, segui em viagem para a aldeia. Rosa é sorridente e gentil. Um aspecto que senti e vi naquele dia é que as crianças estavam junto com ela, atentas e os professores estavam presentes. Fomos para a casa de reza, tomamos chimarrão, fizemos lanche, todos juntos. Dona Rosa ficou feliz, com um sorriso no olhar. Levei melancia, tabaco e erva mate para ela. E ela disse:

Eu não sei muito falar e também porque tenho dificuldade na minha voz, mas um pouco eu sei. Sempre estou pronta para mostrar para meus netos, não tenho costume de falar ou dar conselhos, mas sempre falo às crianças sobre como plantar, milho, feijão, mandioca e amendoim, de como se deve cuidar ao redor da nossa casa/aldeia. Esse lugar é sagrado pois, assim, nossos espíritos, principalmente espíritos das nossas crianças ficam felizes, assim o nhanderu também fica feliz. Não lembro muita coisa mas, andávamos com os meus pais e avós juntos íamos para esperar para eles plantar e às vezes ajudávamos para colher feijão, acho que assim já brincava porque era divertido, viam as meninas e meninos grandes dançarem o xondaro - dança dos guerreiros, então nos dançávamos juntos para mim era como brincar, dormíamos e acordávamos cedo, de brincar de peteca, também gostava de brincar com boneco de palha e espiga de milho, sempre falavam para nós cuidarmos um do outro para não cair e se machucar. Brincávamos nos rios.

Foi um momento bem bonito. As pessoas que estavam presentes se sentiram à vontade em também falar um pouco e comentar quais momentos gostariam de lembrar, gostariam de passar para as crianças. Mas Dona Rosa também destacou como tem mudado tanta coisa: por exemplo, a televisão, o celular. Destacou como as crianças já não têm interesse em acompanhar seus pais na roça ou com os afazeres simples na casa, nem na casa de reza.

Figura 11: Dona Rosa (2023)



Fonte: acervo particular da pesquisadora.

O Xamõi Artur, 81 anos, mora na Tekoa Vy'a – Aldeia Major Gercino, que na fotografia 8, abaixo, aparece abaixado, segurando uma criança. Quando cheguei, as crianças e

os professores da aldeia já estavam esperando. Da mesma forma que os demais, apresentei meu trabalho. Expliquei que já havia recebido a autorização do cacique.

Começamos, então a conversa com seu Artur. Ele também é líder espiritual, faz benzimento, é conhecedor de ervas medicinais. Ele disse: “eu tenho muita história para contar para vocês, sobretudo o que passei nessa vida. Hoje posso dizer que nunca foi fácil, muitas vezes eu ficava bravo, mas nunca deixei de fazer o rezo, a acreditar em Nhanderu Tenonde (Grande Espírito).”

Nossa! Ele estava de bom humor. Logo queria mostrar que seu corpo físico está em ainda boa forma, que não sente as dores no corpo, diferente de nós que somos mais novos e sentimos tanta dor pelo corpo, mesmo sem fazer nada. Fazia movimentos, se esticava, até parecia estar realizando um aquecimento corporal.

É preciso destacar que nem nos sentamos. Seu Artur foi falando de suas memórias, dançando, articulando seu corpo. Queria demonstrar o quanto ainda estava em forma, que estava em boa saúde e vitalidade.

Comecei a participar das brincadeiras propostas pelo Seu Artur e, em seguida, os professores chamaram as crianças para fazer uma apresentação de cantos para agradecer a visita - estavam em aula. Depois, um professor, Alexandre Kuaray, que é liderança da comunidade, com quem eu tinha conversado anteriormente, me apresentou para as crianças para aqueles que estavam presentes naquele momento.

Me apresentei e brevemente falei do meu trabalho. Depois levei as crianças para brincar. Eles brincaram de arrancar mandioca e tangará mirim e de dança dos guerreiros. Já eram umas dez horas da manhã, hora do intervalo, na escola. Aproveitei para me aproximar do seu Artur, sempre sorridente e humilde. Agradei por ter me recebido e aceitado conversar e então sentamos. Ele disse: eu nasci aqui no Brasil, mas meus pais e meu avós vieram da Argentina. Nasci em Chapecó e já morei em várias comunidades guarani. Antes de vir para essa aldeia, morava no Morro dos Cavalos

Figura 12: Seu Artur (2023)



Fonte: acervo particular da pesquisadora.

Em uma quarta-feira pela manhã, fui à comunidade visitar seu Xamoi Narciso, de 60 anos, o pai da caçica Marisa, da Aldeia Itanhaém - Pindoty, no Morro da Palha. Na fotografia abaixo, ele está sentado ao meu lado, enquanto fumávamos o petyngua - antes de se falar em silêncio pegou seu cachimbo fumaçou para todos as direções onde nós estávamos sentados. Este é um rezo que todos os anciãos sempre fazem quando acontece uma roda de conversa. Conversei com ela e apresentei um pouco do meu trabalho, o que eu estava fazendo, meus objetivos. Fui bem acolhida por ela e pelo seu pai. Já nos conhecíamos, cursamos juntas a licenciatura intercultural na UFSC. Ela já tinha um certo conhecimento do meu trabalho de pesquisa, que é na verdade extensão de todo o trabalho que venho fazendo na educação.

Figura 13: Seu Narciso (2023)



Fonte: acervo particular da pesquisadora.

Seu Narciso se apresentou e convidou todos a sentarem para conversar. Interessante que até algumas crianças vieram olhar e sentar também e outros continuaram brincando ao redor. Ele começou falando de onde ele veio, mas que também morou já em várias comunidades Guaranis, antes de morar e permanecer nessa comunidade. E agradeceu a visita, disse estar feliz por compartilhar um pouco da sua experiência de vida.

Das brincadeiras que ele lembrou e falou, relembro a brincadeira de mandioca, da tangará, mirim, da manga que é uma conhecida popularmente como peteca. Ele disse que andava mais com seus avós paternos e vários meninos; que aprendeu as coisas da vida; foi vivendo e praticando. Sobre isso, mencionou ainda como exemplo o Opy – casa de reza e, que ao final das tardes sempre vai no Opy e leva seus netos. Ele disse: “Lá eu aprendi e continuo aprendendo ainda, mas hoje vejo que os kunumigue (meninos adolescentes; e kunhã tai gue – são as meninas adolescentes) já não vão mais no Opy. E, se vão, indicam que estão com pressa, que precisam sair, fazer outra coisa.

Ouvindo ele falar, queria perguntar, mas não podia interromper a fala dele - aspecto que também aprendi durante a minha vida. Quando a pessoa mais velha está falando nunca se deve interromper a fala dela. Mas queria perguntar que lembrança de infância poderia estar contando para nós? Quais brincadeiras que ele lembra ainda? E, se as crianças de hoje sabem?

Mas naquele momento, fiquei ali, com as inquietações na ponta da língua, ouvindo ele falar! Então ele continuou:

Não lembro das brincadeiras que fazíamos, mas lembro que nós, com os meninos, andávamos no mato, procurávamos cipó solto para balançar. Eu gostava de brincar de arco e flecha com os meninos, gostava de acompanhar meu avô e o meu pai para plantar e limpar o plantio. Era divertido! Aprendi sobre o tempo da época de frio e de calor, quando é bom plantar e colher, porque meu avô e meu pai falavam, mostravam como fazer e assim fui aprendendo.

Marisa, a filha dele, afirma o que já ensinou para seus filhos: “é verdade, você nos levava para mostrar quando o milho já estava pronto para ser colhido. Para mim foi interessante, pois não precisei perguntar, foi falando de algo que lembrava e como era naquela época. Ele destacou que hoje em dia as crianças não brincam tanto, por causa de TV, e celular.

Figura 14: Seu Dario (2023)



Fonte: acervo particular da pesquisadora.

Em 1º de abril de 2023, em um final de semana, como combinado, conversei com Xamoi Dario, de 76 anos, da Aldeia Morro dos Cavalos. Ele concordou em conversar um pouquinho, mas não pude ir visitar a casa dele, que na época ele ainda morava na terra indígena Morro dos Cavalos. Ele se dispôs a vir aqui em Biguaçu no final de semana. Um detalhe interessante, vale contar, que Tupa Mirim – Dário é irmão mais novo do seu Whera Tupã Alcindo. Por isso, sempre vinha passar uns dias com sua família aqui em Biguaçu. Ele também é reconhecido como líder espiritual; quando alguém precisava ou necessitava de algum

atendimento ou benzimento ele sempre vinha. Eu já conversava bastante com ele e via também seus rezos, por isso não foi estranho quando falei que queria conversar e ouvir mais um pouco sobre sua história de vida, de suas lembranças quando criança.

Nesse dia foi muito significativo, porque de certa forma ele se preparou e eu também confesso que fiquei um tanto ansiosa, também porque iria gravar o áudio e fazer as fotos. A conversa aconteceu na casa da Xaryi Lourdes. Ele convidou a todos que quisessem ouvir e podiam se aproximar. Ele pediu para fazer um fogo fora de casa e, em seguida, sentou ao redor e começou com seu petyngua e o silêncio. Então, começou seus rezos, cantando mborai - cantos sagrados. Aquela melodia é tão bonita que só sentindo para entender, pois muitas vezes não é traduzível, mas sentida com toda a vibração e boa energia que ali é transmitida naquele momento. Os cantos sagrados para nós são expressão profunda de identidade cultural e espiritualidade. As sonoridades constituem o dia a dia na aldeia. Durante seus rezos e cantos ressoados, Ele agradece a vida de todos da família dele e da comunidade e agradece aos espíritos de todas as crianças.

Em síntese, a conversa com os anciões e anciãs foi, antes de tudo, gratificante. Aprendi com a sabedoria da tradição oral, dos conhecimentos ancestrais, das memórias destas pessoas que mantém viva a cultura Guarani.

6 AS BRINCADEIRAS DA TRADIÇÃO GUARANI

As brincadeiras tradicionais da infância Guarani são um espelho das gerações anteriores e do nosso próprio cotidiano. Abaixo descreverei algumas delas, oito, que guardo em meu coração e memória e que ainda testemunho no cotidiano de algumas crianças nas terras indígenas guarani e, que foram rememoradas e até retomadas pelos anciãos durante a pesquisa. Muitas delas têm um valor pedagógico, artístico, político e de articulação comunitária, ensinando habilidades físicas, cognitivas e sociais às crianças. Elas também podem ser usadas para aprender matemática, estratégia, coordenação motora, música, dança, rima, ritmo entre outras habilidades.

6.1 DANÇA DOS XONDARO

Xondaro em Guarani Mbya significa “guerreiro” além disso, remete à dança Xondaro Jeroky, a “dança das guerreiras”. O Xondaro é um treinamento que os antigos faziam para desenvolver reflexos e resistência, uma dança para aprender a lutar, se preparar para a guerra, proteger o povo Guarani e os territórios (tekoa) dos juruá (homem branco) e também para viver em harmonia com a família e com a natureza. A dança se configura como um ritual em defesa do sagrado e faz parte do treinamento dos meninos. O Xondaro também é uma eficiente “técnica” no que se refere ao aprimoramento dos sentidos, da agilidade e do senso de direção, qualidades extremamente necessárias para a vida na mata. Os materiais necessários são: violão (mbaraka), rabeca (rave’i), chocalho (mbaraka miri) e tambor (angu’apu), popygua ou yvyra raimbe (duas varetas).

Os participantes fazem os movimentos sincronizados em círculo, e de acordo com o som do chocalho e do violão fazem agachamentos, desafios com um bastão para ver se há concentração para desviar de cada movimento. Em outro momento e seguir cada movimento do gesto que ele fizer os xondaros devem seguir quem não aguentar desiste da dança.

6.2 BRINCADEIRA DAS ABELHAS

Outra brincadeira mencionada pelas pessoas com quem conversei, foi a brincadeira das abelhas, que consiste em uma roda de crianças de todas as idades (pelo menos 3 crianças).

A criança que representa a abelha conta histórias curtas sobre as abelhas, que podem ser inventadas na hora. Por exemplo: a abelha ficou brava e deu uma ferroadada quando o urso roubou seu mel. Na mesma hora, todas as crianças se transformam em abelhas bravas e dão ferroadadas (beliscões) umas nas outras, ou tocam alguma parte do corpo da criança que está ao seu lado. Na sequência outra criança pode terminar a história com alguma solução para o problema da ferroadada e então todos curam suas feridas com beijos e abraços. Em seguida, reinicia quem quiser contar alguma outra história.

6.3 TAKURUXU (QUATRO DIREÇÕES)

A brincadeira Taku ruxu quem nos contou foi a anciã Fátima. Para a brincadeira do Takua ruxu, desenha-se um círculo no chão, dividido em quatro partes. Cada parte tem o nome de uma cor e indica uma direção (vermelho para leste; amarelo para sul; preto para oeste; branco para norte). Uma criança entra no círculo e a outra fala uma das quatro cores, bem rápido: vermelho ou amarelo, por exemplo. Então a criança que está dentro do círculo faz um gesto com o corpo que deve indicar a direção correta. Se errar, a criança sai do círculo e cede lugar para outra criança retomar e assim a brincadeira continua. Para o desenvolvimento são necessárias ao menos 2 crianças participantes. E quanto mais rápido as cores são faladas, se deve cuidar para não errar. Assim a criança tem que memorizar as cores para mudar de um lugar para outro sem errar.

6.4 ZARABATANA

É um jogo semelhante ao arco e flecha, pois o objetivo de ambos é se concentrar, mirar e acertar um alvo. O alvo pode ser uma fruta, uma árvore ou até mesmo um balão. A criança coloca o tubo de taquara ou de madeira na boca com a varetinha dentro e assopra. A vareta voa e a depender da maestria de cada criança, pode acertar ou não o alvo. A criança que assoprar a vareta que chegar mais perto ou que acertar o alvo, vence o jogo.

A origem do arco e da flecha simboliza a busca por propósitos de vida. Além do uso dos instrumentos para guerrear, pescar e caçar, o arco e flecha possui um sentido mais profundo e milenar: o de alcance dos sonhos. Desde criança, os indígenas aprendem a usar a flecha mirando nos objetivos de forma equilibrada e focada. Esse equilíbrio é representado pelas duas

penas localizadas no final da flecha. A ponta afiada visa romper os obstáculos, dando sentido à crença milenar. Para alcançar os objetivos é preciso um elemento principal que é o coração. É ele que impulsiona a alcançar o objetivo proposto - por isso foi criado o arco que simboliza o coração. Muitas vezes as pessoas se lançam em diferentes propósitos e não compreendem quando não alcançam nenhum. Os antigos ensinam que todo ser humano deve possuir elementos da natureza dentro de si, como forma de garantir o eixo emocional, físico e espiritual.

Atualmente, é usado para a caça, pesca e rituais, e tornou-se também uma prática esportiva. Na TI onde vivo, o arco é feito de uma árvore chamada Maracanã. O tamanho do arco está relacionado com a envergadura do caçador e também da caça (animais grandes, pequenos ou passarinhos). A flecha é feita de uma espécie de bambu, chamada taquara ou caninha. Há flechas mais longas e as pontas tipo serra, muito usadas para a pesca. Outras pontas são feitas com a própria madeira da flecha.

6.5 BRIGA DE GALO

Nessa brincadeira, ao menos duas crianças ficam numa perna só e com os braços cruzados. Objetivo é desequilibrar a outra criança, fazendo com que tenha que apoiar os dois pés no chão. Elas tentam desequilibrar uma a outra utilizando apenas os ombros, até que uma das crianças coloque os dois pés no chão. O primeiro que conseguir fazer o outro apoiar os pés no chão é o vencedor.

6.6 SOL E LUA (KUARAY JAXY)

A brincadeira Kuaray jaxy eu já sabia, aprendi com minha avó. É uma brincadeira na qual uma criança é o Sol e a outra é a Lua. As outras crianças fazem uma fila segurando na cintura de quem está na frente (é necessário a participação de ao menos 6 crianças). O Sol e a Lua ficam com os braços unidos em forma de ponte e as crianças em fila vão passando por debaixo da ponte. Enquanto isso, todas cantam músicas variadas. Quando a música para, os que ficaram presos na ponte podem escolher se querem ficar ao lado do Sol ou da Lua, até que todas as crianças façam a escolha. Depois disso, dois grupos se formam, o do Sol e o da Lua, ficando frente a frente em duas fileiras. As crianças de cada grupo dão as mãos e tentam puxar a criança

do outro grupo até que ela caia. Vence o grupo que conseguir derrubar mais crianças do outro time.

6.7 TANGUARA MIRIM

Tangara mirim é uma brincadeira tradicional guarani, que imita um pássaro Tangará e bem interessante falar e bem conhecido pelos mais velhos, todos os mais comentaram essa brincadeira, mas que contou foi seu Artur, eu que convivi, mas a minha avó, meu pai comentava que eles brincavam às vezes Tangará mirim, quando não tinha ainda o violão era com o som da maraca que faziam, só ouvíamos eles comentar. Então para começar a brincadeira todas as crianças podem participar, mas atualmente é utilizado um violão e maraca também para cantar e bem divertido. Para começar todas as crianças se organizam uma para frente da outra segurando a mão. Objetivos: e a diversão e cantar e movimentar seu corpo, cada criança deve seguir a sincronia da dança e dos cantos através de gestos

As crianças formam duplas. Cada dupla se dá as mãos e levanta os braços. Todas as duplas ficam em fila, uma ao lado da outra formando um túnel debaixo dos braços erguidos.

O violeiro começa a tocar a seguinte canção

Tangará ka'aru nhavo (passarinho ao entardecer)

Tangará ka'aru nhavo (passarinho ao entardecer)

Ojerojy,ojerojy (dança, dança)

Onhembo jere porã (gira e gira)

Onhembo jere p (gira e gira)

Oguyro guyro (agacha e agacha)

Opo,opo (pula e pula)

Oguyro oguyro (agacha, agacha e passa pelo túnel)

A cada comando que o violeiro dá através do canto, as crianças devem fazer o gesto em sincronia com as outras (dançar, pular, girar, passar por debaixo do túnel e assim por diante).

Essa é uma brincadeira, ao mesmo tempo é sagrada, pois seu Artur fala que devemos aprender desde cedo que ao acordar podemos cantar e dançar, ao entardecer também são como crianças que acordam cedo com toda energia, ao fim do dia ao anoitecer, eles adormecem com leveza.

6.8 JOGO DA ONÇA

É uma brincadeira muito interessante para desenvolver o raciocínio e a estratégia. Recomenda-se ao menos duas crianças participantes. O tabuleiro pode ser feito de várias formas e com diversos materiais, inclusive meramente desenhado no chão de terra. Ele é um quadrado dividido em 16 partes iguais ligado a um triângulo. Utiliza-se 14 pedrinhas iguais, representando os cachorros e 1 pedrinha diferente que representa a onça. Se os cachorros não conseguem prender a onça e 5 deles foram caçados, a onça vence o jogo. Objetivos: os cachorros devem prender e encurralar a onça para não poder fazer seu movimento no tabuleiro. O jogo termina ou com a captura de cinco cachorros por parte da onça ou com a prisão da onça por parte dos cachorros.

6.9 BRINCADEIRA DE (MANDI'O) MANDIOCA

Para brincadeira da mandioca é preciso apenas ter uma árvore ou tronco por perto e duas crianças participando. A primeira criança senta-se no chão e agarra a árvore com as duas mãos. As outras vão na sequência; sentando-se, encaixando-se e abraçando a primeira criança. Uma das crianças é escolhida para ser a colhedora de mandioca da plantação e fica de pé. Em seguida, a colhedora vai passando de criança em criança perguntando se já estava na época de colhê-la. As crianças que são as mandiocas vão respondendo. Uma diz que ainda não dá para ser colhida por causa da lua, a outra porque ainda não está no ponto, e assim por diante. Então, a colhedora puxa cada criança para fora, começando pela última da fila até chegar na primeira que está agarrada ao tronco da árvore. O objetivo é tentar arrancar todos: colher as mandiocas uma por uma. Durante toda brincadeira se canta uma música escolhida com as crianças que estão participando, seja em português ou Guarani, que vai dando o ritmo. O objetivo da brincadeira das mandiocas é não ser arrancado do tronco da árvore e para o arrancador é tirar a mandioca do tronco - fazer de tudo para distrair: fazer cócegas ou falar engraçado.

Antigamente, as crianças Guarani brincavam de mandioca embaixo das palmeiras, perto ou dentro das roças. E os adultos diziam: Venham olhar! Venham aprender como colher e plantar! Com essa brincadeira as crianças aprendem sobre a época dos plantios e das colheitas, sobre o nome dos alimentos (pois também brincam de ser frutas ou verduras), sobre fases da lua, quando o alimento está maduro para ser colhido, como cuidar da plantação, quais colheitas acontecem no outono ou no inverno e o tempo das coisas.

6.10 A ÁGUA

A água é vida para nós, para todos, para o mundo. É com a água que a gente vive. Sem ela, nem o nosso corpo vive. A terra não vive sem água. Metaforicamente, eu diria que a água é como o sangue, fluindo para que a terra viva e também para que o nosso corpo viva. É muito sagrado isso. A água é sagrada para nós, para cultura Guarani. Ela limpa, ela cura. Por isso, nossos avós, nossos antepassados já diziam que a água é sagrada para nossa sobrevivência.

A água está relacionada à pureza e à fluidez. No brincar, as crianças podem se envolver com a água, seja no mar, em riachos, rios, lagos, cachoeiras ou bacias e recipientes no quintal, aprendendo sobre a importância desse elemento e aprofundando a sua conexão com a natureza.

A água mexe também com a curiosidade, visto que é uma substância flexível que evapora em contato com o fogo, se solidifica em baixas temperaturas, umidifica a terra e as flores com seu orvalho. Ao observá-la, as crianças desenvolvem naturalmente conceitos como fluabilidade, densidade, pressão, contenção.

6.11 A TERRA

A Terra é a nossa segunda casa. Sem a Terra, sem esse planeta, onde nós viveríamos? Para nós, Guaranis, representa muito além de simplesmente terra. É um espaço sagrado para a gente viver e cuidar. Hoje chamamos de territórios, mas território é um nome dado pelos jurua kuery (não indígenas) para demarcar o nosso espaço. Antes de existir essa palavra território, o lugar, o espaço, a Terra era de todos. Politicamente falando, hoje em dia, precisamos ter um espaço demarcado. Mas na minha visão, o território, antes de ser luta, é nossa mãe ancestral. Eu coloco que a Terra é a nossa segunda casa. Observamos as crianças vivenciando esses conhecimentos corporais e emocionais ao estabelecerem essa relação íntima com o elemento terra.

Os brinquedos criados a partir da terra são do universo da casa, da família, da comunidade, do enraizamento coletivo, como casinhas, tigelinhas de barro (fazíamos muitas), carrinhos, cozinha, comidinhas, nutrição, partilha, cuidar de bonecas e da família. A casa dos nossos avós, a casa de reza, a casa dos nossos parentes, nossos nascedouros. As crianças criam a partir da terra relações afetivas familiares, culturais, sociais e imaginárias. É quando o sujeito individual se torna um sujeito coletivo.

6.12 O FOGO

O fogo nos ensina muito. O mais importante para nós é mantê-lo aceso na Casa de Reza (Opy). Assim criamos a nossa corrente de amor, unidos pelo rezo ao redor do fogo. Acender o fogo na casa de reza é como estar dentro do coração da terra conectada ao Grande Espírito. Ali nos concentramos em nossos rezos e propósitos, respeitamos o silêncio, e as palavras pronunciadas estão alinhadas à verdade do coração. Os mais velhos pronunciam palavras inspiradas e as crianças escutam em silêncio, aprendem. Os pequenos aprendem desde cedo a respeitar e observar o fogo. Estão sempre perto, vendo como os adultos fazem e os imitando. O contato das crianças com o fogo acontece também com o preparo dos alimentos: reunir gravetos e lenhas, observar a família cozinhar, esperar ao redor do fogão e partilhar o que é preparado com todos. O fogo reúne e propicia essa comunhão. O mesmo acontece na imaginação durante o brincar das crianças Guarani. Me lembro de imitar esses gestos de acender e cuidar do fogo dos adultos. Juntava gravetos e folhas e assoprava com uma pequena taquara. O fogo não estava fisicamente aceso, mas na minha imaginação estava.

Não poderia deixar de falar do Sol (kuaray nhamandu) ou Pai Sol. O Sol é uma divindade ou uma manifestação divina. Ele é considerado como uma figura celestial importante, uma deidade que traz luz, calor e vida à Terra. Esse astro pode simbolizar a união das pessoas, assim como uma fogueira que reúne toda comunidade ao seu redor, compartilhando calor e luz. Ele também representa a totalidade, pois assim como o fogo transforma tudo em cinzas, ele nos lembra que tudo volta a uma essência comum.

6.13 O AR

O ar é um elemento que exige contemplação e, portanto, amplia a visão de mundo das crianças. Apreciar a dança das folhas ao caírem de uma árvore, deitar no chão e acompanhar o passeio e o desenho das nuvens, observar o voo e o canto dos pássaros, as rápidas corridas e pulos expansivos que almejam voo, petecas, arco e flecha, tudo isso está dentro do escopo das brincadeiras do elemento ar.

O vento também é um condutor de aromas e cheiros, atrai os insetos voadores até as flores, transporta, espalha e semeia sementes de um lado para o outro da floresta. Contemplações sutis que as crianças percebem por estarem presentes no agora e conectadas às belezas da natureza. O ar possui a qualidade da leveza, da transparência, do invisível, da

surpresa e da liberdade. Como um beija-flor que rapidamente aparece e desaparece voando ou o encanto dos vaga-lumes.

Na aldeia onde cresci brincávamos de pegar e soltar as borboletas na beira do rio, era muito bonito. Também passamos muito tempo observando os passarinhos e aprendemos sobre cada um deles a partir das cores, sons e tipos de voo. Todas as manhãs a minha avó utilizava uma mini flauta para chamar os passarinhos para dar comida e sementes. Ela escolhia alguns para pegar, assar e comer, fazia isso com armadilhas de laço colocadas no mato. Eles eram pequenos, mas gordinhos, então uns oito já eram suficientes. Às vezes éramos nós que pedíamos para a minha avó caçar para comermos. O mais fácil de capturar era o inambu, nós o chamávamos de galinha do mato.

As sonoridades passam, perpassam e constituem o dia-a-dia na aldeia. Os velhos anciões guarani costumam dizer que “os seus corações e os nossos corações são como o canto dos pássaros”, isso porque os cantos das crianças Guarani ressoam nas matas e em nós mesmos. A respeito dos cantos, há ao menos duas categorias a se ressaltar: os cantos das crianças (kyringue mborai) e os cantos ancestrais (mborai, também chamados de tarova). Os Mborai acontecem exclusivamente na Opy e são proferidos pelo oporaive (aquele que canta ou rezador).

Através da música e da voz, os cantores e cantoras buscam honrar, respeitar e invocar essas energias espirituais para obter orientação, cura e proteção. É uma forma de manter uma relação harmoniosa com o cosmos e a natureza, os cantos guaranis envolvem o elemento ar, as vozes das crianças e a conexão com o Grande Espírito. A Opy é um dos espaços da aldeia onde os cantos ressoam. As crianças e jovens levam consigo o ãngu'a pu (tambor), o mbaraka (uma espécie de violão, com 5 cordas) e a rabeça (uma espécie de violino, com 3 cordas). O mbaraka começa a ressoar; em seguida, o tambor, a rabeça e os mbaraka miri (chocalhos) o acompanham. Os corpos, também, traduzem o ritmo em movimentos, que são curtos e rápidos, principalmente com os pés. Na Opy os jovens, as crianças e os professores reúnem-se no começo e ao fim do dia, em volta do tata endy rekove (fogo aceso) para cantar. Então, todos os dias reverenciamos o elemento ar através das nossas vozes.

O canto é um dom. A pessoa já vem com isso. Aprende-se as músicas, mas não a cantar. Isso já vem com o espírito da pessoa. Lá onde Nhanderu (Grande Espírito) vive, eles estão cantando a todo tempo, cantando e dançando xondaro. Nesse sentido, cantar é também uma maneira de se lembrar do mundo do alto. A importância dos cantos não reside somente no que ressoa, mas também no aprendizado de escutar e de sentir aquilo que está ressoando.

Em síntese, as brincadeiras, na cultura Guarani, estão intrinsecamente relacionadas com a vida, com nosso modo de ser e de viver na natureza. O fogo, o vento, a água, os animais, participam nas brincadeiras, com as crianças. A brincadeira pulsa na Aldeia.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo meu percurso acadêmico, até ingressar na universidade, tive grandes professores. Pessoas que se empenharam em ensinar e incentivar, abordando, nas disciplinas, conteúdos voltados para a cultura e história indígena. Comecei a observar como era pensada a educação na terra indígena, na primeira infância.

Considero que o maior aprendizado vem com as experiências vividas, juntos a família e comunidade: com as crianças, os anciãos e os pais. A cosmovisão Guarani nos indica a maneira como ver o mundo. Como é compreendida a vida e sua transformação em relação a espiritualidade, com corpo e mente. A produção de conhecimento é sempre coletiva. Para nós, povo Guarani, educação é Nhandereko. Significa modo de ser e de aprender, parte do processo de formação social e cultural das crianças Guarani.

O objetivo principal da pesquisa foi investigar as brincadeiras presentes na infância Guarani Mbyá e contribuir para o processo de valorização e fortalecimento da cultura Guarani. Com a realização desta pesquisa, penso que foi possível contribuir para uma compreensão fundamentada sobre como a infância e as brincadeiras são vivenciadas pelos Guarani e como essas práticas podem ser valorizadas e incorporadas nas políticas públicas, na educação, nas disciplinas sobre desenvolvimento humano nas universidades e nas práticas sociais mais amplas.

Um dos primeiros movimentos na pesquisa foi mapear a produção científica sobre a infância e brincadeiras sobre o povo Guarani. Foi possível perceber que muitos dos trabalhos aqui analisados, foram produzidos por pessoas que estudaram o povo Guarani (ou de outras etnias indígenas). Este é um primeiro destaque que faço nestas considerações. A pesquisa feita por mim possibilitou compreender a brincadeira a partir de dentro da cultura Guarani.

Considero que esta pesquisa possa mobilizar outras pessoas que viveram a cultura a pesquisarem a partir de suas inquietudes, buscando compreender as relações entre a pesquisa, a produção do conhecimento a partir da valorização do vivido e da ancestralidade que compõe nossa cultura.

Trago minha própria compreensão, sobre como a comunidade Guarani também é um corpo coletivo e, portanto, as nossas brincadeiras têm um papel fundamental no fortalecimento dos laços afetivos e ao mesmo tempo a união. A palavra Nheovanga significa brincar em guarani. Para nós, “brincar” não é apenas divertido. É uma parte essencial da vida que abrange educação, conexões da comunidade onde se vive e convive, espiritualidade e preservação cultural.

Nossos corpos carregam em si a lembrança viva do coletivo. Podemos compreender como as brincadeiras permaneceram ao longo dos tempos e se manifestam ainda hoje com força e resistência nos corpos das crianças. Quando plantamos, as crianças nos acompanham (e fazem deste acompanhamento, tempo e espaço de brincadeira). Quando fazemos artesanato, as crianças nos acompanham. Quando cantamos e dançamos, as crianças nos acompanham. Quando rezamos, as crianças nos acompanham. Quando cozinhamos, as crianças nos acompanham. Em cada uma dessas atividades elas nos observam, aprendem e criam as suas infinitas brincadeiras, em comunhão com todos os aspectos da nossa vida cotidiana.

Brincar, para nós, está ligado ao pertencimento e a alquimia de unificar as atividades do dia a dia com imaginação. As brincadeiras e jogos desempenham um papel fundamental na transmissão do patrimônio cultural Guarani, ao mesmo tempo que fortalecem os laços entre as pessoas e sua conexão com a natureza.

O segundo objetivo nos exigiu um movimento de conversas e de mergulho nas tradições e na vida de nossos anciões e anciãs. Para conhecer as brincadeiras tradicionais do povo Guarani foi preciso sair da Aldeia, buscar na ancestralidade uma conexão de aprendizado. Ao longo da pesquisa trouxemos as conversas que tivemos com pessoas mais velhas, sábios que guardam nossa memória, nossa história e que foram fundamentais para compreendermos a importância da brincadeira para o povo Guarani.

Todas as conversas e falas de todos os anciões, para mim, foram de muito aprendizado. São histórias de vidas contadas por eles, são experiências valiosíssimas, que eu tive oportunidade de ver e vivenciar. Foram momentos únicos! Poder ouvir os mais velhos foi como um conselho para minha vida e para fortalecer e a nossa cultura Guarani. Uma possibilidade de poder repassar e compartilhar essa experiência com outras pessoas.

Foi um movimento de valorizar os conhecimentos, compartilhar nossos saberes. Este movimento é parte viva da tradição. É um modo efetivo para darmos continuidade à nossa cultura, sempre fortalecendo-a. Esta pesquisa mexeu profundamente comigo porque me possibilitou acessar minhas raízes e, ao mesmo tempo, traçar rotas para outros voos. Hoje analiso os objetivos mais amplos que me mobilizaram, ao longo da pesquisa. A projeção de um espaço para a educação infantil, inspirado na casa de reza, hoje é uma realidade em nossa Aldeia. Foi um tempo de muito estudo, muita dedicação e muito empreendimento de vida!

Escrevo aqui com as minhas palavras: suas preocupações, trazidas nas conversas lembram da importância e necessidade das nossas relações com nossa espiritualidade. É perceptível por todos os anciões que foram entrevistados. Cada um deles trouxe seus rezos de proteção e de agradecimento, para todos. E, como conselho, eu falo que precisamos ficar sempre

atentos e cuidar uns dos outros, principalmente das crianças na comunidade. E, sempre que tiver a oportunidade, vivenciar juntos com os mais velhos. Eu senti muito os rezos pelas crianças, pela sua família e da sua comunidade, e por todos. Uma preocupação legítima e tocante dos anciões e anciãs.

Repito aqui algo que me chamou atenção e que foi repetido pelos entrevistados. As nossas crianças estão deixando de nos ouvir, porque hoje em dia preferem ver televisão, jogar no celular. Já não brincam mais como antes. Tem muita sabedoria nestas constatações. E talvez seja preciso repensar o quanto nós, adultos, estamos respeitando e mantendo nossas tradições, sob o olhar sempre atento de nossas crianças, as novas gerações.

Um dos destaques, presente nas falas dos anciões foi a relação entre o trabalho dos adultos e a participação das crianças. Muitas das brincadeiras aqui relatadas foram sendo constituídas ao lado ou junto com o trabalho dos adultos. Por exemplo, a brincadeira da mandioca. A partir do conhecimento científico produzido nesta investigação espero produzir elementos sobre as brincadeiras na infância Guarani e contribuir na valorização da cosmologia guarani tradicionalmente oralizada.

Cabe lembrar que esta pesquisa contou sempre com as crianças. As entrevistas com os anciões tiveram sempre a presença das crianças, nas diferentes aldeias em que estivemos. Ou seja, compreender o papel das brincadeiras é poder estabelecer relações entre as brincadeiras tradicionais e a cultura Guarani. Acolher o interesse das crianças pelas atividades dos adultos, suas histórias, seu passado, suas memórias...

REFERÊNCIAS

- APALAI, Arawaje Waiana; BRITO, Angela do Céu Ubaiara; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. O brincar das crianças indígenas no Pará: um olhar para as narrativas e vivências do Povo Aparai. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 1, p. 115-131, 21 mar. 2022. <https://doi.org/10.17058/rea.v30i1.15741>
- ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira e PICOLI, Renata Palópoli. **Cuidado à saúde de crianças kaiowá e guarani: notas de observação de campo**. Rev. bras. crescimento desenvolv. hum. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822008000100006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0104-1282.
- BROSTOLIN, Marta Regina; OLIVEIRA, Evelyn Aline da Costa de. Os sentidos do aprender a ser indígena e o viver a infância da criança Terena. **Educação em Foco**, Belo Horizonte, v. 16, n. 22, p. 143–162, 2013. DOI: 10.24934/eef.v16i22.329. <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/329>
- BORGES, Paulo Humberto Porto. Sonhos e nomes: as crianças Guarani. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 22, n. 56, p. 53–62, abr. 2002. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622002000100004>
- BENITES, S. **Nhe’ẽ, reko porã rã: nhemboea oexakarẽ Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional): o olhar distorcido da escola**. 2015. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- BERGAMASCHI, M.A. **Nhembo’e enquanto o encanto permanece!: processos e práticas de escolarização nas aldeias Guarani**. [s. l.], 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4509>. Acesso em: 21 jun. 2023.
- BRASIL. **Bolsa Família**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-familia#oquee>. Acesso em: 21 jun. 2023.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2023]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.html. Acesso em: 21 jun. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos de Atenção Básica: Saúde da Criança: Nutrição Infantil**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de orientação: aleitamento materno**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde da criança: crescimento e desenvolvimento**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015.
- BROSTOLIN, Marta Regina; DA COSTA DE OLIVEIRA, Evelyn Aline. **Os sentidos do aprender a ser indígena e o viver a infância da criança Terena**. Educação em Foco, Belo Horizonte, v. 16, n. 22, p. 143–162, 2013. DOI: 10.24934/eef.v16i22.329

CHAVES, Antonio Marcos. Os significados das crianças indígenas brasileiras (Séculos XVI e XVII). **Journal of Human Growth and Development**, Santo André, v. 10, n. 1, p. 11-30, 2000. DOI: <https://doi.org/10.7322/jhgd.39509>.

COHN, Clarice. Concepções de infância e infância: Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221–244, maio 2013. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.2.15478>

FRAGOSO, Daisy Alves. A infância e o processo de ensino-aprendizagem entre os Guarani Mbya: jogo, música e educação. **Orfeu**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 031–044, 2017. doi.org/10.5965/2525530402022017031

FANTIN, M. **Jogos e brincadeiras na Educação Infantil**. In: MEIRELLES, R.; ROMEU, G. (Orgs.). No mundo da brincadeira: jogo, brinquedo e cultura na Educação Infantil. Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2000. p. 77-79.

FARIA, A.L.G. de et al. **Educação infantil: fundamentos e práticas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2020

FAUSTINO, Rosangela Célia; MOTA, Lúcio Tadeu. **Crianças indígenas: o papel dos jogos, das brincadeiras e da imitação na aprendizagem e no desenvolvimento**. Acta Scientiarum. Education, Maringá, v. 38, n. 4, p. 396-404, 14 set. 2016. <http://www.uem.br/acta>

FLIP. **Educação Viva: Experiências Indígenas**. [Vídeo online]. [1:41:25]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I5uP7Z3tKd0>. Acesso em: 21 de junho de 2023.

GOMES, João Carlos; NASCIMENTO, Adir Casaro. A pedagogia cultural da infância indígena Guarani e Kaiowá. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 26, n. 62/1, p. 335–354, 2017. doi.org/10.29286/rep.v26i62/1.4998

GRANDO, Beleni Salete; RODRIGUES, Eglen Silvia Pipi; PINHO, Vilma. **Crianças e infâncias indígenas: questões pertinentes para a educação infantil e a escola**. Poésis Pedagógica, Catalão, v. 17, n. 1, e-61720, 2019. <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/61720/35099>

GRANDO, Beleni Salete. **Infância, brincadeiras e brinquedos em comunidades indígenas brasileiras**. RevistAleph, Niterói, Ano XI, n. 22, p. 97-113, dez. 2014

LIBARDI, Suzana Santos; SILVA, Alana Gabriela Barros Doia da. Crianças indígenas no Brasil: qual a contribuição das pesquisas em psicologia? **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 12, n. 1, p. 48–60, 2021. <https://doi.org/10.36517/revpsiufc.12.1.2021.4>

MONGELO, J. V. **Okotêvé Já Vy'a Educação Escolar Indígena e Educação Indígena: Contrastes, Conflitos e Necessidades**. 2013. 91f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PEREIRA, Denilson Diniz; SILVA, Tailde Correia; FARIAS, Rosejane da Mota; AGUIAR E SILVA, Mariana Veríssimo Soares de. A educação especial em contexto indígena e as brincadeiras da etnia jeripancó. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, p. 55–66, 2020. [10.18227/2675-3294 rep.v1i0.6716](https://doi.org/10.18227/2675-3294.rep.v1i0.6716)

[STOFEL, Natália Sevilha](#); [TEIXEIRA, Iraí Maria de Campos](#); [Völz, Pâmela Moraes](#). **O que está destinado a reunir: cuidado infantil entre os Guarani Mbya**. *Ciênc. cuid. saúde*; 18(1): e 41633, 2019-02-13.
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/41633/751375139365>

SOEIRO, Bárbara, **Cordilheira de amora II: Detritos de infância Guarani-Kaiowá (UFBA)** DOI: <https://dx.doi.org/10.35499/tl.v16i1>

TASSINARI, A. M. I.. **Da civilização à tradição: os projetos de escola entre os índios do Uaçá**. In: SILVA, A. L.; FERREIRA, M. K. L. (Org.). *Antropologia, História e Educação*. 1 ed. São Paulo: Global, MARI, FAPESP, 2001. v. 1, p. 157-195.

VIÇOSA, Raquel Maria de Oliveira; MENEZES, Ana Luisa Teixeira de. Escola diferenciada guarani: entre o viver seminal e o viver ocidental. **HOLOS**, Natal, v. 8, p. 180–189, 2016. DOI: 10.15628/holos.2015.2430.

VERISSIMO, S.M.V. **Educação tradicional e o uso da tecnologia na infância guarani kyringue onheovanga ha'e jurua mba'e oiporu onhembo'ea py**. 2020. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena do sul da Mata Atlântica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

ZINN, Tamiris; RICHTER, Sandra Simonis; MENEZES, Ana Luisa Teixeira de. Infâncias e educação Guarani. **Revista Jovens Pesquisadores**, Santa Cruz do Sul, v. 5, n. 3, 11, p. 63-76, dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.17058/rjp.v5i3.5762>.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância: Ensaio psicológico**. São Paulo: Editora Ática, 2010.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Trad. M. Resende, Lisboa, Antídoto, 1979. A formação social da mente. Trad. José Cipolla Neto et alii. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1984.